

UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E NATURAIS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA INSTITUCIONAL

DANIEL DELVANO SILVA CUNHA

**ARTÍFICIOS, NARRATIVAS E BRICOLAGENS: EFETUA(AÇÕES) NA
CLÍNICA DO OFICINAR**

Vitória

2015

DANIEL DELVANO SILVA CUNHA

**ARTIFÍCIOS, NARRATIVAS E BRICOLAGENS: EFETUA(AÇÕES) NA
CLÍNICA DO OFICINAR**

Projeto de qualificação apresentado ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia Institucional, do Centro de Ciências Humanas e Naturais, da Universidade Federal do Espírito Santo.

Orientadora: Prof^ª. Dr^ª. Maria Cristina Campello Lavrador.

Vitória

2015

Banca de Defesa

Presidente: Prof. Dr^a. Maria Cristina Campello Lavrador

Membro Externo: Prof. Dr^a. Teresinha Cid Constantinidis

Membro Externo: Prof. Dr^a. Elizabeth Maria Freire de Araújo Lima

Membro Interno – Prof. Dr^a. Leila Aparecida Domingues Machado

Membro Suplente - Prof. Dr^a. Luciana Vieira Caliman

Membro Convidado - Prof. Ms. Alexandre Cardoso Cunha

DANIEL DELVANO SILVA CUNHA

**ARTIFÍCIOS, NARRATIVAS E BRICOLAGENS: EFETUA(AÇÕES) NA
CLÍNICA DO OFICINAR**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia Institucional, da Universidade Federal do Espírito Santo, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Psicologia Institucional.

Vitória, 12 de maio de 2015

BANCA EXAMINADORA

Prof.^a Dr.^a Maria Cristina Campello Lavrador
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA INSTITUCIONAL/UFES

Prof.^a Dr.^a Elizabeth Maria Freire de Araújo Lima
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA UNESP/Assis

Prof.^a Dr.^a Teresinha Cid Constantinidis
DEPARTAMENTO DE TERAPIA OCUPACIONAL – CIÊNCIAS DA SAÚDE/UFES

Prof.^a Dr.^a Leila Aparecida Domingues Machado
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA INSTITUCIONAL/UFES

Prof.^a Dr.^a Luciana Vieira Caliman
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA INSTITUCIONAL/UFES

*“Modernizar o passado é uma evolução musical
Cadê as notas que estavam aqui?
Não preciso delas!
Basta deixar tudo soando bem aos ouvidos.
O medo dá origem ao mal.
O homem coletivo sente a necessidade de lutar
O orgulho, a arrogância, a glória
Enche a imaginação de domínio
São demônios, os que destroem o poder bravio da humanidade
Viva Zapata! Viva Sandino! Viva Zumbi!
Antônio Conselheiro!
Todos os panteras negras
Lampião, sua imagem e semelhança
Eu tenho certeza, eles também cantaram um dia.”*

(Chico Science)

RESUMO

Este trabalho objetiva cartografar os efeitos de oficinas realizadas nas áreas da saúde mental, assistência social e arte-cultura. Entende-se o Oficinar como um dispositivo terapêutico e são pontuados, oportunamente, alguns modos, apostas e princípios referentes, modulações e experimentos que foram propostos desde o ano de 2006. Investiga-se as oficinas como um artifício na e da clínica a partir de uma perspectiva crítica dos processos e das relações que atravessam os jogos no Oficinar. O trabalho está dividido em três planos narrativos, possibilitando leituras independentes, muito embora elas se conectem em alguns encontros ao longo das explicações. O primeiro “Narrativas Híbridas”, traz uma descrição dos personagens conceituais Pedro Malasartes e Sebastian Rodrigues. Ambos vivem e contam as histórias vivenciadas pelo autor por meio de cartas, fotos, poesias, músicas e relatos – os efeitos possíveis nos processos e vivenciados em oficinas ocorridas num abrigo de população em situação de rua e numa ONG de educação não-formal. O segundo, “Viagens no Recife”, é um relato da experiência de imersão durante 30 dias na rede de atenção psicossocial (RAPS) do Recife pelo projeto “Percursos formativos na RAPS: Intercâmbio entre experiências e supervisão clínico-institucional”, do Ministério da saúde. Com a temática associada às demandas relacionadas ao álcool e a outras drogas, este plano traz algumas análises e problematizações no campo de atuação e de pesquisa-intervenção entre a RAPS do Recife e a RAPS de Vila Velha. No último, “A Roda”, enfatiza-se um *ethos* peculiar ao fazer alusão à roda de capoeira e à sua musicalidade e às linhas de subjetivações, o corpo no jogo desenvolvido no Oficinar a fim de mapear os elementos que compõem o que chamamos de “O Oficinar numa ética da Vadiagem”, bem como traz narrativas do Oficinar num “CAPS transtorno” e num CAPS álcool e outras drogas. Ao final, Sebastian traz fragmentos teóricos por uma Terapia Ocupacional tramada com as ferramentas conceituais da esquizoanálise.

Palavras-Chave: Oficinas; Clínica; Rede de Atenção Psicossocial, Política.

ABSTRACT

ARTIFICES, NARRATIVES AND BRICOLAGE: APPLICATION AND EFFECTS IN CLINIC WORKSHOPS

The purpose of this paper was to map the effects of workshops related to mental health, social welfare and art/culture. Workshopping is understood as a therapeutic tool and some approaches, proposals and related principles, modifications and experiments proposed since 2006 were duly assessed. Workshopping was investigated as an instrument of and in clinics, from a critical perspective of the processes and relations underlying the workshop games. The study is divided into three narrative planes, which allow independent reading, but are linked by several interfaces along the explanations. The first plane, "Hybrid Narratives", provides a description of the conceptual characters Peter Malasartes and Sebasthian Rodrigues. Both tell experiences and stories by means of letters, pictures, poems, songs, and reports, expressing possible effects of processes and experiences in workshops in a homeless shelter and in a NGO for non-formal education. The second, the "Journey in Recife," is an account of an immersive experience of 30 days in the psychosocial care network (RAPS) of Recife/Pernambuco, in the framework of the Project "Training pathways in RAPS: interchange between experience and clinical-institutional supervision", of the Ministry of Health. As the subject is associated with demands related to alcohol and other drugs, this plane presents some analyses and problem statements in the field of intervention measures and research, focused on the RAPS Recife/Pernambuco and RAPS Vila Velha/Espirito Santo. Finally, in "The Circle", a peculiar ethnic element is addressed, which is the capoeira circle with its musicality and lines of subjectivation, emphasizing the body in games developed in workshops, to map the elements of what we call "Workshopping in an ethic of idleness". In narrative descriptions, workshops at a "Psychosocial Care Center (CAPS) for mental disorder" and a CAPS for alcohol and other drugs are highlighted. At the end, Sebasthian adds theoretical fragments of an Occupational Therapy plotted with conceptual tools of schizoanalysis.

Keywords: Workshops; Clinic; Psychosocial Care Network, Politics.

SUMÁRIO

PLANO 1 - NARRATIVAS HÍBRIDAS

INTRODUÇÃO: SOBREVOANDO A PAISAGEM.....	09
ÓPROCÊVÊ.....	12
SEXTA-FEIRA E SEUS EFEITOS.....	16
AO REDOR DA FOGUEIRA.....	20
CARTAS DE UM PEDRO E DE UM TIÃO.....	24
Carta 1 – Tião.....	24
Carta 2 – Pedro.....	27
Carta 3 – Tião.....	29
Carta 4 – Pedro.....	33
INCORPORANDO DOBRAS À TRAMA.....	37

PLANO 2 - VIAGENS NO RECIFE

RECIFE, PRIMAVERA DE 2014.....	39
TIÃO NA RUA.....	46
RODA DE HISTÓRIAS DE RUA E NA RUA.....	49
PEDRO MALASARTES NO CAPS AD.....	55
VIVÊNCIAS DE PEDRO E NINA.....	57
AJEITANDO O EMBORNAL E ORGANIZANDO AS MALAS.....	63
TÉCNICOS DE REFERÊNCIA – DESRESPEITANDO OS ESPECIALISMOS.....	66
TRANSVERSALIDADE – AMPLIANDO A CLÍNICA.....	68
SINGULARIDADES E REDUÇÃO DE DANOS.....	69

PLANO 3 - A RODA

A RODA	73
A RODA DE CAPOEIRA, A MUSICALIDADE E AS LINHAS DE VIDA.....	77
UM OFICINAR E A RODA.....	86
O CORPO NO JOGO DO OFICINAR.....	89
UM OFICINAR, UM EMBORNAL E O MANICÔMIO QUE MORA AO LADO.....	93
SEGUNDA-FEIRA.....	94
TERÇA-FEIRA.....	95
QUARTA-FEIRA.....	100
QUINTA-FEIRA.....	105
SEXTA FEIRA.....	105
UM OFICINAR NUM CAPS AD.....	109
INVENTANDO MODOS: O OFICINAR NUMA ÉTICA DA VADIAÇÃO.....	113
POR UMA TERAPIA OCUPACIONAL.....	118
TRILHAS E NARRATIVAS REGISTRADAS POR OUTROS.....	123

INTRODUÇÃO: SOBREVOANDO A PAISAGEM

Esta pesquisa traz diversas nuances de um Oficinar entrelaçadas na problematização dos processos transversalizados na clínica em saúde mental e álcool e outras drogas bem como no âmbito da assistência social. Aposta-se cartografar – por meio de narrativas, músicas, fotos, vídeos – os encontros e seus efeitos. Objetiva-se afirmar alguns modos, princípios, modulações e experimentos que foram possíveis, bem como afirmar as oficinas¹ como um artifício na e da clínica.

Buscando cartografar os efeitos do que se transversaliza nas Oficinas e suas relações com uma vida que é simultaneamente singular e atravessada pelo coletivo, propomos acompanhar as modulações, repensando modos de Oficinar numa clínica que transborda os/nos estabelecimentos de assistência à saúde, de assistência social, de arte e caminha por diversos campos e estabelecimentos, clínicas, abrigos, serviços substitutivos aos hospitais psiquiátricos, abrindo novas possibilidades de criar e expressar modos de vida outras, que pedem passagem.

O estilo é narrativo. Trata-se de percursos realizados em diversas paisagens que foram percorridas desde o final do ano de 2005 e ainda hoje continuam suas efetuações. Na linguagem dos contos de tradição oral, tramam-se enredos, ora fictícios ora reais na oralidade dos contos. Pelo fato de a maioria das vivências terem sido um mergulho nas intensidades do passado, para ressignificá-las no presente, foi impraticável falar disso tudo impassível e comportadamente (ROLNIK, p.230, 2006).

As narrativas aqui contidas não estão interessadas em transmitir “o puro em si” da coisa narrada como uma informação ou um relatório. “Ela mergulha a coisa na vida do narrador para em seguida retirá-la dele. Assim se imprime na narrativa a marca do narrador, como a mão do oleiro na argila do vaso” (p.09). O narrador pode recorrer ao acervo de toda uma vida – uma vida que não inclui apenas a própria experiência mas, em grade parte a experiência alheia. (BENJAMIN 1994, p.52)

Para tal narrativa lançamos mão da definição de personagens conceituais de Deleuze

¹Espaços destinados ao uso de atividades no cotidiano dos estabelecimentos de assistência à saúde e assistência social.

(1992). Descolado de um padrão individualizante, os personagens expõem e/ou vivem os conceitos-ferramentas trabalhados de forma que “operam os movimentos que descrevem o plano de imanência do autor, e intervém na própria criação de seus conceitos (...) O personagem conceitual é o devir ou o sujeito de uma filosofia” (p.85,86). Aqui, os personagens conceituais e as figuras estéticas misturam-se, ora em tipos psicossociais, ora em potências de afectos e perceptos (p.88).

Este trabalho foi configurado em três planos narrativos. A superfície forjada nos modos da **história oral** dá voz e traz contornos aos fluxos e intensidades enviesadas nas experiências, enquanto as notas de rodapé marcam traços de densidades conceituais e outros esclarecimentos que ajudam a entender as relações estabelecidas com o campo teórico escolhido.

A proposta aqui contida concentra-se nos movimentos e fenômenos menores, enraizados na experiência coletiva – não para representá-los, mas para mapeá-los. Aqui, “menores” traz a noção de literatura menor proposta por Deleuze e Guattari (1977) enquanto procedimento narrativo e metodológico da presente pesquisa (um olhar que se distancia das grandes epopéias, onde os casos padrões e os fundos gerais são narrados). Uma literatura menor, portanto, se caracteriza primeiramente pelo aumento do coeficiente de desterritorialização, fazendo emergir as condições de produção daquilo que é narrado, o plano de constituição.

Afirma-se que tudo é político – ou seja, “há sempre um coletivo mesmo se se está sozinho” (DELEUZE e GUATTARI, 1976, p.13). O caso individual se ramifica no que acontece no plano político e, por adquirir valor coletivo, evidencia o agenciamento da enunciação num plano de fluxos e processos heterogêneos (DELEUZE & GUATTARI, 1977, p.25).

Neste sentido, compomos as narrativas e utilizamos os personagens conceituais para cartografar os processos em cada momento da pesquisa-intervenção. A processualidade se faz presente nos avanços e nas paradas, em campo, em letras e linhas, na escrita, em nós. A cartografia parte do reconhecimento de que, o tempo todo, estamos em obra. O acompanhamento de tais processos depende de uma atitude, de um *ethos*, que não está garantida de antemão. Ela requer aprendizado e atenção permanente, pois sempre

podemos ser assaltados pela política do pesquisador cognitivista: aquele que se isola do objeto de estudo na busca de soluções, regras, invariantes. O Cartografar seria portanto acompanhar processos. Durante todo momento, a narrativa faz circular os resultados da pesquisa e é igualmente processual e coletivo, resultado dos muitos encontros possíveis. Mesmo o cientista que trabalha isolando variáveis produz conhecimento e mundo. O cartógrafo, imerso no plano das intensidades, lançado ao aprendizado dos afetos, se abre ao movimento de um território. (BARROS e KASTRUP, 2012, p.73).

Esse é um trabalho de arte artesanal – a narrativa como um ofício manual (BENJAMIN, p.9, 1994). Também podemos utilizar a cartografia em paisagens psicossociais. Para Suely Rolnik, “a cartografia, nesse caso, acompanha e se faz ao mesmo tempo que o desmanchamento de certos mundos – sua perda de sentidos – e a formação de outros: mundos que se criam para expressar afetos contemporâneos, em relação aos quais os universos vigentes tornaram-se obsoletos”. A autora afirma ser a “tarefa do cartógrafo dar língua aos afetos que pedem passagem, espera-se dele que esteja imerso nas intensidades de seu tempo e que, atento às linguagens que encontra, devore as que lhe parecerem elementos possíveis para a composição das cartografias que se fazem necessárias” (2007, p.23).



Presente recebido: Pintura Coletiva realizada no CAPS Moxuara.

ÓPROCEVÊ²

O plano 1, Narrativas Híbridas, traz uma descrição dos personagens Pedro Malasartes, um típico matuto brasileiro; Sebastian Rodrigues, um pesquisador-cartógrafo e Terapeuta Ocupacional e o Bicho-de-sete-cabeças. Após se conhecerem num lugar chamado “entre”, nossos personagens vão correr mundo. Ambos vivem as histórias e narram por meio de cartas as experiências vivenciadas por mim e registradas em diários de campo desde o ano de 2006.

Há algum tempo um menino chamado Pedro, arteiro, vadiava pelas ruas. Um dia, numa de suas andanças, foi surpreendido por um tal bicho-de-cabeças-patologizante³. Esse encontro foi uma marretada em sua existência e o tirou do lugar. Os efeitos da marretada o amoleceram, sua ginga cadenciou e n’outra levada sua dança fez movimentos diferentes. Num solo comum Pedro caminhou.

A tarde foi se transformando em noite. Num lugar chamado “entre”, aprendeu um ofício e conheceu Tião, um cientista estrangeiro que, com certo ar de superioridade, vivia a pesquisar os modos de vida e a ética do “entre⁴”, queria reproduzir as mandingas e vadiações daquele povo. Na boca da noite, ao redor de uma fogueira, contam histórias.

Tião começa a descobrir aos poucos que não conseguirá capturar por completo ou reduzir aquelas narrativas de vida a um modelo rígido. Acompanha processos. Cultiva uma atenção aos movimentos daquilo que é processo, passa e foge. Entende e sente aos

²² Neologismo criado para representar transcrevendo para a escrita, a forma oral de um regionalismo – nesse caso, um convite ao leitor a se “aproximar” da presente narrativa/pesquisa.

³ Fazemos referência ao filme nacional de Drama “Bicho de cabeças” - (2000), MENDONÇA, M. *Bicho de sete cabeças* – um grito de alerta. Comunicação & Educação, Brasil, v. 8, n. 23, 2008. Dirigido por Laís Bodanzky e com roteiro de Luiz Bolognesi, baseado no livro autobiográfico de Austregésilo Carrano Bueno, Canto dos Malditos. O filme conta a história de um jovem, que foi internado num manicômio pelos pais terem o encontrado com um cigarro de maconha. Já o termo “patologizante” refere-se a um processo manicomial institucionalizante produtor de doença e alienação. Uma crítica aos estabelecimentos asilares e seus diversos modos de pensar/sentir/agir que atualizam e retroalimentam essa lógica manicomial de produção de doença, em que quem não é louco, acaba ficando.

⁴ O “Entre” Aqui fazemos referência a uma ética da imanência, uma conexão/atenção a que DELEUZE chama de plano de Imanência.

poucos aquela ética. Pedro traz no corpo a capoeira e uma ética da vadiagem, do improvisado. Exercita seus afectos e perceptos numa lógica dos encontros⁵.

Ao sair dali, afetados pelos encontros, cada um com sua ginga, continuam trilhando seus ofícios e correspondem-se por cartas, narrando os efeitos e seus encontros num ofício. Falam de artifícios, apostas éticas, dispositivos, bricolagens híbridas para compor suas cartografias. Eles trazem fotos, poesias, músicas e relatos – artifícios expressivos possíveis nos processos e experiências em oficinas, ocorridas num abrigo de população em situação de rua e numa ONG de arte-educação e educação não-formal.

Pedro, ao escrever as cartas, aprende a cartografar seus encontros. Tião, após conhecer Pedro, o “entre” e suas cartas, exercita no corpo um afetar-se com aquilo que apenas racionalizava em seus relatos de pesquisa.

O segundo plano narrativo, “Viagens no Recife”, relata a experiência de imersão durante 30 dias na rede de atenção psicossocial (RAPS) do Recife. O projeto “Percurso formativo na RAPS: Intercâmbio entre experiências e supervisão clínico-institucional” é um projeto da coordenação geral de saúde mental, álcool e outras drogas do Ministério da Saúde. A temática nesse plano está associada às demandas relacionadas ao álcool e outras drogas. As cartografias foram realizadas a partir dos diversos analisadores possíveis que emergiam e se encontravam na pele da cidade, no território e no campo de atuação.

As narrativas trazem as potencialidades da RAPS do Recife, interlocuções do consultório de e na rua e as experiências num ofício no CAPS⁶ ad e foram mapeadas

⁵ Afetos, afectos e afecções – concepção espinozana que está relacionada aos efeitos dos encontros nos corpos. “As afecções (*affectio*) são os próprios modos.” (...) “...o que acontece ao modo, modificações do modo, os efeitos dos outros modos sobre este.” (DELEUZE, 2002, p.55). Neste trabalho, faremos menção à concepção Espinozana de bons e maus encontros enquanto afecções. As afecções remetem a um estado do corpo afetado e implica a presença do corpo afetante. “Um modo existente define-se por certo poder de ser afetado. Quando encontra outro modo, pode ocorrer que esse outro modo seja “bom” para ele, isto é, se componha com ele, ou ao inverso, seja “mau” para ele e o decomponha”. “Diz-se, que conforme o caso, que a sua potência de agir ou força de existir aumenta ou diminui, visto que a potência do outro modo se lhe junta, ou, ao contrário, se lhe subtrai, imobilizando-a e fixando-a” (DELEUZE, 2002, p.56).

⁶ Os Centros de Atenção Psicossocial, surgiram fomentados pela luta antimanicomial enquanto principais dispositivos norteadores e articuladores da rede de saúde mental tendo como base os

por meio de fotos, grafites e artes murais das ruas, poesias, rodas de conversa e entrevistas. Essas estão enviesadas na lógica da redução de danos e da transversalidade na clínica ampliada.

Neste CAPS, Pedro encontra-se com Nina, uma Terapeuta Ocupacional do CAPS ad do Recife. Nina conta como foi despertada e construída uma de suas experiências do oficiar e fala sobre algumas diferenças no manejo das oficinas terapêuticas e dos grupos de Terapia Ocupacional. Já Malasartes traz fragmentos narrativos de suas experiências num CAPS ad onde Oficinou por algum tempo.

Ao final do plano 2, os personagens trazem algumas problematizações teórico-práticas e fazem uma análise das implicações⁷ ético-políticas suscitadas. Pedro e Tião estão dispostos a produzir diferenças, potencializar suas práticas e afirmar alguns conceito-ferramentas que se transversalizam numa clínica ampliada.

Este trabalho não pretende compor um extenso estudo sobre o Oficiar, nem tampouco desenvolver um conceito em Terapia Ocupacional, mas colocar-se no entre: cartografar e narrar as experiências num Oficiar no campo da saúde mental e em outros âmbitos. Ao narrar as práticas, buscou-se garimpar os feixes de brilhos de vida nos olhares e as intensidades das experimentações possibilitadas, que trazem um engendramento com as apostas éticas e políticas da presente pesquisa.

No terceiro e último plano narrativo, “A Roda”, enfatiza-se um *ethos* no Oficiar ao fazer alusão à roda de capoeira, à sua musicalidade e às linhas de subjetivações, o corpo

paradigmas da desinstitucionalização e da reabilitação psicossocial. É um serviço aberto de atenção diária que oferece uma gama de terapêuticas, entre as quais as oficinas, que se colocam como fundamentais para fazer valer os ideais da reforma psiquiátrica. O Ministério da saúde define que os serviços substitutivos tipo CAPS devem, necessariamente, oferecer oficinas terapêuticas, de modo que elas são uma das principais formas de tratamento encontradas neste estabelecimento (CEDRAZ e DIMESNTEIN, 2005; MINISTÉRIO DA SAUDE, 2004).

⁷“A proposta de analisar nossas implicações é uma forma de pensar, cotidianamente, como vêm se dando nossas diferentes intervenções. Dentro de uma visão positivista que afirma a objetividade e a neutralidade do pesquisador/profissional, as propostas da Análise Institucional tornam-se, efetivamente, um escândalo, uma subversão. Colocar em análise o lugar que ocupamos, nossas práticas de saber-poder enquanto produtoras de verdades – consideradas absolutas, universais e eternas – seus efeitos, o que elas põem em funcionamento, com o que elas se agenciam é romper com a lógica racionalista ainda tão fortemente presente no pensamento ocidental. A análise de implicações traz para o campo da análise sentimentos, percepções, ações, acontecimentos até então considerados negativos, estranhos, como desvios e erros que impediriam uma pesquisa/intervenção de ser bem sucedida” (COIMBRA, 2008, p.3).

no jogo proposto, a fim de demonstrar os elementos que configuram o que estamos chamando inventando modos: O Oficinar na ética da Vadição. Num segundo momento, cada personagem, ao seu modo, narra as vivências num CAPS que atende pessoas com transtornos mentais graves e num CAPS álcool e outras drogas. Ao final, Tião traz fragmentos teóricos por uma Terapia Ocupacional tramada com as ferramentas conceituais da esquizoanálise.

Com os personagens Pedro Malasartes e Sebastian Rodrigues, poderemos sobrevoar e caminhar entre as paisagens por eles contempladas. Vivenciar diversidades nos modos de estar na clínica com essas e outras figuras. Além das histórias de vida, narram encontros no “entre” de seus ofícios. Ali, numa clínica em que alguns denominam como oficinas, atividades terapêuticas ou terapia ocupacional. Contarão histórias de suas trajetórias e os efeitos dos encontros por eles vivenciados, cada um a seu modo. Dizem os que sabem que eles irão trocar cartas com outros personagens e visitar novos lugares, buscando caminhar nos interstícios de espaços que realizam e usam atividades com finalidades diversas – caçam curtos instantes revolucionários num impulso experimentador, ávido às novas trilhas. Será?

Pedro Malasartes é um típico matuto brasileiro, anti-herói, suas histórias estão espalhadas pelo Brasil afora e até pelo mundo. Contam que Malasartes percorreu vários países e recebeu diferentes nomes por onde passou. Na Espanha, ficou conhecido como Pedro de Udermales; na Alemanha, existiu como Till Eulenspiegel; na Noruega, Peer Gynt; ficou Famoso também nas histórias árabes, onde recebeu o nome de Nasrudin; em Portugal, era simplesmente "Malasarte"; no Brasil, já foi identificado também pelos que queriam capturá-lo como Besouro Preto de Mangangá – um capoeira, temido pelos capitães do mato; recentemente, reapareceu no cinema como João Grilo⁸. Ao ouvir suas narrativas, há quem diga que ele não existiu; alguns dizem, porém, que já o viram pessoalmente e até aprenderam como fazer uma Sopa de Pedra⁹ deliciosa.

O fato é que o astuto e humilde Pedro Malasartes continua explorando o mundo em suas aventuras e peripécias. Ele, cheio de artifícios e artimanhas, enfrenta o que der e vier –

⁸Personagem do filme brasileiro: O Auto de Compadecida, lançada em 2000, dirigido por Guel Arraes, baseado na peça teatral homônima lançada em 1955 e escrita por Ariano Suassuna. Acesso em 12/12/13, disponível em: <http://educacao.globo.com/literatura/assunto/resumos-de-livros/auto-da-compadecida.html>

⁹ Um dos contos tradicionais brasileiros mais famosos que conta uma das aventuras de Pedro Malasartes.

principalmente se for diante de poderosos, vaidosos e avarentos, pessoas, coisas, e até bichos esquisitos que cruzarem seu caminho. Tolo, ingênuo, corajoso e louco-sábio, Pedro apresenta várias faces em suas narrativas, sempre disparando um pensar sobre as convenções e regras naturalizadas, que são seguidas sem serem questionadas.

SEXTA-FEIRA E SEUS EFEITOS

Cidade alta, Centro de Vitória/ES. Havia um prédio sendo demolido. Ali seria construída outra coisa que não se sabe bem. Os trabalhadores utilizavam marretas e britadeiras para derrubar as paredes e algo da estrutura. Enquanto conversavam, Pedro e seu irmão observavam os trabalhadores na demolição. Uma marreta que pesa aproximadamente 10 quilos era a mais utilizada e pelo visto a mais potente. Nesse dia, seu irmão, que era construtor, contou que o apelido daquela marreta observada é "sexta-feira". Dizem os que sabem que esse apelido deve-se ao fato de que o trabalhador que maneja esta ferramenta, por ser muito pesada, fica praticamente impossibilitado de trabalhar no outro dia com tantas dores musculares, e assim, o "caboclo" só pode utilizá-la às sextas-feiras.

Saindo dali, Pedro Malasartes caminhou, caminhou, caminhou, chegando n'um vilarejo. Conseguiu abrigo e comida. Ao final do dia, sentou para trocar experiências e ouvir as histórias dali. Ele, um viajante¹⁰, contou mitos e lendas de terras distantes. Seus anfitriões, camponeses, narravam histórias de sabedoria e tradições daquela terra. Naquela noite ele trocou experiências, construiu pontes e foi dormir tranquilo e feliz.

Todas as manhãs ele acordava cedo e explorava os arredores do vilarejo.

Um pouco distante do povoado, numa de suas andanças, Malasartes ouviu algumas histórias terríveis sobre um tal "Bicho-de-sete-cabeças-patologizante", que habitava aquelas regiões e amedrontava os moradores daquele lugar. Soube então que, com ar de intimidade, alguns o chamavam de UNAED¹¹ – e descendia de uma família chamada

¹⁰ Walter Benjamin em sua obra clássica: "O Narrador: Considerações Sobre a Obra de Nikolai Leskov" (1994) define os dois tipos tradicionais de contadores de histórias: Os sedentários, os artífices, artesãos que conheciam as histórias e lendas da região em que habitavam. E os viajantes, menestréis, trovadores, os que traziam histórias de terras distantes e desconhecidas.

¹¹Unidade de atendimento à pessoa com deficiência é um dos três setores do Instituto de atendimento

Secretaria de Justiça do Estado Espírito Santo – que de Santo nada tinha. Contaram também que o bicho surpreendia suas presas e as engolia vivas, deixando-as presas em seu calabouço intestinal. Histórias terríveis e deprimentes sobre o Coisa-ruim corriam ao redor de Pedro. Ele caminhava, vadiava, ouvia aquelas histórias, mas caçoava de quem tinha medo do monstro e gargalhava dos que diziam ser ele mortal e perigoso.

O dia passou, o sol caiu na boca da noite, Pedro já se preparava pra dormir, na loca da pedra, no meio mato.

Ruídos.

Correntes se arrastavam... E uma mistura de curiosidade e medo invadia Pedro. Folhas secas anunciavam as pegadas duras que insistiam em chegar.

Troc...Troc...

Era ele?

O Bicho! O Bicho!

Ai ai ai.

Com Malasartes, entretanto, foi diferente! Como bom Capoeira, ele gingou, vadiou, jogou, ficou emboscado. Pulou de lado pra se safar e, na hora da dor, lutou, lutou e lutou com o "Bichano" não para matá-lo, mas para enfraquecê-lo, como já o haviam contado. Pedro deveria entremeter-se em sua boca invadindo suas entranhas que, naquele tempo, segundo os homens e mulheres grandes¹² dali, o único modo de matá-lo era mortifindo-o aos poucos.

sócio-educativo (Secretaria de Justiça do Estado do Espírito Santo). Neste período havia aproximadamente 55 pessoas morando na instituição por determinação judicial - na faixa etária entre 5 e 50 anos. Alguns dos adultos que lá moravam estavam institucionalizados desde a infância.

Obs.; Embora se refira à um local específico, poderíamos citar outros estabelecimentos onde historicamente reproduz-se práticas institucionalizantes e manicomiais, ou seja, citaríamos Hospital Colônia Aduino Botelho e Clínicas Santa Isabel Cachoeiro/ES.

¹²Assim são chamados os anciões de determinadas tribos em cabo verde/África.

Se o matasse de repente, os presos que lá estavam também morreriam, tamanha era a capilaridade do seu poder de alienação sobre seus prisioneiros.

Ele foi entrando.

Escuro e Abafado. Opressão e Clausura. Ranger de dentes. Cheiro de merda. Calabouço intestinal monstruoso. Havia pessoas ali!

Pedro Malasartes, coletor, cultivador e contador de histórias, garimpava feixes de brilhos nos olhares dos que ali estavam, bebia de suas histórias. Muitas histórias. Histórias de medo, histórias de abandono, histórias de terror, histórias de vida e também de redes afetivas dentro do monstro!

Não podendo ficar sossegado, Malasartes tateava a volta à sua loca e insistia em retornar ao calabouço. Ele era guiado pelos brilhos narrativos da vida dos que ali estavam e trabalhavam.

– Trabalhavam? É, trabalhavam.

Além dos enclausurados pelo monstro, esses trabalhadores também ficavam entorpecidos pelo contato com os gases intestinais em seu cotidiano de trabalho. Alguns adoeciam e morriam em vida, tal qual estivessem aprisionados com o monstro dentro de si¹³.

O tempo passava correndo feito um rio que ninguém vê. Pessoas continuavam indo parar lá. Nem sempre surpreendidas pelo Sete-cabeças como diziam as lendas. Algumas tinham sido excluídas do vilarejo por terem corpos ou trejeitos diferentes, essas eram recolhidas nas ruas e levadas a ele – enquanto outras eram entregues ainda na infância e cresciam dentro do Bicho-patologizante. De diferentes modos, as pessoas daquele vilarejo contribuíam para a sobrevivência do monstro.

¹³Considerando que as instituições não se limitam aos muros de seus estabelecimentos, Peter Pelbart (1956, p.88), referindo-se ao confinamento dos manicômios, enfatiza que a questão central não está simplesmente na eliminação dos manicômios mas, para além disso, está nos manicômios mentais em nós em que confinamos a desrazão.

Contam ainda que as poucas pessoas que de lá escapavam sobreviviam às margens do povoado. Traumatizadas, tentavam esquecer-se das lembranças daquele mau encontro¹⁴. Enquanto alguns dos moradores do vilarejo insistiam em recordar a triste história, os coronéis, por diversas vezes, levavam-nas à força de volta à clausura intestinal.

Você deve estar se perguntando o porquê, já que os coronéis e o povo daquele lugar diziam tanto temer àquele Bicho. Porque, então, ainda o alimentavam?

Muitas interrogações turbilhonavam também a cabeça de Pedro.

Ao retornar do interior daquelas histórias de vida, seus olhos limpavam-se um pouco mais dos pré-conceitos, os ouvidos aguçavam-se às escutas do silenciar. No corpo, um espantear mais flexível após as suaves marretadas, que cuidadosamente transformavam os dramas de Malasartes em inquietações vitais – "tramadas" por Pedro para aumentar sua potência de vida e a do outro¹⁵.

O fato é que Pedro Malasartes nunca mais foi o mesmo malandro. Os efeitos da sexta-feira o amoleceram. Agora, o é diferente, com uma veia de militância e enfrentamentos ferrenhos aos desejos do Bicho-de-sete-cabeças-patologizante, que vez ou outra reaparece por aquelas bandas – em bichos e em pessoas.



Ele seguiu viagem, pegou sua música, suas histórias e suas ferramentas indo correr o mundo.

Foto: Mosaico com cerâmica, adquirido numa oficina de geração de renda do CAPS Moxuara (2011).

¹⁴ Neste trabalho faremos menção à concepção Espinozana de bons e maus encontros enquanto afecções (*afectio*). As afecções remetem a um estado do corpo afetado e implica a presença do corpo afetante. “Um modo existente define-se por certo poder de ser afetado. Quando encontra outro modo, pode ocorrer que esse outro modo seja “bom” para ele, isto é, se componha com ele, ou ao inverso, seja “mau” para ele e o decomponha”. (...). “Diz-se, que conforme o caso, que a sua potência de agir ou força de existir aumenta ou diminui, visto que a potência do outro modo se lhe junta, ou, ao contrário, se lhe subtrai, imobilizando-a e fixando-a” (DELEUZE, 2002, p.56).

¹⁵Os novos movimentos de Pedro foram disparados por um exercício ético. Nesse sentido, Machado (2007, p.2) afirma que “(...) para nos movermos, precisamos avaliar e escolher entre o que nos faz morrer e o que nos faz viver. O quanto cada uma de nossas ações produz de potência e de mortificação no outro e em nós mesmos”.

AO REDOR DA FOGUEIRA

Certo dia chegou num lugar chamado "entre". Naquele lugar o povo misturava de tudo um pouco, o que foi rapidamente aderido por Malasartes. Tinha gente que era médico, e artista, e capoeira, e cozinheiro, e guerreiro, e contador de histórias, e isso, e aquilo, e aquilo outro, e, e, e – e isso aumentou a potência de Malasartes que, por um tempo, resolveu permanecer e aprender um pouco sobre esse ofício que ali ensinavam.

Ocupavam-se de criar rizomáticas redes hiperconectivas, de dar passagem aos múltiplos movimentos do desejo que pedem expressão, de tudo que desse língua e servisse para cunhar matéria de expressão¹⁶. Desenhavam e acompanhavam os movimentos que se passavam "entre" as coisas, as narrativas, as pessoas, os sussurros, as quase-causas¹⁷, as vizinhanças, as diferenciações que faiscavam, a ética do cuidado entre os seres, as experimentações. Eram criativos mestres em transformar, em reciclar, em criar bricolagens¹⁸, em espontanear sempre num mesmo modelo – o de não ter modelos ou formas, mas, sim, afirmar alguns princípios!

(Ufa! agora sim!)

Ele era Pedro Malas-artes! Carregava numa mala ferramentas artesanais, apetrechos tecnológicos capazes de fazer vibrar, dispositivos musicais, narrativos e terapeutizantes e lúdicos e,e,e, e o que mais (o) encontrasse no caminho, servindo-lhe de pistas num caminhar que traçava as metas¹⁹: um verdadeiro Bricoleur²⁰!

¹⁶Aqui, antropofageando Suely Rolnik (p.23, 2007), fazemos menção ao modo cartográfico de produzir pesquisa, método este que utilizaremos. “A prática de um cartógrafo diz respeito, fundamentalmente, às estratégias das formações do desejo no campo social” (p. 65). “O que ele quer é mergulhar na geografia dos afetos e, ao mesmo tempo, inventar pontes para fazer a sua travessia: pontes de linguagem” (p. 66).

¹⁷Sobre o sentido de Quase-causa, ver a obra de Deleuze & Guatarri (1976).

¹⁸Bricolagens são criativas associações de fragmentos (objetos, narrativas, sucatas, métodos, restos) diversos que operam por agenciamentos e colagens, compondo outros arranjos e funcionamentos transformáveis. Aqui consideraremos como parte do método de pesquisa o que para Maraschin e Ranieri (p.41, 2012), seria um modo potente de desrespeito aos especialismos acadêmicos, sem perder o rigor. Seria uma aposta na intencionalidade de invenção de possíveis – na combinação de elementos aparentemente desconexos, sendo uma das pistas do método de pesquisa cartográfico.

¹⁹Referimo-nos à metodologia cartográfica de pesquisa-intervenção adotada na construção deste trabalho. Em vez de regras de modo prescritivo e objetivos previamente estabelecidos, propomos a ideia de pistas para nos guiar nesta proposta – sempre considerando os efeitos do processo do pesquisar sobre o objeto da pesquisa, o pesquisador e seus resultados. “As pistas que guiam o cartógrafo são como referência que concorrem para a manutenção de uma atitude de abertura ao que vai se produzindo e de calibragem do caminhar no próprio percurso da pesquisa.” (p.13) “ No entanto, não se trata de uma ação sem direção, já

Tempos depois, chamaram de **Oficinar** esse Ofício que Pedro vivenciou e já tinha no corpo. Dizem que isso existe até hoje.

Malasartes trilhou nesse ofício. Oficinava e brincava com as pessoas, contava histórias pra quem quisesse ouvir e ia atrás de novos desafios e bons encontros. Um dia ele encontrou com Sebastian Rodrigues, um moço de outro país que passou por uma tal graduação em Terapia Ocupacional que, de algum modo, ressoava num mesmo *ethos* desse Oficinar. Sebastian era um pesquisador, registrava relatos, fotos, vídeos e outros fragmentos que abriam novas trilhas, disparando novos modos de pensar-sentir-agir²¹ na vida – dele e do outro. Já Malasartes, quase sem querer, tinha encarnado em seu corpo, em suas ações cotidianas e encontros a ética de um aprendiz-cartógrafo²². O pesquisador entendia o modo de viver de Pedro e sua maneira de conduzir as coisas. Cartografava o Ofício de Malas-Artes e suas implicações éticas-estéticas-políticas. Sabia falar e escrever sobre isso.

Os olhos de Pedro brilharam ao perceber que sua vivência e militância eram registradas e compartilhadas de outros modos, por outras pessoas e em outros lugares.

O dia se transformou em noite. Eles compartilharam narrativas por horas sobre suas experiências de entre-atos, princípios e desafios da arte dos modos outros de caminhar nas paisagens construídas em seus ofícios. Ao redor de uma fogueira, após tantas

que a cartografia reverte o sentido tradicional de método sem abrir mão da orientação do percurso da pesquisa. O desafio é o de realizar uma reversão do sentido tradicional de método – não mais um caminhar para alcançar metas pré-fixadas (metá-hódos), mas o primado do caminhar que traça, no percurso, suas metas” (PASSOS & BARROS, 2012, p.17).

²⁰ “(...) O Bricoleur e o cartógrafo se misturam na antropofagia, ambos incorporam vidas e devolvem potências ao mundo. De ambos se espera que permaneçam atentos às linguagens que encontram, devorem as que lhe apareçam elementos possíveis para a composição das cartografias e bricolagens que se fazem necessárias (...)” (ROLNIK, 2007).

²¹ Para Deleuze (1990) modos de subjetivação são “as diversas maneiras pelas quais os indivíduos e as coletividades se constituem como sujeitos”. Nesse sentido, Machado (1999) complementa que modos de subjetivação nos fala de territórios existenciais, transformáveis e abertos a outras formas de ser – bem como se referem ao devir, ao intempestivo, aos processos históricos que não cessam de engendrar outras formas (p.212).

²²No método cartográfico pressupõe-se uma implicação do pesquisador, que está sempre **com** a experiência e não sobre esta, compreende de modo encarnado, agenciado aos territórios existenciais. O aprendiz-cartógrafo lança-se no campo numa atenção de espreita, ou seja, estamos falando de um entrelaçamento entre sujeito e objeto de pesquisa (ALVAREZ & PASSOS, p.144, 2012).

histórias, já havia ali um sentimento de parentesco entre os dois, embora cada um tivesse um modo específico de falar sobre.

Ao ouvir as histórias sobre Bicho-de-sete-cabeças-patologizante, narradas por Pedro, Sebastian lembrou-se de uma das experiências que mais o afetou durante sua formação, um dos estágios em saúde mental, que ocorreu num Centro de Atenção Psicossocial (CAPS)²³. Naquele lugar, após realizar oficinas de criar: músicas, histórias, além de outras oficinas expressivas, algumas questões se fizeram presentes durante aquele período e ainda hoje ressoam em sua pesquisa: Em qual Terapia Ocupacional aposto? Qual a função do Terapeuta Ocupacional nas práticas diversas? Seria um "fazedor de oficinas" de nível superior? Como o oficiar tem se caracterizado nestes espaços? O que torna uma oficina "terapêutica"? Quais as apostas pertinentes a um oficiar?

Ao ouvir os questionamentos e todo o aparato tecnológico-científico de Sebastian, Pedro pergunta:

– Tião, pra quê essas palavras tão “cabeludas” q’ocê fala? As outras pessoas entendem o que tu fala? Eu to achando que essa tal metodologia científica mexeu com seus miolos! Sebastian, com um sorriso meio sem graça responde:

– Pedrão, pega leve! Este foi o jeito que eu aprendi de estar na vida e de pensar este nosso ofício, foi importante pra mim isso que eu passei; além do mais, hoje é modo como consigo dar corpo ao que penso. Para mostrar às outras pessoas o que fazemos, nossas práticas e vivências, devemos registrar por meio de escritos, fotos, vídeos, pistas, objetos, entende?

Pedro calou-se, e por uns instantes, fixou seu olhar no nada.

Ele nunca havia escutado alguém falar disso, sempre achou que era uma bobagem esse negócio de ciência. Pedro pensava que os cientistas de um modo ou de outro sempre repetiam um mesmo modelo, buscavam sempre classificar, hierarquizar e quase fatalmente desqualificavam, assim, uma coisa ou outra ao final de pesquisa. Pedro, em

²³CAPS Moxuara – localizado no município de Cariacica/ES, sob administração e gestão estadual, atende pessoas com transtornos mentais graves.

suas andanças, não tinha o costume de escrever sobre o que fazia. Ele prestava bastante atenção ao caminhar, nas pessoas que apareciam, nas coisas que achava e nas possibilidades que lhe abriam nos encontros. O fato é que ele não conseguiu dar voz ao que sentiu e pensou sobre aquelas palavras.

À noite, durante aquele bom encontro, Pedro Malasartes passa a chamar Sebastian Rodrigues de Tião. E Tião passa a chamá-lo de Pedrão. Após muitas histórias e brincadeiras, dormiram tranquilos e felizes. Havia entre eles um sentimento de admiração e respeito mútuo.

Ao amanhecer tomaram café, despediram-se e deram no pé, seguiram viagem, cada um para um lado, seguindo as trilhas de vida que se abriam.

Daqueles dias em diante os dois passaram a se corresponder por cartas. Pedro contava histórias e vadiações do seu cotidiano; Tião trazia relatos de sua pesquisa e contribuições teóricas num plano indissociável das práticas.



Foto: Chão, Cores, Híbridsimos.

CARTAS DE UM PEDRO E DE UM TIÃO*Carta 1 – Tião**Ilha das Caieiras, 22 de novembro de 2009.*

Olá, Pedrão! Desde que nos vimos pela última vez, fiquei pensando sobre minhas práticas e lembrei-me de você, ao recordar uma experiência que tive no Centro Cultural Caieiras (CECAES). Tratava-se de um projeto de estímulo à leitura e contação de histórias com crianças e adolescentes. Fiquei nesse projeto durante três anos. Tinham pessoas legais na equipe. Havia também outras oficinas, como circo, street dance, vídeo, música, rap e poesia. Mas o carro chefe mesmo do projeto era o congo na escola, o qual quem ministrava era um reconhecido mestre da cultura daquela região. O projeto buscava por meio da educação não-formal promover a cidadania e a educação para a vida. Ao final da minha passagem pelo CECAES foi quando mais me lembrei de você, Pedro. Convidaram-me a exercer a função de coordenador pedagógico, que preferi chamar posteriormente de coordenador metodológico, pois era exatamente sobre “como” estabelecer/disparar processos e elos durante o fazer que eu me propus a pensar junto com osicineiros e com os participantes. Foi uma vivência muito rica, pois ainda nunca havia atuado tão diretamente com arte e cultura.

Mas, e você? Como você está e o que tem feito?

*Abraço de seu amigo,
Sebastian Rodrigues.*



Foto durante a oficina de “Leitura e Contação de Histórias” (2009) no CECAES.

Os tempos estavam ficando difíceis para Pedro. Ele, que não conseguia mais sobreviver somente com suas malandragens, teve que arrumar outros modos de conseguir dinheiro. Conseguiu um trabalho, num lugar que, para ele era, mais endurecido, com regras rígidas, hierárquicas e nem sempre coletivas, do manda quem pode.

E Pedro não tem juízo. Como ele se sairá?

Começou a trabalhar brincando de musicalização com crianças e suas doces flautas. Fato é que estes sons, no início, não eram tão doces assim... enfim!

Nestes encontros passou a registrar as dinâmicas realizadas, dando corpo a um caderno de atividades – constantemente modificável e adaptado – servindo-lhe de apoio e pistas pedagógicas.

Após alguns meses, pela via da capoeiragem, foi convidado a Oficinar²⁴ com crianças e adolescentes em situação de rua, num projeto piloto da prefeitura, chamado “Projeto Oficina”. A ONG, em parceria com o Atendimento Social de Rua, contratava e administrava as oficinas de Capoeira, Percussão, Hip-hop e Literatura.

Durante dois anos realizou oficinas itinerantes: onde os meninos (as) estavam, a equipe ia ao encontro. Malasartes manejava a capoeira enquanto dispositivo²⁵. Ao Oficinar disparavam-se alguns processos, de cuidado, de cultivo de vínculos, de criatividade; ali experimentaram, em diferentes situações, horários e locais, boas rodas de capoeira, onde todos jogavam.

Nessa passagem, Pedro recebeu a carta que fora enviada por Tião. Ao lê-la, Malasartes ficou feliz pela vivência do amigo, sentiu mais “malemolência” nas palavras, o que

²⁴Este Termo será utilizado como verbo, enfatizando assim o dinamismo que implica essa práxis.

²⁵Baremblytt (2002) aponta que, o importante em um dispositivo é o seu funcionamento, sempre a serviço da produção, do desejo, da vida, do novo. Para ele, um dispositivo gera acontecimentos revolucionários e transformadores. Não respeita os territórios estabelecidos e consagrados para sua montagem e funcionamento, pelo contrário os faz explodirem e os atravessa conectando singularidades. Podem, conforme seu manejo, gerar o que se denomina Linhas de Fuga do desejo, da produção e da liberdade, acontecimentos inéditos (p.66). Segundo Maraschin et al (2011), as Oficinas conforme manejadas trazem em si a potencialidade de funcionar enquanto dispositivos capazes de disparar nos sujeitos sentidos outros de estar na vida, outros modos de fazer, de inventar, de experimentar e vivenciar os materiais (in)visíveis e (in)dizíveis, assim, afectando várias dimensões de uma vida.

ainda não era natural quando o havia conhecido. Sentiu que ele havia desenvolvido um pouco mais do seu potencial artístico-narrativo.

Pedro, lembrando-se daquela última conversa que outrora o emudeceu, sobre a importância de registrar as práticas com multimeios (escritas, fotos, vídeos, pistas, objetos), ficou pensando em como faria pra responder aquela carta que Tião, com muito cuidado, enviou-lhe. Assim, resolveu respondê-la relatando um pouco do que estava vivenciando no tempo presente.



Armário produzido na oficina de Marcenaria do CAPS Moxuara (2012).

*Carta 2 – Pedro**Moscoso, 5 de fevereiro de 2010.*

Oi, Tião! Fico feliz em receber notícias suas e saber como você está. Comigo as coisas vão caminhando bem, até comecei a trabalhar estes dias atrás, tenho tido experiências interessantes com a capoeira e tentei registrar algo para compartilhar. Aqui vai um trecho de um dos registros e foto²⁶ que achei no caminho.



A rua. Onde acontecem as cenas do dia-a-dia, ocorrem oficinas de capoeira. Durante as oficinas, eu busco estar atento aos corpos que ali gingham. Não só crianças em situação de rua, mas também adultos na mesma situação, ou não – pessoas que passavam e sentiam-se convocadas a entrar naquelas rodas de capoeira aberta. Durante as oficinas, por diversas vezes, as duas horas de duração do tempo contabilizadas pelo relógio parecia não fazer mais sentido enquanto a roda acontecia. Ali eu vi que a capoeira não era somente minha, e sim de quem passa e é capturado/afetado, a tal ponto de deixar sua maleta/mochila/cachaça de lado e pedir pra jogar também. Durante este tempo, vi que a capoeira funcionou como um lugar de bons encontros e elos que foram cultivados²⁷ a cada roda.

²⁶Fotografia de Louis Emil Theodor Wentz Neto, psicólogo e mestre pelo programa de Pós-graduação Psicologia Institucional da UFES, integrante também do Laboratório de Imagens da Subjetividade (LIS). Disponível em: www.flickr.com/photos/theowentz/

²⁷ Tendo como referencia a noção de cultivo da cultura Bantu (uma etnia africana) de que “... Cultivar é diferente de dominar e controlar...”, como comumente “... o conhecimento tem buscado, através do seu desenvolvimento, controlar e dominar cada vez mais os eventos presentes e futuros, segundo modelos gerais que contam com uma repetição no futuro de regras gerais e quantitativas”. Já a cultura Bantu, “... aprende com os eventos e reconhece neles a necessidade e o respeito por suas singularidades. Compreende-se de modo encarnado que não há evento em geral, mas este ou aquele evento. Ao invés de controlá-los os Bantu inserem-se neles, incluindo-se em sua paisagem, acompanhando os seus ritmos” (p.141). Nesse sentido, “(...) estão muito mais interessados em agir de acordo com esses diversos eventos,

Tempos depois, com as andanças dos meninos, as rodas de capoeira viraram também: rodas de histórias, rodas de percussão corporal, rodas de desenhos e expressões livres. A oficina passou a ser chamada de “Oficina de Capoeira e Artes livres” e começou a ser realizada também no espaço fechado do CAD (Centro de Atendimento Dia) – em que, justamente pela estrutura, requeria outros modos de funcionamento ao oficiar.

Após um período fui desafiado a gerenciar esse Centro. Como você bem sabe, gosto de desafios e aceitei a empreitada. É, meu caro, só que o negócio não era tão simples assim, havia questões politiquieras envolvidas na gestão, contratação e manejo das situações de trabalho. Rapaz! Me senti como um calango em cima do muro tomando pedradas, vinda dos vários lados do muro: da gestão, da equipe, dos usuários. Pelo menos era assim que eu e meus colegas, quando criança, fazíamos quando víamos um calango em cima do muro. Aff!! Não dei conta de botar panos-quentes em situações que não tinham que ser escancaradas. Havia ainda as ordens para “limpar as ruas”!

Dia desses convocaram-me de supetão para fazer uma oficina num lugar distante de onde geralmente os meninos ficavam e eram propostas as atividades. Falaram-me que os carros levariam os meninos, que tinha que ser hoje e tal e coisa. Eu perguntei: mas por que essa urgência toda? O gestor me respondeu que haveria um encontro de todos os prefeitos, no teatro e que a ordem era para retirar os meninos da vista de onde os prefeitos passariam. Obviamente como você me conhece, neguei com todas letras!!

Ai,ai,ai, não deu outra! Tempos depois fui transferido para outro projeto dentro da mesma instituição que havia me contratado. E a ironia do destino: encontrei-me de novo com o Bicho-UNAED – só que agora queriam que eu ajudasse a enfraquecê-lo, eles usavam um nome esquisito e diziam que era uma tal de “desinstitucionalização”. É nome complicado! Você deve entender destas coisas.

Chamaram-me para reencontrar as pessoas que lá estavam, (re)conhecer suas histórias de vida e identificar²⁸ o que elas precisavam para sair de lá e morar numa casa comum

atentos às suas diferenças, do que em amarrá-los aos seus desejos e ambições pessoais. E é essa sabedoria que se dedica a uma atenção e um acompanhamento dos eventos, integrando-se neles, realizando-os em conjunto.” (ALVAREZ, 2007, p.142).

²⁸Onze anos depois da experiência vivida na UNAED, o retorno ocorre enquanto Terapeuta Ocupacional contratado pela FEMB – Fundação Educacional Monte Belo, para “colher” as histórias de vida dos internos que iriam mudar para as três residências terapêuticas – RT’S (que a FEMB iria administrar se o convênio com a Secretaria Estadual de Justiça fosse concretizado). Foram realizadas avaliações terapêuticas ocupacionais relacionadas às atividades cotidianas e de inserção na comunidade. Além da FEMB, havia mais duas organizações não governamentais que estavam se preparando para administrar 2 RT’S cada. Foi concretizado o convênio somente com estas duas organizações, em cada casa há 8 moradores. A FEMB administraria 3 casas, porém, até os dias de hoje este convênio não foi concretizado. A UNAED tem atualmente 20 moradores em situações desumanas e “apenas à espera da morte”, como foi

e digna. Novamente, no Bicho-de-7-cabeças, vi muitas semelhanças com as pessoas que estavam na rua, em sua maioria negras e pobres, que traziam no corpo histórias de punição, violência, exclusão, abandono e por diversas vezes ouvi também que já haviam sido moradores “de rua”.

Pois é Tião, este tem sido o meu caminhar, mas me conta como vai aquela pesquisa sobre cartas e histórias orais que você começou a contar ao redor da fogueira naquela noite, estou curioso!

*Grande Abraço,
De seu amigo, Pedro Malasartes.*

Diferentemente de Malasartes – que demorou alguns meses para responder, Sebastian recebeu a carta num dia e respondeu-lhe no outro, tamanha era sua pressa para escrever. O fato é que ele já estava acostumado a pesquisar e produzir textos – só que, agora ele começa a descobrir e a criar outros modos de pesquisar, intervir e acompanhar os processos que estavam passando por sua pesquisa.

Carta 3 – Tião
Ilha de Monte Belo, 20 de fevereiro de 2010.

Fala, Pedro! Estou com muitas saudades também, meu caro!

Antes de falar sobre minha pesquisa, tenho que te contar que, estes dias atrás, ouvi falar de você. No jornal local saiu uma crítica interessante de um andarilho que viu o seu trabalho. Acho que foi uma apresentação de um coral com pessoas que viveram na rua, mas que hoje estão abrigadas numa instituição que busca ajudá-las. Dê uma olhada! Recortei a reportagem do jornal²⁹.

publicado em janeiro deste ano no jornal local: “ES HOJE” – Disponível em: <http://www.eshoje.jor.br/ conteudo/2014/01/noticias/geral/13960-unaed-deficientes-mentais-estao- apenas-a-espera-da-morte.html>.

²⁹Texto de autoria de Antônio Martins Vitor Júnior que é psicólogo, mestrando no Programa de Pós-graduação em Psicologia Institucional da UFES e integrante do Projeto de Extensão Andarilhos: construindo outros caminhos na cidade, que atua com população de rua na cidade de Vitória-ES.

Era final do ano, Estávamos em Vitória. As questões eram urgentes para os que viviam nas ruas da cidade, entretanto era evidente que a Prefeitura apagava as luzes dos seus gabinetes. Final de gestão municipal parece que é assim por essas bandas. Mas entre um interruptor e outro que era acionado, um parece que teimou a obedecer. Naquele tempo foi realizado a Primeira Semana da Assistência Social sobre população de rua.

Essa semana teve holofotes, destoando daquele momento de finalização da gestão. Nos holofotes tudo é arte. As recentes mortes do povo da rua eram substituídas por sorrisos que vangloriavam os feitos satisfatórios daquela gestão. Alegria, alegria! Para quem?

O ambiente estava decorado: tinham fotos da população de rua, cartazes, banners e até uma turma de pessoas em situação de rua que iria cantar. O adorno parecia fundamental naquele momento. Olhar atento ao que se passa. Os cantantes se dispõem no tablado, com a supervisão de um oficineiro que porta um violão. O canto começa. Congelemos essa imagem.

Aqui, gestores, trabalhadores, alguns usuários dessa arquitetura estatal para a população de rua e outros que lidavam com essas questões estavam juntos. Juntos num mesmo espaço físico; todos escutando a voz dos cantantes da rua. É dado de realidade que os interesses são vários, chegando a ser antagônicos. Mas, naquele momento, todos éramos plateia. O adorno virou espetáculo, saiu da encomenda social que lhe foi destinada. Negou o pedido e cantou. Colocando a voz no mundo, com músicas de protestos e de amor, fundou ali outro tempo naquilo tudo que se passava. Outro tempo, este, com mais cara, cor, cheiro, cadência e ritmo da população de rua. Eles cantavam com eles e convidavam a quem quisessem a cantar junto. Não havia os donos do canto.

Nesse momento, vários usos foram feitos. Os gestores usaram notoriamente como comprovante de uma política que dá certo; certo desde que seja feita do modo do gestor, via de regra numa perspectiva pessoalizada e centralizada e que negligencia vários outros atravessadores. Assim acomete os profissionais, que disputam a tapa o acompanhamento do usuário que canta, como se houvesse os donos dos usuários. Os militantes, que diante desse jogo, colocam em cena as disputam políticas e acabam correndo o risco de perder o mais belo: o canto do torvo ao crepúsculo, e que nunca é igual ao do dia seguinte e nem ao do dia anterior. É único tal qual o canto daqueles que não são adornos.

Os cantantes nascem pelo meio. Irrompem em meio a tudo isso.

“Desejam-se estrear o mundo pelo meio. Por guia, apenas uma ‘razão ardente’, capaz de disseminar projetos de existência nada uniformes. (...) Arruína-se o retrato. Potencializam-se os pontos cegos da biografia, seus arremates provisórios, sua dose de transformação diária” (PRECIOSA pg. 38, 2010).

Ao negar o prescrito e a uma tentativa de biografar a suas existências afirmando conhecer como eles são, vivem e onde estão, eles zaguizeiam as razões, balançando os interesses que vão numa direção de aprisionamento da vida. Eles cantam, colocam sua voz no timbre máximo.

Quem tem olhos para ver, que veja. Quem tem ouvidos para escutar que escute.

Com o apagar das luzes só enxerga quem tem infravermelho na córnea. Isso em nada assusta quem teve uma vida pelas sombras. A gestão mudou, moradores de rua continuam morrendo, numa corrente ainda mais forte de higienismo das cidades. Em Vitória não aconteceu mais nenhum evento de população de rua puxado por gestores. Os cantantes continuam a cantar, afirmando que as marquises e becos urbanos podem ser palcos.

“Eu nasci num canto qualquer numa cidade pequena. Fui pequeno qualquer de uma cidade pequena. Depois nasci de uma cidade maior, e fio virando uma pessoa que vai variando seu local de nascimento. E vai variando, varia. Não me conheço como tendo nascido só num único canto. E fui virando uma pessoa que vai variando seu local de nascimento. Uma pessoa que vai variando seu local de vários.” (SALOMÃO, apud PRECIOSA, pg. 141).

E a foto:



Espero que goste. Eu achei interessante, pois é a visão de alguém que estava passando por ali e viu, um olhar estrangeiro ao seu trabalho, que é capaz de estranhar certos movimentos naturalizados e captar de modos diferentes o que fazemos pois, às vezes, percebo que há em nós uma dificuldade de pôr-se em análise e de problematizar o que fazemos. Conte-me como foi fazer esse trabalho e como foi a trilha percorrida até essa apresentação.

Com relação à minha pesquisa, como você bem lembrou, eu continuo lendo e encontrando novos modos não só de pesquisar, mas também de estar na vida. Tenho que te mostrar minhas pesquisas. Depois daquela noite à fogueira, ando lendo coisas sobre história oral, biografia e me deparei com um modo diferente de contar uma vida – a Biografema. Já ouviu falar? Acho que vai gostar muito!

A biografema me ajuda porque ela não se preocupa em contar a história numa ordem linear com início-meio-fim. Tenho que confessar que, de início, não foi fácil ler e pensar esse modo, mas aos poucos fui me encantando com isso. E você, Pedro, tem muito a ver com isso. Uma biografema começa onde começa, sem ponto de partida, é meio. Puro meio. Inclusive numa dissertação de mestrado escrita por Laura Paste diz que “a biografema não quer informar algo; ela se sustenta, sim, na fragmentação, na

afirmação de fatos descontínuos e, ao contrário de uma biografia não busca um registro fiel e total ao que existiu”. (PASTE, 2013, p.61)

Pedro, querido! Ando pensando que mais que um modo outro de pesquisar, isso está mexendo muito comigo. Está me ajudando a pensar modos outros de estar na vida. Essas cartas que estamos trocando me dão indícios para pensar num modo de fazer pesquisa. Será que é possível fazer das nossas trocas de cartas um modo biografemático de contar nosso trabalho? Devo lhe dizer que estas cartas que temos trocado têm sido uma de minhas inspirações para pensar um modo diferente de narrar e escutar histórias de vida na pesquisa. Ando pensando nisso, Pedro. É possível falarmos, então, em uma cartagrafema? Quando eu digo cartagrafema quero dizer num modo de contar que rompe com a cronologia, que faz delirar o linear. É um modo que se aproxima de uma pesquisa biografemática, mas que se utiliza das cartas para contar as histórias de uma vida. Já não estamos contando histórias, Pedro? Essas histórias contadas em cartas, isso não seria um modo cartagrafemático? É possível pensar assim? O que você acha disso tudo? Curioso também fico para saber das suas impressões.

*Grato,
Sebastian Rodrigues.*



Fotos da Oficina de Mosaico no Abrigo para população em situação de rua adulta de Vitória.

Carta 4 – Pedro**Ilha de Monte Belo, 04 de julho de 2010.**

Oi, Tião! Confesso que ainda não tinha ouvido falar de Cartagrafema, mas achei interessante essa coisa de pegar as coisas pelo meio, contar histórias sem se preocupar com o início, meio e fim; escutar histórias e trocar cartas. Interessante! Como você sabe, andarilho com um embornal no ombro e cato aquilo que encontro pelo caminho – sejam coisas, histórias que escuto e vivo ou até mesmo sucatas, que posso precisar, né?

*Nossa! Que legal o recorte do jornal! Fiquei feliz pelo presente, achei bom ver outra pessoa falando sobre o que eu fiz. Lembro muito bem desse trabalho. Foi num Abrigo para pessoas que vivem na rua. Durante quase um ano me encontrei com os que lá estavam algumas vezes por semana e, **junto com eles**, fizemos atividades manuais de cestaria com jornal e mosaico com cerâmica (foto abaixo!).*



Nos últimos encontros a gerente do lugar me pediu para preparar uma apresentação de congo³⁰ para inaugurar um evento com profissionais e essa população, que aconteceria

³⁰O congo é uma das tradições populares do Espírito Santo. Conta com um grupo musical de estrutura simplificada, com dançadores e um dirigente (mestre). Possui coreografia própria, sem texto dramático, assim, outras pessoas podem participar desta manifestação que possui características próprias sem igual

dentro de alguns dias. Eles me pediram para fazer algo para apresentar. Disse pra eles que eu não sabia trabalhar com um produto pré-determinado. Na escola do “entre”, por onde passei, tínhamos por princípio que o nosso trabalho deveria ser desenvolvido com o outro e não para ou sobre o outro. E ainda assim, não poderia garantir que haveria uma apresentação, digamos, bonitinha no final, mas que poderia tentar que o grupo abraçasse a ideia e que se concordariam em oficinas nesta trilha musical. Rapaz, foi um pouco difícil, hein! Só quê, só qui, só cué, depois de falar um pouco sobre esta diferença no trabalho com as oficinas, a gerente entendeu e aceitou assumir o risco de talvez não produzir algo conforme o encomendado.

Tião, meu camarada! Olha isso: pediram uma apresentação – um produto final pronto, um absurdo!

*Óprocevê: é como se você fosse pesquisar algo já sabendo do resultado, tem cabimento? E o pior é que isso, tem se repetido aos montes por aqui, aliás é o que mais tem. Lamentável, não acha? Tenho visto e sentido que, ao planejar uma oficina, eu não garanto um produto final com “sucesso”, “bonitinho” como o solicitado “pelos que sabem”. Se assim fosse, estaríamos ignorando o que se passa no “entre” das coisas, durante o oficinas, penso que é como num processo artesanal de bricolagens: requer uma **atenção aberta**³¹, **uma sensibilidade**, entende? Senão não funciona, não aumenta a força da vida nas pessoas, não haverá pontes. E outra coisa, desse jeito, as pontes vêm de cima para baixo e não transversalmente como numa roda de capoeira, que acolhe o que se passa também fora da roda. Exige do jogador um **corpo relaxado e atento** ao outro e ao que se passa em todas as direções. Diferente também do círculo, a roda é possível ser atravessada por coisas e pessoas, plástica, seus participantes podem mudar de lugar constantemente, a roda acolhe quem passa.*

*Durante os encontros, que eles chamam de oficina, pude contar histórias sobre pessoas, bichos e coisas aos usuários e profissionais. Contos de sabedoria, que traziam narrativas sobre alguns modos de vadiar/**trabalhar nos encontros**. Ouvi muitas*

em outros estados do país. Disponível em:
http://www.ape.es.gov.br/espíritosanto_negro/historia_congo.htm

³¹“A atenção é entendida como um músculo que se exercita e sua abertura precisa sempre ser reativada, sem jamais estar garantida. O cultivo da atenção pelo aprendiz-cartógrafo é a busca reiterada de um tônus atencional, que evita dois extremos: o relaxamento passivo e a rigidez controlada.” (...) (KASTRUP, 2007, p. 21).

histórias legais também. Negociei com eles e combinamos que, se houvesse apresentação de um produto qualquer, seria algo construído pelo grupo, ou no máximo, com o grupo – **uma expressão das trilhas percorridas com eles.**

No primeiro encontro abri o jogo e a encomenda que havia recebido, desembrulhei, rasgando o papel em alto e bom som, no meio da roda, no pátio do abrigo. De cara, alguns se esquivaram e não participaram, outros se esquivaram, mas, depois aos pouquinhos, foram se “aproximando”. Alguns ficaram nas bordas, outros de longe, participaram assim também, de diferentes modos e tempos, entravam e saíam da roda, cantando ou não, batiam os pés, estalavam os dedos, sugeriam arranjos e músicas para a apresentação, que talvez aconteceria se eles quisessem. Foi gingando, fui jogando, negociando, vadiando com eles na roda de cada dia.

No grupo, por vezes, havia expressões de desconfiança, falas, corpos que diziam, que se mostravam, pensavam em si, contavam suas histórias. Encontros entre pessoas, e músicas, e pátio, e instrumentos, e memórias, e moscas, e desafinos e, e, e, sob certa pressão de uma encomenda que insistiam em entregar.

Aceitaram recusá-la, de certo modo “subvertê-la”, e assim cantar, falar de si, dizer por si, cantar em inglês, fazer diferente, serem “servidos” por uma escuta seguida de aplausos, disparados por afetos e olhos molhados, como foi no dia da apresentação que este andarilho passou, viu e sentiu.

No dia foram servidos, mas nos bastidores, por uma pessoa bem arrumada, que carregava uma bandeja inox forrada com uma toalha branca e uma jarra de água – serviu aos referidos “senhores” enquanto aguardavam para entrar na cena da reportagem.

Não só no dia foram servidos, assim, sem ninguém ver, também, no caminho, na partilha de suas vidas durante os encontros.

Ao final, cantaram o que quiseram, encantaram falando de si. No dia eu narrei alguns trechos das histórias cantadas e foto-grafadas durante o caminhar, falei das minhas apostas e princípios no jogo com eles e na ginga improvisada a cada dia nas oficinas.

Ah! Até achei aqui em meu embornal de viagem o texto que um dos participantes leu no dia, dá uma olhada!

Primeiramente queremos agradecer a oportunidade e dizer que essas duas músicas são meus sonhos e de muitas outras pessoas, ter uma casinha.

Que por ser morador de rua e morar num abrigo temos força de vontade de buscar uma melhora tocando, cantando, fazendo cursos conforme as oportunidades.

Muitos de nós passam por essas experiências por escolhas que fazemos em nossas vidas, porém quando vemos que são erradas, já nos encontramos em situação de rua. Mas, isso não quer dizer que não podemos mudar, basta procurar o lugar certo onde somos apoiados com novas oportunidades, basta querer mudar. Podemos aprender!

Com isso damos as vezes com a cara na parede e nos vemos nessas condições, bebendo, dormindo na rua, passando fome e vendo coisas que nos entristece, mas nem por isso deixamos de ter nossos sonhos. Somos seres humanos, mesmo em nossas condições, somos filhos de DEUS; temos direitos, porém também deveres. Agradecemos as pessoas que nos acolhem e tentam mostrar que lugar de morar não é na rua, mas sim num lar.

Existem estabelecimentos que nos acolhem, encaminham a tratamento, na retirada de documentos desde que a pessoa esteja disposta a mudar. Mas o importante é que estamos nesse momento aqui, mostrando que somos capazes de mostrar que aparecendo as oportunidades lutaremos por elas, mas precisamos que a sociedade nos ajude.

Texto escrito e lido por Marcela (*in memoriam*) durante a apresentação do coral na abertura do seminário sobre população em situação de rua no auditório da Prefeitura Municipal de Vitória (2012).

INCORPORANDO DOBRAS À TRAMA

Nesta história se é certo que tem meio, não tem fim. Fazemos um corte nesta janela de tempo.

Nossos colegas seguiram viagem. Caminharam, caminharam, caminharam e continuaram contando histórias através das cartas – acompanhando os efeitos de seus encontros nas trilhas da vida. Realizando verdadeiras bricolagens e composições cartografemáticas, versaram sobre os híbridos, arte e clínica, narrativas orais e vivências no campo, encontros e vadiagens, acontecimentos e seus efeitos...

Tempos depois se encontraram e ao redor de mais uma fogueira e conversaram um pouco mais sobre suas andanças.

Disseram-me ainda que eles andaram por lugares diversos, trocaram ideias com as diferentes pessoas que conheceram nas trilhas que foram se abrindo ao caminhar. Buscando produzir diferenças e afirmar novos modos de existência, utilizaram a bússola-ética da expansão da vida e visitaram lugares, coletaram histórias, fotografaram, corresponderam-se por cartas, mas, também coletaram narrativas com outras pessoas raras, assim como eles.

As andanças de Pedro e a pesquisa de Sebastian tinham algo em comum: o modo de caminhar, um caminhar que traça metas, ou seja, como num jogo de capoeira, não há coreografia planejada, mas uma ginga, um **corpo** que, na ética da vadiagem³² põe-se ao lado, atento e à espreita, à escuta, buscando acompanhar os processos de subjetivações e seus efeitos nas oficinas de diferentes estabelecimentos que se ocupam da atenção à

³²Faço menção a este termo utilizado na capoeira combinando à metodologia adotada nesta pesquisa, visto que, como esta pesquisa, a vadiagem não pode ser conhecida como algo geral e antecipável, guiada ou controlada, nem muito menos treiná-la, a não ser na convivência com situações propícias a ela. Por isso, não há como explicar a vadiagem. Seu aprendizado como tudo que diz respeito aos eventos singulares e irrepetíveis, necessita de um “fazer com”, realizando com os aprendizes situações abertas e propícias ao tempo de vadiagem, sensibilizando-os abrindo em suas experiências sua atenção desfocada. Mostrando, na experiência, com situações vivas e não estereotipadas, o quanto a ansiedade e a atenção focada podem ser incompatíveis com a posição da espreita. A vadiagem leva (levada de uma dança) os aprendizes a disporem de uma atenção ao tempo dos eventos, a perderem tempo, para que os signos possam ser contemplados e decifrados na atualidade dos encontros, sem pressa ou ansiedade dos seus planos com o futuro. Um cultivo de uma disposição a perder tempo. Essas práticas, cada vez mais raras em nossas vidas, e podemos perfeitamente dizer, cada vez mais raras em nossas rodas de capoeira, que acabam se fechando aos tempos alheios à viração da vadiagem (...). (ALVAREZ, 2007, p.145).

saúde e à assistência social. Pretendem também cartografar, no campo do “entre”, as apostas e os diferentes modos que se atualizam e tomam forma nas práticas de uma clínica do fazer e seus efeitos na vida dos que ali estão. Além disso, mata adentro, irão trilhar pelo campo da tal Terapia Ocupacional. Nas diferenças de suas (trans) bordas, contornos e relevos buscarão observar o que se passa e também propor diferentes trilhas, pontes – e se possível até mesmo criar novos modos de gingar/jogar nestas rodas.

Continuam a caminho.

A caminho de um saber – que aqui, não se trata de um saber sobre algo/alguém, mas de um saber **com**, aberto às novas combinações que insistem na potência de diferir – busca-se o que é menor, aquilo que agita um estado de coisas, que faz problema; deste modo, os órgãos dos sentidos põem-se a vasculhar um acontecimento. Desenham-se os movimentos que não são completamente apreendidos, mas seguidos por uma atenção flutuante, concentrada e aberta, porém que não é passiva³³. Que se ocupa de perguntar não o porquê?, mas o “como?”; ou seja, ama o que muda, o que foge, apaixonou-se pelos detalhes inúteis e de vida breve, pois não lhe interessam as grandezas para além do tempo e da imanência³⁴.

³³ (KASTRUP, 2007, P.21).

³⁴ (ANGELI, COSTA, FONSECA, 2012, P.46).

PLANO 2 - VIAGENS NO RECIFE

Recife, primavera de 2014.

Sol. Agitada e quente a cidade que com calor os acolheu. Pedro Malasartes e Sebastian Rodrigues (Tião), ali, juntos na terra que Malasartes visitou há algum tempo. Foram abraçados e acolhidos por pessoas, lugares e seus modos de vida. Um povo arretado³⁵, acostumado a acolher com hospitalidade os mascates e os viajantes dos quatros cantos do mundo que passam por lá. Terra do frevo, do maracatu, do baião, da capoeira e outras coisas mais. Ao descer do avião, logo conseguiram uma carona.



Arte mural (colagem) das ruas do Recife antigo

Desta vez, juntos, foram a Recife³⁶ para participar de um projeto³⁷ de troca de

³⁵Arretado: esperto, nervoso, “esquentado”, animado.

³⁶ A capital pernambucana tem uma área de 220 km², com uma população em torno de 1,5 milhões de habitantes, sendo que dois terços vivem em condições de pobreza. A população da cidade do Recife corresponde a 43% da Região Metropolitana, congrega 14 municípios e 94 bairros aglutinados em 6 regiões político-administrativas (RPA). Para o setor de saúde, cada RPA corresponde a um distrito sanitário – DS.

³⁷O projeto percursos formativos na RAPS: Intercâmbio entre experiências e supervisão clínico-institucional é um projeto da coordenação geral de saúde mental, álcool e outras drogas do Ministério da saúde e contempla três ações específicas: Intercâmbio profissional entre as redes preceptoras e redes em formação; Oficinas de atualização de trabalho em rede para as redes em formação; e Supervisão clínico-institucional para as redes preceptoras e redes em formação. No ano de 2013 o Ministério da saúde, através da Coordenação Geral de Saúde Mental, Álcool e outras drogas lançou a chamada para a Seleção de Projetos de percursos formativos na RAPS: Intercâmbio entre Experiências e Supervisão Clínico-Institucional, com o propósito de troca de experiência e ampliação das possibilidades de intervenção do profissional a partir da convivência com outras realidades e realização de oficinas de atualização, focando 6 (seis) linhas de ação: Linha 1: Atenção à crise e urgência em saúde mental; Linha 2: Saúde Mental Infantojuvenil; Linha 3: Saúde Mental na Atenção Básica; Linha 4: Demandas associadas ao consumo de álcool e outras drogas; Linha 5: Desinstitucionalização; Linha 6: Reabilitação Psicossocial. O município do Recife foi selecionado para compor duas linhas de ação. A primeira é a linha: Saúde mental Infantojuvenil. A segunda é a linha: Demandas associadas ao consumo de Álcool e outras Drogas.

experiências sobre saúde mental, álcool e outras drogas. Foi um encontro entre duplas de 9 cidades³⁸ diferentes e a Rede de atenção psicossocial (RAPS) do Recife. No grupo havia 4 municípios destinados a trabalhar e conhecer a rede de saúde mental infantojuvenil e os outros 5 municípios destinados a trabalhar e conhecer a rede de saúde mental, álcool e outras drogas.

Dentro do carro, o senhor dirigia e contava histórias do lugar, de como havia mudado nos últimos tempos desde que Malasartes havia passado por aquelas bandas. Pedro conta sobre suas andanças, seus ofícios e o desejo que tinha de escutar e conhecer histórias sobre como ali ocorriam as oficinas. Sebastian fala de sua pesquisa: Artíficios, Narrativas e Bricolagens: Efetu (ações) num Oficinar. Além disso, desejava conhecer a cultura do lugar, observar, intervir, trocar ideias com a Rede local³⁹ e até mesmo rever sua caixa de ferramentas e dispositivos clínicos. Assim como Bricoleurs, sobras e restos lhes interessavam, com um desejo de desorganizar-se para se organizar, sentiam-se prontos, abertos aos encontros!



Foto: Arte mural (molde vazado) das ruas de Olinda

Conversa vai, conversa vem e, enquanto dirigia, o senhor esticou-se para pegar sua carteira que estava no porta-luvas do carro. De dentro da carteira tirou um papel que

³⁸Belém/PA; Ipatinga/MG; Uberlândia/MG; São José do Rio Preto/SP – vinculados à linha: Saúde mental Infantojuvenil. E os municípios de Vila Velha/ES; São Carlos/SP; Ouro Branco/MG; Itajaí/SC; Bajé/RS e Palhoça/SC – vinculados à linha: Demandas associadas ao consumo de Álcool e outras Drogas.

³⁹A portaria 3088/2011 institui a Rede de atenção psicossocial - RAPS no âmbito do SUS para pessoas com transtorno mental e ou demandas decorrentes do uso de crack, álcool e outras drogas e visa a promoção, integração a articulação entre os pontos de atenção da rede de saúde no território, qualificando o por meio do acolhimento, do acompanhamento contínuo e atenção às urgências (BRASIL, 2011).

embrulhava uma espécie de erva de fumar e os ofereceu.

– Aqui. Vai?

Pedro sabendo do que se tratava, agradeceu a generosidade:

– Não, valeu! Tô bem.

– E o outro lá? Fuma? Diz o senhorzinho referindo-se a Tião.

Mas, Tião ri e agradece.

O senhorzinho insistiu, dizendo que era de boa qualidade etcetera e tal, mas eles também insistiram em agradecer.

O senhorzinho então embrulha novamente, guarda a erva e continua o assunto.

– Gosto de “*dar um doizinho*” de vez em quando, é bom, não me atrapalha. Consigo trabalhar, estar com minha família e sempre que quero relaxar eu fumo, geralmente no final do dia ou sempre que posso, “*intendessi?!*”

Tião concordou e contou que já havia usado e abusado daquela e de outras substâncias mas, nos dias de hoje, entende que é preciso cuidado de si⁴⁰ ao usar e perceber-se no uso que faz de determinada substância, a relação que com ela é estabelecida e quanto seu uso o afeta em sua vida cotidiana.

Ficaram à beira do caminho, agradeceram a carona e continuaram procurando a casa que iriam ficar naquela temporada. Malasartes sentia-se um estrangeiro, pois além de não reconhecer mais os espaços, carregava em sua fala sotaques de outras bandas.

Tiveram que parar e se informar. Nesse momento, viram que, a cada pergunta, seus

⁴⁰Aqui relacionamos “cuidado de si”, um conceito de Foucault (2004) com a lógica da redução de danos. Assim, considera-se a dimensão singular da experiência do uso de drogas onde o usuário possui como direção a produção de saúde, considerada como produção de regras autônomas de cuidado de si (PASSOS & SOUZA, 2011, P.160; CARVALHO & SOUZA, 2012, P.2).

habitantes saiam do lugar para mostrar no caminho, discutiam entre si a melhor direção e, até mesmo as pessoas que passavam, ao perceber que eles estavam com dúvidas, intrometiam-se na conversa e orientavam também sobre como era a melhor forma deles chegarem ao tal destino, onde seria sua morada nos próximos tempos.

A casa ficava numa rua que há muito tempo moravam as moças bonitas do lugar como narrou um taxista local. Com o nome de Rua das Creoulas, no bairro das Graças, chegaram à casa que iriam passar aquele próximo mês. O porteiro do prédio falou sobre um tal marco zero que fica no bairro Recife antigo, onde acontecem movimentos culturais e artísticos, como souberam então. Assim, deixaram as malas no quarto do apartamento que alugaram e seguiram em direção a esse lugar – continuando “do zero” as vivências e experimentações naquele novo território.



Foto: Monumento do marco zero no centro da praça do Recife antigo.



Foto: Grafite e molde vazado, muros do Recife antigo (2014).

Era domingo, preferiam bicicleta a transportes motorizados. Já vivenciando um bom modo alternativo de deslocar-se e situar-se na cidade, experimentavam uma amostra daquilo que vivenciaríamos intensamente nos próximos dias. De bicicleta foi possível experimentar de maneiras diferentes os caminhos possíveis para chegar aos lugares, um modo outro de habitar aquelas ruas, um modo mais fácil de perceber as minúcias, dos becos, dos grafites, do povo dali. Estavam assim dispostos a conhecer e ser afetados pelo lugar.

Começaram o intercâmbio assim, partindo das bordas e das franjas da cidade, nos locais “de risco”, dos cantinhos dos becos, ruelas, misturando-se ao território⁴¹, às tribos urbanas, à rua e seus usos e seus habitantes, que assim como eles fazem o uso de substâncias psicoativas e suas associações (des)potencializantes da/na vida. Prédios antigos, rua calçada com pedras, ajudam a reverberar o som contagiante dos grupos de percussão. Ouvia-se de longe o estrondar das alfaias e dos outros tambores e instrumentos do maracatu.

⁴¹ É importante distinguir território de área geográfica (PITTA, 2001, p.278.) Remete-se às ideias de pertencimento, de uma cultura, de uma comunidade e seus laços e agenciamentos diversos que engendram suas singularidades e comunicam suas demandas e modos de estar na vida.



Foto: Um dos grupo de maracatu nas ruas do Recife Antigo.

As pessoas param pra ver. Olhares atentos, corpos vibram e dançam ritmados contagiados pelo maracatu. Os sons dos instrumentos percussivos, as artes murais e outros manifestos analisadores⁴² num território marcado com artes e linguagens diversas. Percebeu-se ali um lugar habitado e ocupado também por pessoas críticas que interferem nos espaços em que circula.



Foto: Arte mural das ruas do Recife antigo.

Nos muros, através de colagens com trechos de poesia, pinturas, moldes vazados, com

⁴²Analisador: aquilo que permite uma análise, que fala, que comunica o instituído, que provoca, que força a falar (LOURAU, 1996). Instrumento por meio do qual emerge a análise (ALTOÉ, 2004). Pode ser uma fala, uma situação, um acontecimento.

grafites, com música, e outras linguagens, de algum modo questionavam os modos instituídos de estar na vida daquele lugar. Ora também manifestavam-se para incitar e excitar o pensamento potencializador de uma vida, das diferenças, das multiplicidades e problematizações ali vividas.

É típico também nos bares de lá, os artistas declamarem e venderem suas literaturas de cordel. Livretos que em sua maioria são ilustrados com xilogravuras em preto e branco trazendo em seu interior contos rimados e poesias que em sua maioria trazem um tom cômico dotado de críticas sociais.

No dia seguinte, eles foram recebidos no ponto de encontro marcado, o Forte das Cinco Pontas, local que historicamente serviu de guarda de vigília e defesa do Recife antigo.

Lá conheceram outros intercambistas⁴³ e também os moradores e trabalhadores da RAPS do Recife. Ali se conheceram, contaram algumas histórias de suas terras e fizeram algumas combinações⁴⁴ quanto aos próximos trabalhos e rodas de conversa. Malasartes ficou referenciado no CAPS AD Prof. José Lucena, enquanto Sebastian ficou no CAPS AD Eulâmpio Cordeiro.

Ambos vivenciaram diversas práticas nos serviços da RAPS do Recife. Cada um teve o seu modo de registrar e dar língua às suas experiências. Ao final do projeto, Sebastian produziu alguns relatos e cartas, já Pedro encontrou-se com diferentes pessoas, produziu algumas fotos e um vídeo⁴⁵ curto com as coisas que mais o capturou.

⁴³Dos 10 grupos que iriam participar do projeto ali estavam o segundo grupo. Após se apresentarem e conhecer o cronograma das atividades daquela primeira quinzena separou-se as duplas a fim de ampliar as vivências e os conhecimentos do município que lá estavam representados.

⁴⁴O grupo composto por 20 pessoas dividiu-se em 2 considerando o eixo em que estavam inscritos. Ficando uma parte referenciada (12 pessoas) nos CAPS ad (Centro de atenção psicossocial Alcool e outras drogas) e a outra parte nos dispositivos tipo CAPS I (Centro de atenção psicossocial Infanto-juvenil). A partir desta divisão, os integrantes do eixo AD subdividiu-se em três quartetos, sendo que as duplas de cada município foram separadas. Cada quarteto ficou lotado num CAPS que serviu de base e referência para conexão e articulação com os outros dispositivos integrantes da rede de atenção psicossocial (RAPS). O tempo de 40 horas de trabalho semanais foi dividido da seguinte forma: 20 horas nos serviços e 20 horas de grupos de estudo, palestras e Rodas de Conversa.

⁴⁵Nome do vídeo: “Afectos e Perceptos no Recife, setembro de 2014”:
https://www.youtube.com/watch?v=TWO56zbMI_8

TIÃO NA RUA

Boa Viagem, 26 de agosto de 2014, Recife.

Certa noite atuamos junto à equipe de consultório na rua⁴⁶. Primeiramente fizemos um planejamento sobre as atividades que seriam executadas no território, os casos em andamento e as demandas para aquele dia, procedimento este que o chamam de “pré-campo”.

Num micro-ônibus fizemos a ronda em Boa Viagem (bairro nobre, residencial e turístico) e em outros lugares próximos já conhecidos pela equipe, onde alguns dos moradores de rua dormem ou ficam naquele horário. Estávamos vestidos com um colete que nos identificavam enquanto equipe do consultório na rua.

Nesta noite encontramos com 5 pessoas que moram na rua.

Inicialmente fomos até uma praça que fica num bairro pobre da região onde segundo eles havia muita violência associada ao tráfico de drogas. Na praça permaneciam pessoas que usam drogas diversas, em sua maioria adultos e que fazem uso de álcool, moradores de rua ou não, bem como jovens e adolescentes utilizam a praça como local de convivência do bairro.

Próximo à praça havia um prédio abandonado, demolido recentemente, que era um foco de uso de drogas. Dentre as várias pessoas que estavam lá, abordamos 2 moradores de rua. Após algum tempo de conversa e realizadas algumas orientações em redução de danos, um deles solicitou internação na unidade de desintoxicação⁴⁷. A equipe combinou com ele que retornaria no dia seguinte para conversar melhor sobre sua solicitação, pois, além estar muito alcoolizado, havia pouco tempo que solicitou uma internação, todavia, quando chegou o dia de ir, o mesmo desistiu. Ao retornar para o carro, fomos abordados por adolescentes que solicitaram preservativos, o que foi fornecido.

No caminho havia uma pessoa (que eles ainda não sabem o nome) deitada debaixo de

⁴⁶O Consultório na rua é composto por uma equipe da atenção básica que atua de forma itinerante ofertando cuidados em saúde para a população em situação de rua em geral, incluindo ações em saúde mental e redução de danos ocorrendo em parceria com outros pontos de atenção da rede (BRASIL, 2011).

⁴⁷De acordo com as especificidades do caso, a pessoa é encaminhada pela equipe de consultório de/na rua em parceria com o CAPS AD da região em que o usuário está referenciado para a Unidade de Desintoxicação (UD) onde permanece em média por 30 dias. Em seguida o usuário é referenciado ao CAPS AD novamente para dar continuidade ao tratamento. A UD é um serviço multidisciplinar que conta com leitos de atenção integral voltados para desintoxicação de pessoas que estão com complicações clínicas devido ao uso abusivo de drogas, e/ou que devido à quantidade diária de uso necessitam de cuidados integrais durante o período inicial da abstinência.

uma marquise. Como a equipe estava grande⁴⁸ desceu do carro somente 2 pessoas para abordar a quem eles se referem internamente por “Conheço não”, uma fala muito utilizada por ele durante suas falas. Tratava-se de uma pessoa com transtorno mental, que a equipe estava se aproximando na medida em que o mesmo permitia e aceitava.

Depois de pedir licença para entrar em “sua casa” e cumprimentá-lo a equipe tenta conversar com “conheço não”, que diz não querer “assunto” no momento. A equipe respeita e então retrocede em sua abordagem dizendo que volta noutra momento e despede-se.

Mas porque foram embora tão rápido? Porque não insistiram e permaneceram um pouco mais no ambiente? Assim pensamos alguns de nós. Neste caso a equipe explicou no pós-campo⁴⁹ que “conheço-não” é arredo. Na última tentativa de aproximação, o mesmo “sumiu por duas semanas” daquele local. A equipe estava se aproximando gradualmente e estabelecendo vínculo quando certa vez insistiram em ficar no local e “tentar mais um pouco” diante de uma recusa como esta. Este “sumiço” a equipe atribuiu a este episódio semelhante.

Seguimos em direção ao aeroporto, no caminho encontramos um casal de idosos que estavam preparando-se para dormir. O senhor tem casa, realiza pequenos trabalhos e tem alguns vínculos familiares, mas, ainda fica em situação de rua por alguns dias, volta pra casa e retorna à rua. A senhora vive em situação de rua com laços familiares até então desconhecidos pela equipe.

Quando a equipe se aproximou eles logo perguntaram sobre os outros participantes do projeto percursos formativos que conheceram no mês anterior, os cumprimentou e os convidou a sentar na cama de papelão onde estavam. A equipe aceitou o convite, sentaram e permaneceram conversando durante um tempo, fizeram alguns acordos e despediram-se.

No pós-campo a equipe contou que a senhora havia faltado uma consulta na Unidade de Saúde (US) daquela região e solicitava abrigo. Combinaram a remarcação da consulta na US e que definiram que a acompanhariam até lá. Além disso, conversando sobre o abrigo, descobriu-se que ela tem uma irmã a qual não a “aceita em

⁴⁸5 pessoas da equipe do consultório na rua (1 psicóloga, 1 enfermeira, 1 enfermeira cursando residência em atenção básica, 2 agentes redutores de danos) e mais 3 pessoas do projeto percursos (uma terapeuta ocupacional do CAPS ad de Itajaí/SC, uma assistente do NASF de São de Carlos/SP e um Terapeuta Ocupacional do CAPS ad de Vila Velha/ES).

⁴⁹Pós-campo: Ao final do expediente de trabalho ocorre um momento em que são discutidos os casos, os encaminhamentos e as demais demandas surgidas nas abordagens.

casa” (sic.). A Agente Redutora de Danos (ARD) que tem um bom vínculo com ela, dispôs-se a acompanhá-la até a casa de sua irmã no dia seguinte para conversarem juntas, antes de tentar o abrigamento e ela aceitou. Combinaram para o dia seguinte às 10 horas da manhã.

Quanto ao senhor seu companheiro, como ele trabalha e não é morador de rua a equipe ficou de retornar para investigar melhor a situação familiar do mesmo e suas demandas. Após despedir-se saímos dali e fomos em direção a uma área próxima a vários bares e restaurantes, onde ficam também algumas pessoas em situação de rua, vigiando carros e pedindo donativos aos moradores da região e aos frequentadores daqueles estabelecimentos.

Encontraram um casal de namorados que estavam morando na rua havia pouco tempo. Um Jovem de 27 anos e uma adolescente de 16 anos com suspeita de gravidez, ambos conhecidos da equipe de consultório na rua. Ao descer do carro a equipe chegou devagar e de longe pediu licença pra se aproximar. O jovem, quebrando a “formalidade” e a tensão do momento nos convidou para nos aproximar e sentar, aliás, fez questão de limpar o lugar para que sentássemos em sua cama, feita de edredom e colchões velhos. Nos tratou com alegria e honra. Estavam com a cama pronta para dormir e comiam vários pacotinhos de amendoim coberto com uma casca salgada, aquele era o “jantar” daquela noite.

Enquanto as enfermeiras abordavam a adolescente e realizavam uma entrevista clínica para averiguar sintomas de gravidez a equipe conversava com o jovem. Ao final, além de combinar com a menina de acompanhá-la até a US do bairro para fazer exames, foi decidido no pós-campo que será feito também o contato com o conselho tutelar de sua região.

RODA DE HISTÓRIAS – DE RUA E NA RUA



No dia seguinte, numa roda de conversa com outras pessoas das equipes do consultório de rua⁵⁰ e consultório na rua contaram outras histórias sobre as ações e as articulações dos dois dispositivos no Recife. Lá estavam Sebasthian, Pedro e os outros companheiros de viagem.

Uma das pessoas que lá estavam, o Geni⁵¹, dizia com voz de experiência e militância que, pelo ministério da Saúde, não haveria mais o consultório de rua, mas, somente o consultório na

Foto: “Mova-se” Arte mural das ruas de Olinda.

rua.

Em Recife eles conseguiram manter 6 equipes do Consultório de rua e 2 equipes do consultório na rua, devido às especificidades do território e as demandas por eles percebidas. Afinal dizia ele, “o foco é diferente um do outro, por exemplo, “...nem todo morador de rua é usuário de drogas e nem todo usuário de drogas é morador de rua, mas, estão todos num mesmo lugar”. (...) Existe morador de rua e pessoa em situação de rua que precisam da atenção de ambos os dispositivos, portanto, se tiramos o consultório de rua “da comunidade para esses que não conseguem acessar o CAPS também ia ser complicado, porque os consultórios na rua vêm somente para pessoa em situação de rua”.

⁵⁰ No Recife, o Consultório de rua funciona com equipes itinerantes ligadas aos CAPS ad e realiza ações de busca ativa e redução de danos nos territórios de referência com pessoas usuárias de drogas em situação de rua ou não. Já o Consultório na rua são equipes itinerantes ligadas à atenção básica e realiza ações visando a atenção integral de pessoas em situação de rua compostas por: 1 psicólogo, 1 assistente social e um ARD.

⁵¹ Genivaldo Francisco da Silva, é Coordenador de território das equipes do consultório de rua e consultório na rua.

“O consultório na rua não vai atender Joaquim que mora lá no alto do José do pinho (...) que vai lá na praça “dá uma bola”, “dá um tiro na lata” e vai para casa, mas, que não consegue chegar no CAPS, porque? Esse equipamento, como foi construído o consultório de rua, veio para preencher uma lacuna deixada pelos CAPS” (...).

“Porque os técnicos não vão pro território, né? Aqui em Recife acontece muito isso, depois vocês vão dizer se nos municípios de vocês acontece isso também. “...Fica muito no papel do agente redutor de danos ir pro território. (...) E é muitas vezes com eles que são construídos os vínculos (...) Quando o consultório de rua chegou foi pra isso”.

“Os últimos dados de 2006 do Ministério de Desenvolvimento Social diz que em Recife havia 1350 moradores de rua, podemos dividir esse número em dois distritos sanitários (DS) que concentram essa população: no DS 1 que é o centro do Recife, onde tem 3 periferias bastante movimentadas ao redor, que é Santo Amaro (...) uma das comunidades mais violentas. O COC que é outra comunidade também aqui na frente e a Comunidade do Pilar. E o centro da cidade que me favorece várias coisas né? (...) pedir esmola, fazer uso de droga, tá junto daquele que tá circulando no centro, então essa população se concentra muito no centro da cidade e no DS 6 - das praias, dos maiores shoppings, do turismo”. Por isso, não vimos a necessidade de ter 6 equipes de consultório na rua e acabar o consultório de rua. (...) e pleiteamos isso junto ao MS que disse que não, e a defesa da gente foi manter duas equipes de consultório na rua porque a gente acha que tem mais necessidade nessas duas RPA's ligado à atenção básica e aos PSF e os consultórios de rua ligado aos CAPS e a gerência de saúde mental com as ações no território.” (...)

Neste momento, Tião sente o desejo de compartilhar um pouco da realidade do serviço e do território onde atua⁵²:

- No município em que trabalho, além de não haver ARD's, Consultórios De Rua e Na Rua e outros vários dispositivos, os Técnicos que estão no CAPS, estão “encapsulados” e institucionalizados por diversos fatores. As ações no território são limitadas ou incipientes quando ocorrem. Por haver somente um CAPS ad em todo o município,

⁵² Com população de aproximadamente 450.000 habitantes, área de 208 km² e 90 bairros divididos em 5 distritos sanitários. O município de Vila Velha pertence à região metropolitana de Vitória e dispõe somente de um CAPS ad e 5 duplas de referência em saúde mental, sendo uma em cada região – estas duplas encaminham (quando é necessário o atendimento médico psiquiátrico) ao centro municipal de atenção secundária (CEMAS). Desde o primeiro semestre de 2014, não há mais o equipamento do consultório de rua e atualmente o consultório na rua está em fase de planejamento (VILA VELHA, p.14, 2008).

temos uma demanda enorme – os profissionais se vêm sobrecarregados diante das rotinas e procedimentos do CAPS. Algo que nos atrapalha e enfraquece também, são as internações compulsórias no campo da saúde mental em todo o estado do Espírito Santo e vivenciamos uma “enxurrada” dessas demandas no nosso município.

Nesta hora, Elis uma companheira de percurso vinda de Belém do Pará, conta que após várias conversas e articulações no “miudinho” com os profissionais que atuam na ponta do judiciário, eles conseguiram organizar um evento, que hoje acontece anualmente: Saúde Mental, Redução de Danos e Direitos humanos. Após este evento, abriu-se uma linha de diálogo permanente com o setor judiciário de forma que casos de internação compulsória, são raros e quando ocorrem, as internações respeitam as diretrizes preconizadas na Lei 10.216/2001. Assim também ocorre no Recife e em Bagé/RS como contaram os que lá estavam.

E Geni continuou:

“Uma fala que eu levo pra onde eu vou é que saúde não é só o atendimento clínico; saúde é: habitação, educação, cultura, assistência (...). Então a gente procura também usar esses outros equipamentos para desenvolver as ações (...) Nós temos uma equipe de teatro com quatro personagens e uma Dragqueen que fazem abordagem através da arte. Eles chegam ali na praça, montam esquete, vai pra escola, vai para o PSF, tá nos grandes eventos da cidade(...)”.

“(…) A gente tem o projeto Fábrica que é uma parceria desse movimento da saúde com a assistência que oferece aos meninos atividades artísticas como foco e que eles sejam agentes multiplicadores, de forma que o que eles desenvolvem na oficina eles transformam num espetáculo que levam pro palco. E aí o usuário, a rede e a população vêm nesses meninos sua história e identificam-se. Então eu não preciso trazer uma Luana Piovani (...) para contar as histórias dos nossos usuários. É o próprio usuário que conta sua história no palco dentro de um processo de formação, de um processo de tratamento e dele ser esse protagonista, ser esse multiplicador. Pra que esse jovem possa ser esse multiplicador lá na comunidade. É ele que conhece a boca, que conhece o traficante, que tá dentro da escola, que tá fazendo seu projeto de vida, então nada melhor do que ele mesmo ser esse redutor de danos e esse multiplicador (...)”.



Arte mural (colagem) das ruas do Recife antigo.

“ (...)Então a arte⁵³ é um importante elemento que a gente utiliza.”

“(...) Há a participação da assistência quando tá envolvida em fóruns, puxando os centros pop para conversar... Nossa própria rede de saúde, por exemplo, tem uma grande dificuldade com o SAMU⁵⁴...”

“Uma vez aquele ali (apontando para um profissional) teve que ir para a porta do equipamento, trazer o SAMU para atender um usuário. Por diversas vezes ficamos sem suporte e retaguarda para nossas intervenções. Não só do SAMU, mas, também da guarda municipal, das unidades de saúde e CAPS que às vezes não acolhem integralmente esses usuários em situação de rua.

“Muitas vezes o acolhimento que nós fazemos na rua quando chega na porta do serviço é quebrado (...) “Você acolheu, ofertou um produto a ele e quando chegou lá quebrou o encanto! Já aconteceu de abordar, convencer, levar e quando chegou lá no serviço, ele entra na sala e a menina diz assim”:

- “Pronto mais um marginal que o Geni mandou!”

⁵³ A arte aqui é tratada considerando os estudos da arte contemporânea - enquanto dispositivo potente para disparar expressões, transformações e problematizações na subjetividade contemporânea. Trata-se da construção de uma clínica que inclua outras formas de expressão, para além da representação. Propõe-se assim, que algumas experimentações no campo da arte podem ser transmitidas à clínica, entendida enquanto prática também experimental. “Certas analogias como campo da arte nos levariam a compreender que a derrocada de certas estruturas estabelecidas, certas transformações das formas de organização familiar, do modo de vida urbano, da tecnologia, não necessariamente nos conduzirão à destruição, mas que se trata de construir outros modos de vida, onde os sentidos éticos e estéticos adquiram um lugar preponderante” (RAUTER, p.111, 1997).

⁵⁴ SAMU - Serviço de Atendimento Móvel de Urgência. Semelhantemente à Recife, em Vila Velha há uma dificuldade de entendimento quanto à necessidade dos casos de Saúde Mental de Vila Velha serem atendidos por este serviço. Há certa resistência quanto à necessidade de atendimento de pessoas com transtorno mental. Segundo um dos profissionais da rede e Saúde Mental de Vila Velha, “o SAMU só atende se a pessoa estiver matando a outra” (sic.).

Ele não voltou nunca mais e não vai voltar e aí quando encontramos com ele novamente ele disse:

- “*Praquela*” p**** eu não volto! Eu não sou um marginal! Eu quero ser tratado como gente! Eu não tenho o direito? Não é tu que chega aqui e diz que a gente tem direito? Cadê esse direito?

Nesse sentido, vemos a importância do CAPS funcionar como um serviço de “portas abertas”, quando se trata de acolher, de escutar de funcionar enquanto articulador e regulador da rede. Rosa - ARD interfere na fala e lembra que “toda e qualquer mudança de gerência interfere diretamente no trabalho, por exemplo, quando a gente vai pra dentro do CAPS vê que aqui em Recife os discursos são totalmente diferentes. O discurso da redução de danos era pra ser introjetado na prática dos CAPS⁵⁵. Isso interfere muito na prática da gente e na dinâmica de trabalho da gente. A forma de gerenciamento é totalmente diferente, o ARD trabalha na lógica do usuário, atende o usuário, é no horário do usuário, a forma de vida do usuário, é com o usuário, no espaço do território existencial do usuário. E o CAPS funciona na lógica da instituição, no tempo da instituição, na hora da instituição... Então a gente ainda está se ajustando, mudou a gerência, mudou o prefeito (...) isso muitas vezes é um retrocesso no trabalho



Foto:Arte mural das ruas de Olinda.

da gente (...). Eu levei aproximadamente um ano para aprender a trabalhar, (...) hoje as

⁵⁵Diferentemente desta profissional, durante o percurso percebi como se as práticas tanto do CAPS ad quanto do consultório de/na rua no Recife funcionassem comumente na lógica da RD. De qualquer modo identifica-se nesta fala uma semelhança com o CAPS ad Vila Velha - quando a profissional afirma que há uma contradição no manejo das práticas cotidianas de trabalho quando um CAPS funcionam sob mais sob uma lógica baseada na abstinência e na repressão do que sob a lógica da redução de danos.

instituições formadoras não ensinam essa prática de cuidado com essa parte da população. Eu tinha muita teoria, então eu precisei aprender na prática, por exemplo, a humanizar o meu olhar para o traficante separar. Eu sou ARD, não sou policial o que estou fazendo aqui...”.



Foto: Arte mural das ruas do Recife antigo.

“Hoje eu penso que o que há de mais top em tecnologia para intervenção com usuários de droga é a lógica da redução de danos. A lógica do proibicionismo, da repressão, da abstinência ainda é muito forte em alguns CAPS. E dentro do próprio CAPS tem ainda pessoas que são voltadas mais para redução de danos e pessoas mais voltadas para a abstinência e repressão. Então, são questões humanas e de relações humanas que estão sendo revistas (...).”

Falando um pouco alguns sobre fragmentos práticos sobre a RD, Geni complementa:

“O nosso desafio é fazer com que o usuário entenda que a gente está ali não é para proibir, nem fazer uma abordagem policial e sim conscientizar a necessidade deste atendimento, deste cuidado com a saúde dele. A nossa prática de redução é essa. Então quando ele diz:

- “Tio eu tô há 3 dias sem fumar maconha e estou tomando água, eu tô conseguindo chegar até o centro pop pra ser atendido (...).”

- “Tio eu tô há 3 meses sem usar pedra e tô na maconha”. A gente comemora, mas, aí você diz:

“Poxa Geni mas o cara vai continuar na droga?”

“Mas ele já reduziu! (...).”

“Uma outra dificuldade que nós temos em nosso trabalho é com a própria sociedade e

seus tabus ao falar sobre sexo e drogas em nossas abordagens no território e nos eventos. Quando chega uma equipe na rua distribuindo seda, piteira, cachimbo ou outros insumos para práticas saudáveis e redução de danos, muita gente da sociedade de uma forma geral vai entender isso como: “a prefeitura tá colocando uma galera na rua para estimular a turma a usar”. Nós temos a distribuição de insumos como principal facilitador de abordagem e aí através disso pode-se estabelecer uma relação direta entre o uso de substâncias, sexo e a redução de danos que é uma prática saudável não só quanto ao sexo para não contrair doenças mas também com relação ao uso de droga ao diminuir os prejuízos causados pelo uso da droga e estabelecer um diálogo nesse sentido.”

PEDRO MALASARTES NO CAPS AD

Imbiribeira, 10 de setembro de 2014, Recife.

Malasartes não perdia a oportunidade de conhecer lugares e pessoas novas. À medida que o tempo passava, ele se encantava ainda mais no Oficinar e os artifícios de cuidado que tanto falavam naqueles dias.



Foto: Cartaz exposto no corredor do CAPS ad Prof. José Lucena.

Certa vez, numa de suas idas e vindas aos arredores da RAPS, permanecia mais tempo num CAPS ad⁵⁶. Ali ouviu histórias de como era aquele CAPS e as minúcias de seu funcionamento.

Diferente do lugar de onde veio achou interessante o fato daquele CAPS funcionar articulando e regulando a rede⁵⁷ como diziam que deveria ser.

Lá Pedro ficou alguns dias. Acompanhou alguns dos casos que estavam sendo

⁵⁶ CAPS AD – Professor José Lucena funciona em horário estendido até às 21horas, sendo que divide-se em 3 turnos de atenção diária: 8hs às 12hs; 12hs as 17hs e 17hs às 21hs.

⁵⁷ Portaria GM nº 336, de 19 de fevereiro de 2002. Define e estabelece diretrizes para o funcionamento dos centros de atenção psicossocial. Uma das principais atribuições do CAPS, são funcionar enquanto articulador e regulador da rede de saúde mental.

acolhidos. Participou de triagens, reuniões de equipe, grupos de atenção diária e algumas visitas na unidade de acolhimento (UA⁵⁸) reguladas por este CAPS AD. Acompanhou algumas ações com o Consultório de Rua ligado a este CAPS.

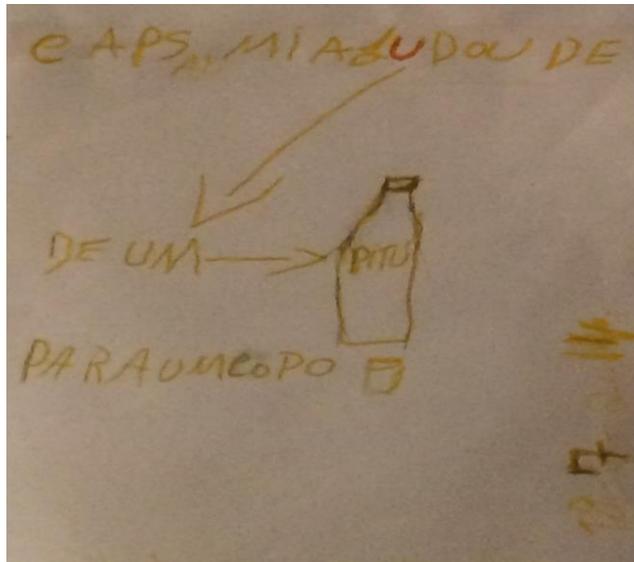


Foto: Cartaz exposto no corredor do CAPS ad - Prof. José Lucena.

Malasartes escutou algumas histórias muito inspiradoras sobre “militâncias, vontade política e desinstitucionalização” no Recife ocorridas num curto período de tempo⁵⁹ e há pouco tempo. Viu também que neste CAPS não havia nenhuma oficina terapêutica ou de geração de renda acontecendo, ou uma grade de tarefas à serem cumpridas. Pedro estranhou o fato de existirem poucas atividades nos estabelecimentos, mas, em compensação viu que lá fazem muitas ações com e no território, que as artes estão nas ruas e são nesses espaços que se desdobram as intervenções em saúde, afinal, viver é terapêutico!

Pedro se apresentou e após conhecer um pouco daquele lugar e daquelas pessoas, ficou

⁵⁸ Unidade de Acolhimento: é um ponto de atenção que oferece cuidados contínuos de saúde, com funcionamento 24 horas, em ambiente residencial, para pessoas com necessidade decorrentes do uso de drogas que apresentem vulnerabilidade social e/ou familiar que demandem acompanhamento terapêutico e protetivo de caráter transitório até 6 meses (BRASIL, 2011).

⁵⁹ Em Recife, o processo de desinstitucionalização e o investimento na rede de serviços substitutivos ocorreu num período curto considerando que, em 2001 havia apenas um CAPS público municipal e o hoje, em 2014 já haviam: 17 CAPS (sendo 6 deles de referência em álcool e outras drogas; 8 de referência em transtorno mental sendo 2 desses 24 horas e três com horário estendido até 21 horas; 3 de referência infanto-juvenil, 01 para atendimento a adolescentes e 2 para atendimento infantil); 4 unidades de acolhimento vinculadas ao CAPS ad; 30 residência terapêuticas voltadas para usuários de longa permanência de hospitais psiquiátricos com vínculos familiares e comunitários fragilizados; 10 ambulatórios distribuídos nos distritos sanitários do município; 4 equipes de consultório de rua e 2 equipes de consultório na rua.; 24 leitos de desintoxicação conveniados.

cabreiro e perguntou sobre as oficinas do lugar...

VIVÊNCIAS DE PEDRO E NINA

Final de tarde, 14 de setembro de 2014.

Certo dia, conversei com Nina uma Terapeuta Ocupacional que me contou histórias e falou um pouco sobre como ela fazia as oficinas.

- “Então, aí veja, dizia Nina, (...) “eu não planejo oficinas, é dependendo de alguma demanda que aconteça no grupo”. Uma oficina que eu fiz aconteceu por essa razão. Eu procurando saber no acolhimento como é que tinha sido o final de semana”, aí um deles disse:

- “Ah! Eu usei uma “dóla” de maconha!”

E o outro:

- “Eu usei tantas pedras de crack...”

“Gente, eu estou perguntando como vocês passaram o final de semana, como é que vocês estão?”

“Então a única visão do grupo era a do uso (...) eu perguntei a ele: o que é que você faz quando você não usa? Quem são vocês?”

Aí a gente começou a discutir isso e isso foi para a Terapia Ocupacional (grupo).”

No grupo de Terapia Ocupacional eu voltei com a discussão: quem são vocês? o que é que vocês fazem quando não estão usando droga? Há uma outra parte da vida de vocês.



Foto: Atividade coletiva realizada no CAPS ad - Prof. José Lucena.

Um dizia: “- Ah! eu sou de sair...”

E o outro: “- Eu trabalho com solda de navio...”

“- Ah... eu perdi meu filho recentemente. Eu tava usando crack, um bebê morreu, e eu já perdi a guarda de um outro...”

“E a gente começou a discutir essas histórias na Terapia Ocupacional. Eu propus: vamos construir alguma coisa com isso para visualizar e reutilizar como discussão futura?”

O grupo concordou em fazer uma maquete.

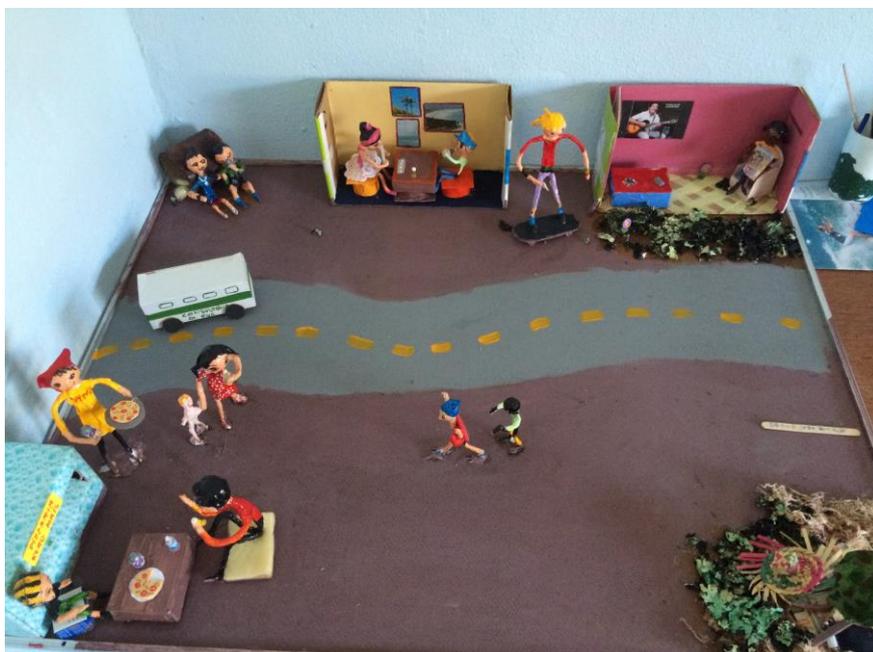
O que é uma maquete? (...) como seria essa maquete?



Então eu passei a técnica de papietagem e papel machê. Com essa técnica (...) eles construíram (...) “o como” eles vivem em torno de si, em seu cotidiano. (...) Eu filmei essa construção toda e discuti com eles.

Eles construindo e fazendo bonecos, os espaços onde eles botaram...

E no fim deram um nome: “Do outro lado da rua”, porque eles pensaram em botar de um lado da rua “a ilusão” e do outro lado ele numa situação cotidiana da vida.



Foi muito interessante que a gente começou a ver que enquanto eles estavam construindo e pintando os bonecos, vários deles se fizeram. Tinha um usuário que andava de skate, então ele fez um boneco de skate com o baseado na mão e depois fez em casa na pizzaria onde ele vendia pizza... Então teve esse paralelo, dessa dicotomia mesmo, dessa vida deles e como eles se dividem.

Nós usamos a maquete várias vezes para discutir quem eram aquelas pessoas, o que podia ser feito para que eles tivessem uma vida mais produtiva? (...) então foi muito rica essa oficina.

Então assim, às vezes a oficina quando eu uso, eu acho que ela é terapêutica quando tem uma finalidade não só de geração de renda porque as oficinas geralmente ficam muito atreladas à geração de renda.

Pedro concordou:

- É verdade, penso que isso acontece facilmente quando uma oficina vira um fazer repetitivo, ou somente uma tarefa à ser cumprida na atenção diária do CAPS. Quando esta oficina funciona somente com vistas à produção de renda, ela perde a sua potência na produção de vida.

Uma vez conheci uma Oficina de Tapeçaria num CAPS que funcionava havia pelo menos 14 anos. Inicialmente esta oficina funcionava no setor de hospital dia dentro de um Hospital Psiquiátrico Estadual.

Tempos depois uma das enfermarias deste manicômio, virou um CAPS. E a primeira Oficina à ser realizada neste CAPS foi esta, que já ocorria no Hospital. Nesta oficina a pessoa que conduzia determinava o tipo do tapete, as cores do tapete e a tarefas à serem cumpridas por cada participante.

Era como um condicionamento, uma ocupação para manter o silêncio e ordem do lugar, um meio para avaliação de como os usuários estavam reagindo à medicação um modo de controle e regulação. Apesar de esta oficina funcionar numa lógica bem próxima à um tratamento moral, neste CAPS haviam outras oficinas e pessoas bem legais.

Nina escutava, pensava e continuava contando...

Ah! Uma outra oficina que ainda está em andamento é uma que surgiu quando eles falavam do afastamento da vida do trabalho e dos disparadores que era o “gatilho” para o uso, “a falta de ter o que fazer”, por exemplo, eles se afastavam do trabalho entravam no auxílio-doença, mas, ficavam desocupados e muitos deles não sabiam lidar com esse tempo ocioso, como era?

Eles diziam que esse tempo eles ficavam parados davam físsura e eles iam usar. Então a gente começou a discutir: De que forma a gente pode fazer alguma coisa que fosse produtiva, mas, que também aprendessem coisas novas? Então, o que seria? aprender alguma coisa que a gente não sabe...

Eu propus, considerando a questão financeira, trabalhar fazendo material de limpeza: detergente, sabonete líquido e começamos a trabalhar nessa perspectiva. Nessas oficinas trabalhamos com eles os preços de todo o material comprado, o quanto eles poderiam vender para a família e vizinhos mesmo estando desocupados em casa...

A discussão e a realização das oficinas são pra tentar viabilizar essas demandas que eles trazem - o que eu acho que é mais importante, do que você planejar uma oficina "do nada" e chegar lá: "a oficina que eu vou fazer é esta!" Então eu procuro esperar uma oportunidade para propor uma oficina.

Complementa Malasartes:

- Ah! Então você diferencia oficina terapêutica de grupo de Terapia Ocupacional. Oficina terapêutica seria isso que surge, de uma demanda do grupo e a partir daí, do que eles trazem, você propõe e cria uma proposta com eles?

Nina:

- É, e eu entendo que só assim seria terapêutico para aquele grupo. E eu não posso chegar determinando uma oficina pra um grupo que pode não estar sensibilizado praquilo e aí isso ser simplesmente uma atividade qualquer, "intendessi"?

- Sim...

- Ou então eu faço o grupo de Terapia Ocupacional que muitas vezes eu uso material de atividades socioeducativas, atividades reflexivas e artesanais também. Diferente dos grupos de Terapia Ocupacional, as oficinas são mais livres e atende às demandas do grupo. E o Grupo de Terapia Ocupacional eu uso para avaliar, estruturar um grupo e/ou estimular algo que eu veja a necessidade..

Por exemplo, eu gosto de trabalhar com bijuterias porque eu penso que é uma forma de avaliar e estruturar um grupo. As pessoas geralmente chegam muito desorganizadas para o começo do tratamento. No grupo de Terapia Ocupacional utilizando o artesanato com Bijuteria eles vão se organizando, trabalhando o senso crítico, a ordem, a coerência, a sequência lógica... Aí você começa a perceber esse fenômeno acontecendo no grupo. No primeiro dia eles têm dificuldade de organizar o material de trabalhar em conjunto e à medida que eles vão interagindo e participando do grupo eles vão conseguindo se organizar melhor no tratamento e na vida.

Quando vejo que é um grupo que está tendo dificuldade em interagir, um grupo novo, eu proponho uma atividade que eles têm que trocar material, emprestar, compartilhar, isso seria um exemplo de grupo de Terapia Ocupacional.

Eu penso que o grupo de Terapia Ocupacional passa pela percepção do Terapeuta com relação ao que é aquele grupo precisa trabalhar. (...) Se o grupo está com dificuldade de se relacionar, então eu trago uma atividade que é preciso trocar.

Algumas vezes percebo que falta motivação e ânimo do usuário de droga, ou mesmo pelo uso da medicação. O que que eu faço? Eu deixo o material na estante, convido para buscarem comigo e aí, eles têm que buscar e separar o material. Assim, de forma lúdica e participativa nem notam que estão buscando, lavando o material e guardando, vai ficando automático, isso aí que eu trabalho...

No grupo você usa a atividade como recurso terapêutico a partir da percepção do Terapeuta, já na oficina você espera deles, eles trazerem e assim quando surge a possibilidade, ou que se fala alguma coisa, transforma-se numa oficina. Por exemplo, se eu faço uma oficina de geração de renda com Bijuteria, por exemplo, aí já é diferente, (...) a gente precisa de fazer um material bem acabado para poder vender, trocar, dar de presente... Já na Terapia Ocupacional eu estou querendo que eles trabalhem questões deles mesmos, com um material que pode ser agradável.

Muitos aqui já foram ou ainda são catadores, durante um grupo conversamos sobre reciclagem e surgiram várias idéias. Foi aí que surgiu a idéia de fazer uma oficina. Daqui há alguns dias vamos fazer uma oficina em parceria com os oficineiros de uma organização de catadores de materiais recicláveis. Eles ensinarão a fazer bijuteria com papel reciclado e cartões de natal. Esta oficina que a princípio teria somente a atribuição de ser “terapêutica”, o grupo já começa a enxergar como possibilidade futura de geração de renda.

Pedro:

- Em Vila Velha, no CAPS onde estou, temos uma oficina de geração de renda em andamento. Lá fazemos mosaico em placas de mdf que recolhemos do lixo de uma fábrica e usamos plásticos de produtos de limpeza e higiene pessoal para fazer as peças. Embora esta oficina esteja na grade de atividades da atenção diária do CAPS, ela é uma Oficina aberta à todas as pessoas e familiares que frequentam o CAPS, o que dá outros movimentos para a dinâmica dos encontros, diferente das outras oficinas que ocorrem na programação de atenção diária, onde só participam os usuários que frequentam a atenção diária. Porém, o mais importante no jogo deste trabalho, parte

dos efeitos para cada sujeito da relação que se estabelece nestes encontros do Oficinário e as aberturas possíveis. Um dia, um usuário que passou por esta oficina se aproximou, agradeceu e disse que está somente frequentando o grupo uma vez por semana no CAPS. Perguntei à ele o porquê do agradecimento. Ele continuou e agradeceu a oportunidade de aprender o mosaico, pois, como ele já tinha atuado como pedreiro, hoje, ele usa aquela técnica aprendida na oficina agregado à sua profissão e isso está funcionando como algo que complementa sua renda pessoal. E disse ainda, que recebe encomendas para fazer quadros, placas, números de casas... Começou a trabalhar com mosaico com cerâmica também e pretende com a ajuda da filha criar uma página na internet para divulgar seus trabalhos. Observa-se como efeito desses encontros nas oficinas a ampliação das possibilidades de trabalho, o agenciamento com novos recursos tecnológicos e o aumento das interações de comunicação, compartilhamento e apoio social.

Essa conversa continuou... Quanto mais conversavam, mais tinham assuntos e histórias para contar, mas, o tempo estava passando rapidamente que não dava mais tempo pra ficar. Malsartes tirou algumas fotos e seguiu seu caminho muito agradecido à Nina e à equipe do CAPS ad por onde passou.



Foto: pôr do sol no alto da Sé em Olinda.

AJEITANDO O EMBORNAL E ORGANIZANDO AS MALAS

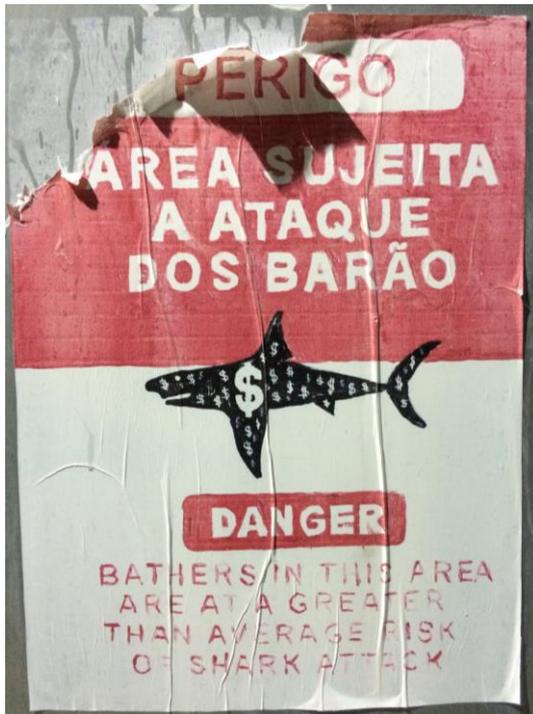


Foto: Arte mural das ruas do Recife antigo.

O dia se transformou em noite, arruma-se as malas e o intercâmbio chega ao fim. Pedro e Tião preparam-se para retornar daquela experiência, pois, logo estariam de volta às terras capixabas.

Após aqueles encontros, levam em suas malas lembranças, ideias, desejos e novos instrumentos para seus ofícios. Pedro sabia que as boas ideias podiam ser adaptadas e traziam em si diferenças que talvez poderiam fazer pensar. Já Tião volta com o desejo de perguntar. Questionamentos que de certo modo poderiam perturbar a ordem

do “encapsulamento”, da institucionalização⁶⁰ e das cristalizações - várias interrogações que turbilhonavam sua cabeça e tinham a incumbência de compartilhar as histórias das terras de lá.

Antes de contar histórias e compartilhar suas reflexões, sabia que nem todos teriam ouvidos para escutar e afetar-se por aquelas preciosas histórias. Será?!

Era o que se perguntavam. Após conversar, rabiscar e (re)pensar, decidiram compartilhar, pois, seria um desperdício calar-se.

Pedro e Sebastian perguntavam-se: o quanto queremos mudar? Estamos dispostos a diferir-se em nossas práticas? Em qual lógica estamos operando? Que Clínica queremos? O que nos fortalece e enfraquece aqui no CAPS ad de Vila Velha? O quanto

⁶⁰ Quanto às institucionalizações, confinamentos e formas de controle, Deleuze nos lembra que “(...)a crise do hospital como meio de confinamento, a setorização, os hospitais–dia, o atendimento a domicílio puderam marcar de início novas liberdades, mas também passaram a integrar mecanismos de controle que rivalizam com os mais duros confinamentos. (DELEUZE, 2000, p. 220).

estamos dispostos a fazer uma análise de nossas implicações ético-políticas e problematizar nossas práticas atuais?

Ao retornar daqueles encontros no Recife, foram forçados pensar e a revisitar alguns conceitos-ferramentas de trabalho, tais como: Técnicos de Referência, Clínica Ampliada, Transversalidade, Projeto Terapêutico Singular e Redução de Danos.

Algo que se repete nos CAPS do Recife, Vila Velha e também por vários do Brasil que lá estavam representados é a institucionalização dos usuários que frequentam os CAPS.

Daí se perguntavam: como romper com a lógica manicomial e criar modos outros de fazer oficinas, de trabalhar, de acolher e produzir cuidado? Como criar pontes efetivas com a rede territorial e assistencial? Como fomentar a circulação dos usuários pelo território de modo ativo e inventivo não somente restringindo-se aos serviços de saúde?

Para eles o que estava em jogo agora era o desejo de ampliar a clínica e colocar em análise as próprias posturas, os preconceitos, as concepções (MACHADO & LAVRADOR, p.518, 2009) e o que até então estava naturalizado no cotidiano do CAPS onde realizavam seus ofícios.

Algumas situações simples enquanto analisadores, possibilitaram uma escuta institucional nos espaços por onde passaram, mas, o exercício constante foi o de repensar e analisar as próprias práticas e as implicações em seus processos de trabalho.

Nesse sentido Suely Rolnik afirma uma clínica inseparável da crítica,

“...enquanto reativação da força que problematiza e transforma a realidade, possibilidade aberta de invenção de devires, contra o poder dos fantasmas que mantém a subjetividade sob a égide exclusiva de um jogo estabelecido qualquer e suas regras correspondentes, regida portanto fundamentalmente por um princípio moral. (...) Princípio que é também ético, já que aqui é a vida que atribui valores, tendo como única referência sua própria afirmação e expansão;” (ROLNIK, 2000, p.9)

Algumas situações são desdobramentos da chamada Reforma Psiquiátrica combinado às

críticas de alguns trabalhadores. Uma clínica que se desloca dos especialismos das práticas multiprofissionais para uma dinâmica marcada pela transdisciplinaridade. Uma clínica que se propõe a habitar fronteiras como estratégia de percursos em territórios e campos híbridos de atuação.

A participação ativa dos médicos nas reuniões de equipe e as discussões de casos com os outros profissionais chamou a atenção. Diferentemente do que foi visto no CAPS visitado, podemos afirmar que é algo sócio-político-histórico e culturalmente instituído que este profissional não está no mesmo “nível” hierarquicamente dentro da rede de assistência. Para os outros profissionais que compõe o CAPS é conhecido e notório esta diferença. Nesse sentido, como romper com tal hegemonia e criar novos agenciamentos entre os saberes no campo híbrido da saúde mental?

Para além da questão médica, observa-se por essas bandas de Vila Velha uma lógica dos “especialismos” nos CAPS. Muitos profissionais atuam cada um no “seu quadrado” e se recusam, por exemplo, a ir para o território, realizar busca ativa e/ou grupos na atenção diária. E por incrível que pareça não é somente porque não estão “capacitados”, por “não ser da sua atribuição” ou de seu “campo de conhecimento” – mas, por um “simples” “**não querer**”. O que é totalmente incompatível com as propostas de um CAPS – um dispositivo híbrido e complexo, que em seu cotidiano exige novas práticas profissionais e reinvenção constante da organização do trabalho que contribuam para a transformação social da loucura e para a potencialização da/na vida dos trabalhadores e usuários desses dispositivos.



Foto: Trecho da música: Tô de Tom Zé no banheiro de um bar em Olinda.

TÉCNICOS DE REFERÊNCIA – DESRESPEITANDO OS “ESPECIALISMOS”

Nas rodas e grupos de estudo durante o percurso formativo, por diversas vezes enquanto os viajantes de todo o Brasil apresentavam-se unanimemente do nome e especialidade...

- Eu sou “Fulano de Tal, sou Terapeuta Ocupacional (ou outra especialidade) do CAPS de...

Os anfitriões da RAPS do Recife se apresentavam dizendo:

- Eu sou Fulano de Tal, Técnico de Referência do CAPS de... ah! Eu sou Psicólogo de formação...

Numa das várias rodas de conversa, muito se falou nos chamados “Técnicos de Referência em saúde mental” que atuam nos CAPS e em outros dispositivos da RAPS. São profissionais de nível superior e médio com formações diversas que de certo modo atualizam saberes e práticas que são transversais aos que atuam no campo da saúde mental. Embora não seja determinante, mas, o modo de se apresentar comunica “algo” de transdisciplinar e percebe-se que nesta configuração é mais fácil conceber novos possíveis em práticas transdisciplinares.

Enquanto uns quase esquecem-se de suas especialidades evitando a lógica disciplinar ao apresentar-se, outros enfatizam e limitam-se às mesmas. Portanto, fechados em suas disciplinas os profissionais tendem a realizar tarefas repetitivas e as normatizações técnicas passam a sobrepor as necessidades e o sofrimento da pessoa que requer assistência (LIMA & GUIRARDI, 2008, p. 154).

Na perspectiva de alguns dos atores da RAPS do Recife, atualmente observa-se a necessidade de em alguns momentos “retomar” as especificidades dos profissionais, ou seja, “misturou demais”, segundo um profissional, quando são necessárias algumas intervenções mais específicas do Assistente Social (AS), do Enfermeiro do CAPS, por exemplo, tem-se que encaminhar para um estabelecimento específico, pois, os profissionais dos CAPS algumas vezes não atuam mais em suas especificidades” (sic.).

Para este profissional, “em alguns momentos precisa-se de ressaltar as especificidades

profissionais para conduzir uma clínica que seja de fato ampliada, agregadora, que os projetos sejam de fato terapêuticos e singulares”.

Enquanto os anfitriões refletem sobre a necessidade de um certo resgate das especialidades, os outros viajantes que lá estavam pensavam abismados, pois, como dizia Cris de Ipatinga/MG:

“...ainda estamos num processo de destituir o saber da categoria para transformá-lo de fato num saber de técnicos de referência em saúde mental, mas, não esse burocrático, não esse que faz isso e aquilo, que está na escala de acolhimento porque é de nível superior, mas, esse saber constituído por mim e por muitos e que é horizontal, (...) apesar de ter a clareza de que as especificidades da categoria são importantes. E também daquele sujeito que é um profissional, mas, que é um sujeito e que tem uma escuta mais voltada pra isso ou aquilo, que tem um olhar sensível para essas questões” (anotações do grupo de estudo, 2014).

Para nossos anfitriões, “...a grande questão é: como eu posso ser técnico de saúde mental sem deixar de ser psicólogo, terapeuta ocupacional, enfermeiro? Porque é isso que vem acontecendo... é como se a burocratização “engolisse” o profissional e ele “perdesse” a identidade”.

Percebe-se então dois pólos nos modos de atuação, porém, sabe-se que os extremismos são na maioria das vezes (senão em todas) limitantes e/ou excludentes, portanto, devemos superar os especialismos rígidos de atuação, sem desconsiderar as especificidades profissionais enquanto parte integrante da rede de conhecimentos. (LIMA & GUIRARDI, 2008, p. 154.).

TRANSVERSALIDADE - AMPLIANDO A CLÍNICA

Além da hierarquização dos saberes, a transversalidade ajuda a (re)pensar a clínica de maneira integral, híbrida, atenta e sensível à escuta das singularidades heterogêneas dos planos (político, sexual, social, psicológico...) mais variados que atravessam cada caso. Para Guattari (2004, p.111):

“...transversalidade é uma dimensão que pretende superar os dois impasses, quais sejam o de uma verticalidade pura e de uma simples horizontalidade; a transversalidade tende a se realizar quando ocorre uma comunicação máxima entre os diferentes níveis e, sobretudo, nos diferentes sentidos”.

Nesta perspectiva, a clínica não detém-se aos diagnósticos e seus respectivos procedimentos, mas, opera-se com posturas éticas nos encontros e seus efeitos singulares, com o máximo de agenciamentos dos saberes e olhares das diversas disciplinas. Afirma-se o hibridismo como potência de aproximação do real de uma vida, para que de fato possamos operar na transversalidade da clínica ampliada.

A partir do princípio da transversalidade, a política nacional de humanização (PNH), lança mão de ferramentas e dispositivos para consolidar e articular redes, vínculos e a co-responsabilização entre usuários, trabalhadores e gestores. Uma das diretrizes desta política é a perspectiva da clínica ampliada. Com a proposta de romper com as práticas fragmentárias e os especialismos – comuns nos serviços de saúde - aposta-se em práticas interdisciplinares sem deixar de reconhecer e utilizar o potencial dos diversos saberes; bem como considera os usuários enquanto sujeitos buscando sua participação e autonomia no respectivo projeto terapêutico (BRASIL, 2007, p3).

Numa perspectiva ampliada da clínica, o acolhimento por exemplo, trata-se tão somente de uma ética que se transversaliza na atuação de **todos** os trabalhadores do que simplesmente um procedimento de triagem para admissão ou não nos CAPS e/ou outros estabelecimentos. Um outro exemplo, que por vezes é motivo de trincheiras são os atendimentos individuais – e que não é psicoterapia, porém, com potencial terapêutico igual ou maior quando realizado na lógica da clínica ampliada, assim, **todos** os

profissionais podem/devem realizar quando necessário. Diferente daqui, no Recife isso é óbvio.

Acontece também nas práticas em saúde mental, álcool e outras drogas que,

“...muitas vezes a equipe, acreditando que uma determinada forma de viver seja mais saudável, põe-se a orientar enfaticamente os usuários sobre o que fazer e evitar. Fala muito e escuta pouco. Então, quando os usuários encontram dificuldades de seguir “as ordens” ou têm outras prioridades, a equipe se irrita com eles, muitas vezes não se dando conta disso. Essa irritação transparece e dificulta o diálogo e a possibilidade de uma proposta terapêutica pactuada com o usuário, provocando reações de “afirmação de autonomia” e resistência ao tratamento, gerando um neurótico círculo vicioso. É muito importante tentar produzir co-responsabilidade e não culpa.” (BRASIL, p.20, 2007).

Ainda nos dias de hoje, mesmo nos CAPS e em outros dispositivos criados no bojo do movimento da chamada reforma psiquiátrica, por diversas vezes nos deparamos com profissionais atualizando em seus discursos, concepções e práticas com viés nas lógicas moral-religiosas e hegemônicas da abstinência⁶¹ total e da medicalização.

SINGULARIDADES E REDUÇÃO DE DANOS

Um bom começo para as intervenções talvez, seja pensar alinhados com algumas experiências vivenciadas no Recife e, que estão alinhadas com as políticas do Ministério da Saúde. Para não cairmos em lógicas culpabilizantes deveríamos seria a de trabalhar com ofertas e não apenas com restrições. Ofertas estas que devem ser específicas e singulares para cada sujeito, admitindo um “meio termo” possível (redução de danos).

⁶¹ Por paradigma da abstinência entendemos algo diferente da abstinência enquanto direção clínica possível e muitas vezes necessária. Entendemos também, ser uma rede de instituições que define uma governabilidade das políticas de drogas e que se exerce de forma coercitiva na medida em que faz da abstinência a única direção de tratamento possível, submetendo o campo da saúde ao poder jurídico, psiquiátrico e religioso (PASSOS & SOUZA, p.157, 2011).

Busca-se construir conjuntamente propostas aceitáveis e especificar os Projetos Terapêuticos Singulares, ou seja, procurar o “jeito certo” e a proposta certa para cada pessoa ou grupo, de acordo com suas preferências, escolhas e história. (Brasil, p.20, 2007).

Na perspectiva da redução de danos (RD) incentiva-se práticas saudáveis. A partir do compromisso ético com a defesa da vida, em redução danos lida-se com as diferentes possibilidades e escolhas que são feitas podendo a abstinência ser não o único, mas, um dos objetivos a serem alcançados. Nesta prática, segunda a política nacional para a atenção integral aos usuários de álcool e outras drogas, deve-se acolher sem julgamento, analisando cada situação, com cada usuário, o que é necessário, o que está sendo demandado, o que pode ser ofertado, o que pode ser feito, sempre estimulando a sua participação e seu engajamento (p.10).

Trata-se de uma intervenção “COM” e não “SOBRE” a pessoa, deste modo vemos a RD como um meio de tratamento, e aqui, tratar significa aumentar o grau de liberdade, de cor-responsabilidade daquele que está se tratando. Por outro lado, implica “... no estabelecimento de vínculo com os profissionais, que também, passam a ser co-responsáveis pelos caminhos à serem construídos pela vida daquele usuário, pelas muitas vidas que a ele se ligam e pelas que e nele se expressam” (BRASIL, 2003, P.10).

Nesse sentido, opera-se na lógica da RD e utiliza-se um instrumento de trabalho muito manejado nos CAPS e no discutido no campo da saúde mental, o qual o Ministério da Saúde (MS) nomeia atualmente de Projeto Terapêutico Singular (PTS).

O PTS é “um conjunto de propostas de condutas terapêuticas articuladas, para um sujeito individual ou coletivo, resultado da discussão coletiva de uma equipe(...)” (p.40). Após o acolhimento do sujeito, o PTS deve buscar as singularidades e as diferenças como elementos centrais de articulação uma vez que, os diagnósticos tendem a igualar os sujeitos e minimizar as diferenças.

De acordo com o MS este instrumento contém quatro momentos:

- o **diagnóstico** que deve conter uma avaliação orgânica e psicossocial que identifique os riscos e a vulnerabilidade do usuário enquanto sujeito singular que se produz diante

de diversas forças tais como: as doenças, os desejos, o trabalho, a cultura, a família, a rede social e etc.;

- **A definição de metas:** a equipe faz propostas de curto, médio e longo prazo, que serão negociadas com o usuário pelo profissional que tiver melhor vínculo;

- **A divisão de responsabilidades:** o momento em que será definido as tarefas/responsabilidades de cada um com clareza (incluindo familiares e a rede de apoio social quando houver ou for necessário) e por último;

- **A reavaliação:** momento em que se discutirá a evolução e se farão as atualizações necessárias (BRASIL, 2007, p.41).

Prezados, uma das diferenças que mais chamou a atenção dos nossos queridos Pedro e Tião foi a operacionalização do último item do PTS – A **reavaliação**. Há uma reavaliação mensal realizada em grupo e/ou individual por cada técnico de referência do CAPS. Eles enfatizam que a relação não é pessoalizada com o Técnico de Referência, sendo este “o porta voz da equipe” para com o usuário. Percebeu-se em diversas falas e encaminhamentos em reuniões de equipe o cuidado em reavaliar os PTS’s, a realizar interlocuções com o território, bem como a não institucionalização nas práticas do CAPS. E por fim, como não se trabalha com regras coercitivas, mas, sim com a co-responsabilidade de metas pactuadas e regras autônomas, é avaliado constantemente junto à equipe e o usuário para que no momento seja dada a “alta terapêutica” sem a obrigatoriedade da abstinência de drogas.

Como o assunto iria ressoar ainda por muito tempo, a conversa continuou...

Sebastian Rodrigues:

- Pedrão, sei que isso não deveria me deslumbrar, mas, como venho de um CAPS num território marcado pela moral-religiosa em suas práticas, essa viagem me ajudou a perceber isso: não estamos construindo coletivamente os PTS’s dos usuários e muito menos reavaliando ou dando as altas terapêuticas na perspectiva da redução de danos. Os processos se perdem no turbilhão de demandas assistenciais da população (por ter somente um CAPS ad no município), judiciais e pelas condições precárias de trabalho. E outro coisa Pedrão! Será sempre uma aposta, uma experimentação a construção de novos modos antimanicomiais e mesmo que tenhamos pistas sobre como isso foi feito no Recife ou em qualquer outro lugar, não devemos tornar estas experiências em

paradigmas e receitas, em guias de nossas práticas e, sim prudentemente, considerá-los como pistas, como momentos e lugares para mirarmos, como alimentos para digerirmos e ressignificarmos com os nossos fazeres, com os nossos coletivos reais, nos nossos mundos concretos. (MERHY, 2013 p.217)

Pedro Malasartes:

- Ih... Como se não bastasse o narrador, já vem você querendo falar difícil de novo...



Foto:Arte mural das ruas de Olinda.

62 A RODA



“...É mandingueiro diga de onde vem, diga quem te ensinou a mandinga que você tem...”

Final de tarde. Pedro Malasartes caminhava próximo ao cais do porto quando voltava do lugar onde buscava e entregava suas cartas. Pedro ouvia ao longe sons de berimbaus,

atabaque, pandeiro e vozes que respondiam em coro os corridos de tradição oral, comum nas rodas de capoeira⁶³, de ciranda e de histórias...

“...Panha laranja no chão tico-tico, se meu amor for simbora eu não fico...”

Enquanto ouvia, sussurrava e cantava dentro de si aqueles coros. Na medida em que se aproximava sentia o coração bater mais forte, seu corpo arrepiava e aumentava a vontade de jogar. Assim como os que lá já estavam, contagiava-se com aquele acontecimento e seus encontros, também queria vadiar⁶⁴ naquela Roda de Capoeira.

“...Na beira do mar, Na beira do mar, aprendi a jogar capoeira de angola na beira do mar ...”

⁶² “O selo focaliza a obra "Vadiação", da Série Jogo de Capoeira, do artista Carybé. A imagem mostra uma típica roda de Capoeira e suas figuras tradicionais, os jogadores e os instrumentistas em ação, assistidos, informalmente, pelo povo em descontração e simplicidade. Os tons fortes realçam o clima festivo. Foi utilizada a técnica de fotografia.” Disponível em: <http://www.selosefilatelia.com/PastaLancamentos09/011.html> acesso em 10/02/15.

⁶³ Aqui não faremos distinção entre capoeira Angola, Regional e outros modos contemporâneos de capoeira.

⁶⁴ “...Vadiamos quando podemos sair do controle do tempo homogêneo e histórico, penetrando no tempo próprio dos eventos, tempo das brincadeiras, das práticas destituídas de objetivos utilitários.” (ALVAREZ, p.21, 2007).

No cais, na borda, à beira do mar, um lugar de muitas rotas e passagens terrestres e marítimas. Os barcos, as paredes, os atracadouros, um lugar que conta histórias, pra quem desejar escutar.

*“...A menina do sobrado, mandou me chamar pra ser criado,
eu mandei dizer a ela que eu tô vaquejando o meu gado...”*

As construções do século XIX, lembravam o tempo em que ainda era proibido sob pena de prisão e tortura “Aos Vadios e Capoeiras fazer em ruas e praças públicas jogos de destreza corporal denominados por capoeiragem” agora ali livremente podia-se vadiar, brincar, e se expressar, mesmo que com certos olhares estigmatizados e sequelados por uma sociedade que outrora “demonizou” toda e qualquer expressão indígena e africana.

*“Misturou, misturou, Branco, Negro e Índio misturou...
Misturou, misturou, Branco, Negro e Índio misturou...
Quem pensa que é só negro se enganou...”*

O cais. A rua. As músicas. A roda de capoeira. O Jogo. Lugar de encontros, diversos mundos ali se transversalisavam...

“...Todo camburão tem um pouco de navio negreiro... Africa!”

A capoeira – filha de pais africanos, nasceu e fortaleceu-se no Brasil em tempos de resistência e luta por liberdade durante a escravidão. Os negros e os poucos índios que sobreviviam, apesar de tanta brutalidade e torturas, nas horas livres ocupavam-se de dançar, vadiar e lutar escondidos nas clareiras dos canaviais, no “mato ralo⁶⁵”, nos becos, ali surgia essa ciência nômade que é a capoeira.

Curiosamente descobriu-se que este misto luta-jogo-dança apareceu em diferentes regiões do Brasil (Recife, Bahia e Rio de Janeiro – mais expressivamente) num mesmo período. E não só naquele tempo, mas, hoje também a capoeira carrega uma potência nômade e até os dias de hoje mostra-se um dispositivo potente na resistência à escravidão, como prática de liberdade cotidiana, e atualiza-se no contemporâneo enquanto resistência às falsas liberdades “conquistadas” com a chamada abolição da

⁶⁵ Capoeira é um termo tupiguarani que significa “mato ralo”.

escravidão.

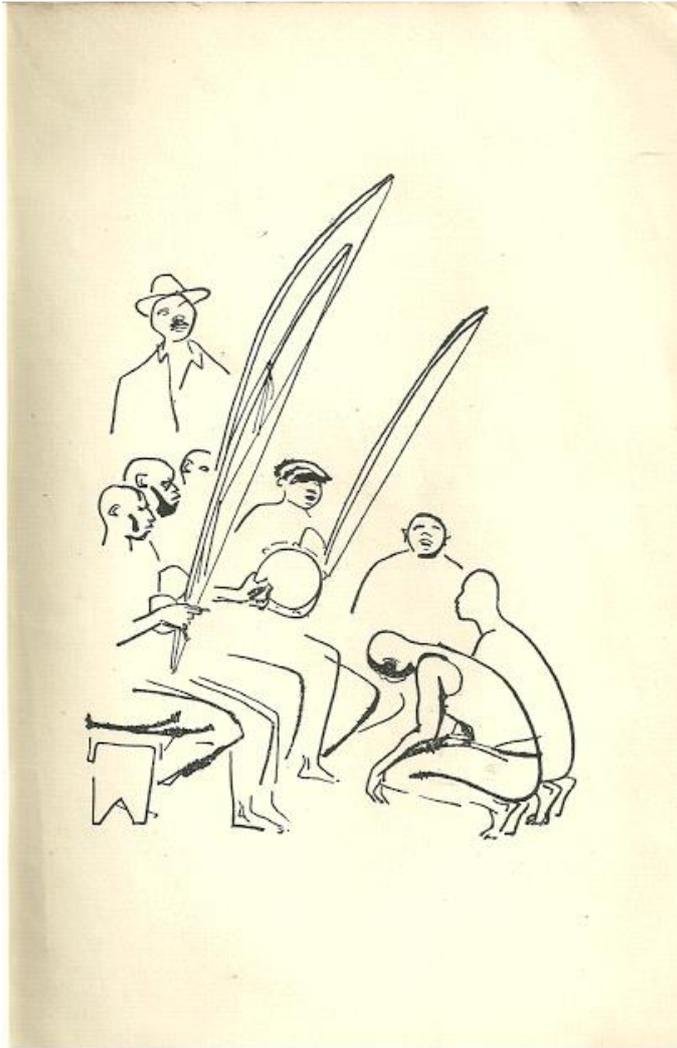
No período do Império, os adeptos da capoeiragem lotaram as prisões, assim como fugiam dela e enfrentavam a polícia. Com a proibição da capoeira com o Código Penal de 1890, as maltas desapareceram, porém, alguns discursos sinalizavam para uma trégua que viria somente na década de 1930, entre os capoeiras e o Estado, efeito da captura da prática da vadiagem e de sua institucionalização da capoeira como esporte nacional.

Apesar da tentativa de esportização/domesticação das escolas de capoeira, não há como evitar sua força rebelde e uma existência corporal que escapa e afirma um movimento desterritorializante.

É neste viés subversivo, errante, nômade e por muitas vezes ligada à marginalidade e a outras coisas menores que a capoeira afirma sua potência de abertura e de expansão da vida enclausurada, institucionalizada, enfraquecida. Interessante observar que desde seu aparecimento e mesmo após sua institucionalização, os capoeiras por vezes ainda são considerados “vagabundos”, macumbeiros e outras coisas consideradas “menoridades” em nossa sociedade – o que para nós, é talvez o que mais nos fascina.

Entre um jogo e outro, uma pausa no diálogo corporal, o berimbau reinicia a roda tocando num ritmo um pouco mais devagar - São Bento pequeno de angola, mestre Tony levanta a voz...

“...A capoeira não tem apenas uma verdade, ela tem várias verdades e várias outras verdades que se fazem a cada roda, a cada toque do berimbau, por isso a capoeira não pode ter um dono, e muito menos um dono da verdade, nós temos que ter humildade, humildade pra deixar a capoeira nos levar, pelo mundo afora, pelos mistérios... Iêêêêê!!!”



⁶⁶ “*Você que é dono da verdade
 Dono do certo e do errado
 O seu caminho meu "compadi"
 Ta cada vez mais apertado
 Você quer sempre ter razão
 Mas anda muito equivocado
 Você defende a negritude
 Mas age como um feitor
 O orgulho vaza na atitude
 É um discurso sem valor
 Um pouco mais de humildade
 Faria bem para o senhor
 Olha essa sua prepotência
 Esse seu ar superior
 Pode levá-lo a decadência
 Pode afastá-lo do axé⁶⁷
 Sapato grande em pé pequeno
 Acaba machucando o pé
 Iê Galo cantou...*”

Iê galo cantou camará! Pedro respondia o coro...

Não estava dentro e nem fora da roda, aliás, seu corpo também era a roda⁶⁸, assim, os olhares de quem lá estava ou passava, por alguns instantes e de algum modo também participava da roda. Malasartes observava e acompanhava os movimentos da roda. As

⁶⁶ Desenho de Carybé, artista francês, disponível em: <http://lagoaazultere.blogspot.com.br/>. Acesso: 12/02/2015.

⁶⁷ Axé – força de vida, energia, poder.

⁶⁸ Sentados ou de pé, depende do estilo de capoeira e/ou do tipo de toque do berimbau. “...A roda de capoeira não se restringe apenas ao ambiente físico. Trata-se de um pequeno universo que reflete a diversidade das relações de poder vigentes na sociedade. A roda de capoeira promove, através de seus cantos, rituais e códigos, uma reatualização de alguns fatos e episódios bastante elucidativos da história brasileira, que revelam o conflito travado entre agentes históricos, muitas vezes, ignorado ou camuflado pela historiografia oficial”. “A roda de capoeira é um fato social, podendo, inclusive acontecer em qualquer lugar e ocasião, independente de ter sido ou não prevista. Na verdade, a roda de capoeira é construção social ambígua, onde não se opera apenas no concreto, mas, também, a partir de construções abstratas, de questões que, aparentemente, não se percebem.” (FALCÃO, 2003, p.87).

reações das pessoas que estavam dentro e fora da roda. Enquanto respondia o coro seus olhos brilhavam. No ritmo do berimbau, seu corpo dançava, reagia a cada meia-lua esboçando esquivas e contra-golpes no lugar onde estava.

“...Não bata na criança que a criança cresce quem bate não se lembra e quem apanha não esquece...”

Mesmo estando ali, formando a roda, já jogava, já tocava. Mesmo “fora”, participava daquele acontecimento, sentia-se de algum modo envolvido com a roda. Vibrava com os improvisos e a plasticidade corporal dos capoeiras naquela fusão de jogo, luta e dança... que é a capoeira.

A RODA DE CAPOEIRA⁶⁹, A MUSICALIDADE E AS LINHAS DE VIDA



Em roda, os capoeiras sentados no chão respondiam o coro das músicas que um dos tocadores da **bateria** puxava. Enquanto cantavam e batiam palmas, dois jogadores jogavam no meio da roda. Aquela roda tinha uma dinâmica peculiar

para que todos pudessem ter a oportunidade de jogar. À medida em que as pessoas entravam na roda, os outros participantes se aproximavam do pé do berimbau para jogar de dois em dois. A não ser que o mestre convidasse as pessoas para jogar ou autorizasse o “jogo de compra” – quando pode-se entrar mais livremente na roda, um por vez e realizando jogos mais curtos.

⁶⁹ Fotografia de uma determinada roda de capoeira coletada da internet. Disponível em: <http://capoeiragemnaufal.blogspot.com.br/p/roda-de-capoeira.html> acesso em 10/02/15.

As pessoas se moviam na medida em que os Capoeiras chegavam e entravam na roda para jogar, quem está sentado ou na cocorinha⁷⁰ abre espaço pra quem chega, bem como se aproximam do pé-do-berimbau para jogar. Nada do que está dentro e fora da roda passam despercebido pelos que estão ali presentes, aliás, é também material aproveitado no jogo, incorporado às músicas e nos improvisos musicais e corporais. Mais do que um círculo - horizontal, a Roda opera no plano das transversalidades. Ela é permeável por vários planos, os movimentos ali realizados traçam diagonais engendrando cotidianos, trabalhos, movimentos de animais, luta disfarçada em dança, naturezas diversas e, e, e... um verdadeiro rizoma.

Ali a sensação que se tem é que o tempo voa, e como em qualquer passa-tempo (aion), ali na roda o tempo descolava-se⁷¹ do tempo do relógio (cronos) e ali, por aproximadamente 3 horas ele ficou, jogou, tocou instrumentos e conheceu alguns dos reconhecidos mestres que ali estavam...



⁷⁰ A cocorinha: um modo de ficar agachado, como que sentado nos calcanhares sustentando o corpo sob os pés. Além de ser uma posição de defesa e esquiva, a cocorinha é a posição em que os angoleiros iniciam, ao pé do berimbau (diante da orquestra) e ao lado do oponente, o seu jogo posição corporal que não estamos nem sentado nem de pé que encontramos todos os elementos da vadiação e de sua estreita relação com o tempo dos eventos. “Primeiro elemento presente é o repouso, ou melhor, o desligamento dos planos da movimentação automática e claudicante do dia-a-dia. Ficar horas a fio numa mesma posição. Mas esse repouso “como se não quisessem nada” não se confunde com uma dispersão da atenção, um desligamento dos acontecimentos, mas a concentração de uma estranha atenção desfocada, uma espreita atenta a diversos eventos inesperados e aos movimentos existenciais dos eventos (...). Espera atenta mas não ansiosa, ciente e respeitosa do tempo dos eventos e da necessidade de não atropelá-los, estando o sujeito disposto a aproveitá-los. “(...) um rito de repouso e espera”. (p.144) O que para nós, é uma aposta quanto a atenção dispensada ao Oficinar. (ALVAREZ, 2007).

⁷¹ Nas experiências do Oficinar, por vezes ouvi dos oficinantes que quando a atividade “é boa”, não se percebe o tempo passar, ela flui... É como se estivéssemos noutra dimensão de tempo, a que Deleuze chama de tempo aion, que não àquele do relógio (chronos).

Malasartes estava disposto àquele passa-tempo, que alguns talvez julgassem ser mera vadiagem ou mesmo “vagabundagem” aos “olhos apressados” em julgar.

Para Pedro era uma bela oportunidade de aprender um pouco mais com os antigos mestres de capoeira, além, de pensar que a roda de capoeira pudesse ajudar a pensar o *ambiente* no ofcinar, um *ethos* no ofcinar - a maneira de conduzir as coisas, a *atenção* dispensada ao ofcinar e o *corpo* dos que se propõe aos encontros no ofcinar.

Algumas coisas ali naquela roda de capoeira diziam de um aprendizado tribal, de tradição oral e resistência às capturas do cotidiano em seu ofício. Algumas coisas o fascinava: a roda, a musicalidade, os improvisos corporais e musicais, a vadiação, a “mandinga” no ritual coletivo da capoeiragem.

Dizia Mestre Tony Vargas, um dos que lá estava...

“As vezes me perguntam de quem é ritual, o ritual não tem dono, o ritual é de todos que participam, o ritual é mágico, é de um axé, é de uma energia que a gente sente, mas, não pode descrever.” (Tony Vargas,)

Quem comanda o ritual

Quem comanda o ritual

Quem comanda o ritual

É o toque dolente de um bom berimbau

É um saber muito antigo

Um saber ancestral

É a força, o axé

A beleza, o astral

É a união de todos, É Todo o pessoal”...

Enquanto mais dois capoeiras ao pé do berimbau abaixavam-se para mais um jogo, Malasartes observava a bateria composta por 3 berimbaus, um atabaque, um pandeiro,

um reco-reco e um agogô e seu ritmo cadenciado e envolvente que a mesmo tempo em que “conduz” o ritual é também afetado pelos ocorridos nos jogos e também fora da roda. Seu fascínio era com os Berimbaus – pois, *de algum modo*⁷² o fazia refletir sobre os modos de estar na vida e àquilo que ouviu sobre Deleuze vindo de seu amigo Tião.

Dos três berimbaus o Gunga é o berimbau com som grave que tem a função de marcar o toque base servindo de referência para todos os outros instrumentos. Na roda é ele quem coordena o ritmo de jogo. O Médio, é um pouco menor que o Gunga, tem um som médio e tem a função de inverter o toque do gunga, “costurando” o toque marcado do Gunga, “swinga” e diferencia o ritmo. O Berimbau Viola faz um som agudo e tem a função de solo e improvisado – pura inventividade. (LEMBÁ, 2002, p.23). O funcionamento dos três berimbaus, tocados em diferentes linhas musicais, imanescentes entre si - contrapõem-se e compõem sons tomados uns nos outros – o que nos remete ao que afirma Deleuze (1998, p.101).

Para ele, indivíduos ou grupos, são feitos de linhas duras, linhas flexíveis e linhas de fuga. Tais linhas são de natureza bem diversa, a primeira espécie de linha que nos compõe é de segmentaridade dura. Dependem de máquinas binárias de classes sociais, de sexos (homem-mulher), de idade (criança-adulto), de raças (branco-negro) – uma espécie de “ou isto ou aquilo” – como diria Cecília Meirelles. Seriam recortes em todos os sentidos e de um segmento a outro: a família-a; a profissão, o trabalho-as férias; a família-e depois a escola-e depois o exército-e depois a fábrica-e depois a aposentadoria - que determina existencialmente o que somos (DELEUZE, 1998, p.101).

Essa é uma linha finita, visível e consciente da organização de territórios – cria roteiros de circulação no mundo: diretrizes de operacionalização para a consciência pilotar os afectos (ROLNIK, 2007, p.51).

⁷² Não se trata aqui de classificar e polarizar as linhas de vida e musicais da capoeira, como boas ou ruins em si mesmas, até porque, nas palavras de Deleuze cada linha tem seus perigos.



Foto: “Máscaras” no interior do bar “teatro de Mamulengo” no Recife Antigo.

Esta linha não concerne apenas em nossas relações com o Estado, mas, também com todos os dispositivos de poder que trabalham nossos corpos, todas as máquinas binárias que nos recortam, as máquinas abstratas que nos sobrecodificam – concerne a nossa maneira de perceber, de sentir, de agir, nossos regimes de signos. Tais segmentos que nos atravessam e pelos quais passamos, vários modos são marcados por uma rigidez, fazendo de nós criaturas mais medrosas, mais impiedosas também, mais amargas. Para Deleuze (1998, p. 112) o perigo está tão em toda parte que poderíamos nos perguntar até que ponto temos necessidade de tal segmentaridade, pois, se pudéssemos explodí-la, será que conseguiríamos isso sem nos destruir, tamanha a *capilaridade de seu poder*⁷³ e participação em nossas condições de vida, inclusive de nosso organismo de nossa própria razão? Há de haver prudência no manejo desta linha, as precauções a serem tomadas para amolecê-las, suspendê-la, desviá-la, miná-la, enfraquecê-la, rendem um longo trabalho, uma ginga malemolente, que não se faz apenas contra o Estado e os poderes, mas diretamente sobre si.

Bem como a função musical do Gunga na roda de capoeira, as linhas duras implicam também dispositivos de poder, com seus códigos e territórios bem definidos. Estado mais ou menos estável de um plano concluído de uma linha enrijecida que, em seu

⁷³ “...lutou... com o “Bichano”... Não para matá-lo, mas para enfraquecê-lo, como já o haviam contado. Pedro deveria entremeter-se em sua boca invadindo suas entranhas, que naquele tempo, como disseram os homens e mulheres grandes dali, o único modo de mortificá-lo era assim, aos poucos. Se o matasse de repente, os presos que lá estavam também morreriam, tamanha era a capilaridade do seu poder de alienação sobre seus prisioneiros. (p.8)”- Veio a memória uma expressão anteriormente usada quando Pedro Malasartes recebe orientações sobre como lutar com o temido “Bicho-de-sete-cabeças-patologizante” - vulgo “Manicômio”. Aqui nossos personagens sentiram um calor gélido ao lembrar-se das instituições asilares (máquinas binárias), suas institucionalizações e efeitos despotencializantes na vida dos que lá estão, dos que lá trabalham e dos desejos de manicômios (máquinas abstratas) que vez ou outra aparece por aquelas bandas.

traçado, vai formando constelações funcionais de máscaras, territórios bem discriminados – nos códigos musicais efetua-se enquanto “base” e “marcação” da cadência rítmica e andamento. Um plano de representações e territórios marcantes são desenhados por esta linha. Numa política narrativa – seria uma sequência biográfica bem definida.

A segunda linha de segmentaridade – as linhas flexíveis atravessam tanto as sociedades, os grupos quanto os indivíduos – traçando pequenas modificações, fazem desvios, delineiam quedas ou impulsos: não são entretanto menos precisas, mais do que na linha anterior são fluxos limiares é perpassada por devires diversos, porém, não tem o mesmo ritmo de nossa “história”, nossa memória biográfica. Assim como o berimbau médio, produz pequenas variações na cadência, na maioria das vezes somente faz uma marcação rítmica, algumas inversões, porém volta ao mesmo “groove” – linha rítmica determinada pelo Gunga. Nesta linha faz-se um vai-vem, um duplo traçado inconsciente e ilimitado. Um primeiro que vai da invisível e inconsciente produção de afetos, para a visível e consciente composição de territórios. É o percurso do movimento de territorialização. É um outro traçado, não necessariamente oposto: vem do visível, consciente, dos territórios (face expressiva) para o invisível, inconsciente, dos afetos escapando (face nas intensidades). Nesta linha se opera a negociação entre os planos constituídos pelas linhas fuga (a dos afetos entre os corpos – sua atração e repulsa) e as linhas duras (a dos territórios demarcados) –

“Ela vai traçando processos de segmentação flexível: lascas que se desprendem das máscaras vigentes, causando nelas pequenas fissuras, microrrachaduras pessoais ou coletivas. Lascas de mundo desmanchados e, ao mesmo tempo, passíveis de se comporem com outras lascas, investidas e agenciadas por partículas soltas de afeto, gerando novas máscaras, mundos novos; mutações secretas. O plano que essa segunda linha cria em seu traçado é feito de um estado instável” (Ibidem, p.51).

As linhas flexíveis é onde as territorializações são apenas relativas, sempre compensadas por reterritorializações que lhes impões voltas, desvios e estabilização. (DELEUZE, 1998, p.111). Para ele, certamente não basta atingir ou traçar um linha

flexível, pois, nesta tudo está engendrado, nossa percepção, nossas ações e paixões, nossos regimes de signos. Diferentemente dos perigos das linhas duras as relações móveis de força substituíram os dispositivos de poder e estão ainda mais pormenorizadas, as fissuras substituíram a segregações. Há ainda algo pior; são os próprios perigos produzidos nas linhas flexíveis – um limiar transposto rápido demais, uma intensidade tornada perigosa porqu não podia ser suportada. Gattari fala dos microfascismos que existem em um campo social sem serem necessariamente centralizados num aparelho do Estado específico (Ibidem, p.113).

O toque do berimbau Viola guarda eficientes relações entre sua função musical na roda de capoeira e a sua função existencial das linhas de fuga. É puro improviso, não há o comprometimento em “marcar” territórios musicais, sua função é a de “repique” e das “viradas”. É talvez a linha musical mais complexa e tortuosa, talvez possa inspirar movimentos novos no jogo da capoeira e o improviso nas situações de jogo no ofcinar. Para Deleuze (1998, p.101) as linhas de fuga são ainda mais estranhas: como se alguma coisa nos levasse, através dos segmentos, mas também através de nossos limiares, em direção de uma destinação desconhecida, não previsível, não preexistente. Essa linha tem algo de misteriosa, ela não tem nada senão o caminho da alma do capoeira⁷⁴.

Em uma sociedade tudo foge, e é definida por suas linhas de fuga. Estas linhas operam todos os movimentos de desterritorialização levando a um plano de consistências. Do mesmo modo os agenciamentos coletivos se definem fundamentalmente por suas linhas e fluxos desterritorialização, não por questões ideológicas, mas, por que se traça algo real; não se deve entender as linhas de fuga apartir do tempo cronológico, pois, trata-se do fato e o direito do intempestivo que afetam massas de toda a natureza (DELEUZE, 1998, p.111).

Se Deleuze (1997, p.162), tocasse o berimbau Viola ele o chamaria por uma musicalidade *lisa* enquanto que a harmonia dos dois Berimbaus - Gunga e Médio soam em frequências *estriadas*. Numa oposição simples, *o estriado* é o que entrecruza fixos e variáveis, ordena e faz sucederem-se formas distintas, organiza as linhas melódicas horizontais e os planos harmônicos verticais. *O liso-viola* é a variação contínua, é o

⁷⁴ Na versão de original, Deleuze ao invés de capoeira ele refere-se ao dançarino.

desenvolvimento contínuo da forma, é a fusão da harmonia e da melodia em favor de um desprendimento de valores propriamente rítmicos, o puro traçado de uma diagonal através da vertical e horizontal.

É uma linha dos afetos, invisível e inconsciente – faz um traçado contínuo e ilimitado, um fluxo que emerge no “entre” os corpos (não só humanos), nas mais variadas intensidades, latitudes e longitudes. É incontrolável; impossível estancá-la, só fingindo. São afetos que escapam, que não conseguem passar em nossa forma de expressão atual, no território que até então nos reconhecíamos. Essas linhas de fuga em nada têm a ver com fugir do mundo. E como diz Suely Rolnik (2007), ao contrário, é o mundo que foge de si mesmo por essa linha, se desmancha e vai traçando um devir – devir do campo social: processos são desencadeados em infinitas variações; rupturas que se operam sem que percebamos; mutações irremediáveis. *“De repente é como se nada tivesse mudado e, no entanto, tudo mudou. O plano que essa linha cria em seu movimento é feito de um estado de fuga”* (p.50).

Segundo Deleuze (1998), essa linha parece surgir depois das outras, destacando-se ou não destas. Para ele,

“... talvez haja pessoas que não têm essa linha, ou têm apenas as duas outras, ou que têm apenas uma, que vivem apenas sobre uma. No entanto, de outra maneira, essa linha está aí desde sempre, embora seja o contrário de um destino: ela não tem que se destacar das outras; ela seria, antes, primeira, as outras derivariam dela. Em todo caso, as três linhas são imanentes, tomadas umas nas outras (p. 102)”.

As linhas de fuga seriam talvez a mais perigosa das linhas, seria um erro pensar que basta tomar então a linha de fuga ou de ruptura. Antes de tudo é preciso cuidado para traçá-la - sabendo onde e como traçá-la. Estas linhas correm o risco não somente de serem barradas, segmentarizadas, precipitadas em buracos negros, mas elas têm um risco particular a mais: virar linhas de abolição, de destruição dos outros e de si – um perigo que elas secretam (DELEUZE, 1998, p.114).

A composição dos toques do berimbau, na capoeiragem marcam territórios musicais – as linhas de vida, constituem territórios existenciais e seus movimentos complexos e engendrados. Ao longe escuta-se uma coisa só, uma vida é composta neste engendramento destas três linhas, bem como a musicalidade da orquestra da capoeira é um todo composto e dinâmico. Três linhas, sendo uma linha nômade, uma migrante e outra sedentária.

Assim como o exercício de um artista, entre aproximações e afastamentos nos encontros com suas obras observa-se os movimentos agenciados destas linhas que se expressam numa vida e suas diferenças - que não passam entre o individual e o coletivo, pois não há qualquer dualidade entre estes dois tipos de problemas; não há sujeito de enunciação, mas todo nome próprio é coletivo, todo agenciamento já é coletivo. O olhar repousa sobre os modos de organização – sendo que as diferenças efetivas passam entre as linhas embora sejam todas imanentes umas às outras. Por isso a questão da esquizoanálise, ou nesse caso, a esquizo-ocupação⁷⁵, não consistem jamais em interpretar, mas apenas em perguntar: quais são suas linhas, indivíduo ou grupo e quais os perigos sobre cada uma delas?

E assim podemos refletir sobre os modos de fazer oficinas, as linhas e fluxos que seguimos, as linhas de visibilidade dos modos de produção de cuidado no oficiar, o manejo dos artifícios e dispositivos⁷⁶ numa clínica do fazer – do oficiar. Quais são os segmentos duros no oficiar? Quais são suas linhas flexíveis e fluxos limiáres? Onde os microfascismos se instalam neste “entre”? Quais as linhas de fuga possíveis de traçar durante o fazer, nos encontros do oficiar sem o risco de auto ou heterodestruição?

⁷⁵O termo “esquizoocupação” foi proposto por COSTA e ALMEIDA (2004) enquanto um conceito-exercício enquanto ferramenta de análise para problematizar a instituição Terapia Ocupacional. Os autores não propõem um modelo “dotado de verdades” – mas, tem intuito de possibilitar a emergência de posicionamentos ético-políticos em uma profissão compromissada com o social e não a serviço de interesses hegemônicos. Segundo os autores, tal conceito exercício será operado com intuito de instigar uma visão caleidoscópica da Terapia Ocupacional (TO) sobre as atividades, os modelos, os métodos, as habituais análises de atividades propondo a composição de olhares e sentidos para a TO.

⁷⁶ Para Foucault dispositivos são conjuntos multilineares, composto por linhas de natureza diferente, as quais não delimitam ou envolvem sistemas homogêneos: o objeto, o sujeito, a linguagem, etc. – mas, seguem direções, traçam processos que estão sempre em desequilíbrio, e que ora se aproximam ora se afastam uma das outras. As linhas estão sujeitas a variações de direção e a derivações. Para Foucault, pertencemos a dispositivos e neles agimos, assim, é necessário distinguir, em todo o dispositivo, o que somos (o que não seremos mais), e aquilo que somos em devir (DELEUZE, 1992).

Assim, não há nenhuma receita geral. Abandonando todos os conceitos globalizantes – agora eles (os conceitos) só valem pelos seus acontecimentos, como desejo, ou máquina ou agenciamento com o máximo de variáveis possíveis (DELEUZE 1998, p.119).

Assim propomos pensar os encontros dos corpos ao oficiar, o ethos e a ética destes encontros, bem como suas relações com a instituição Terapia Ocupacional. Seria possível pensar o Oficiar enquanto uma *máquina de guerra*⁷⁷ possível com suas linhas de fuga? Como seria?

UM OFICINAR E A RODA

A roda é uma aposta no oficiar. Sempre um bom início, um bom princípio ao iniciar a conversa, o grupo, o fazer, uma atividade, um narrativa, uma ciranda...

Há aqui uma intencionalidade em diferenciar e especificar a disposição e o posicionamento no ambiente - o que pode influenciar diretamente no contato entre os corpos. Diferente dos modos e dispositivos escolares formais, militares, duros – onde as relações são primordialmente hierárquicas, verticalizadas, e classificantes. Observando as Rodas de Capoeira, sua fluidez, sua acessibilidade, seus planos de movimentos, sua transversalidade nas relações, suas narrativas e as multiplicidades ali ativadas.

Um dos modos mais potentes de se iniciar uma oficina é este - com uma roda, um ambiente onde possa ser ativado uma relação transversalizada, de não verticalidade, uma aproximação, de uma distribuição equidistante no espaço entre os corpos dos Oficinantes e Oficineiros. Com o interesse de criar um ambiente de bons encontros, onde possa ser ativado a criatividade, os improvisos e a alegria.

Mais do que o ambiente físico, a Roda-oficina aqui é um plano que não se limita as formas visíveis, as atividades realizadas nela e/ou seus respectivos objetivos terapêuticos, educativos, de regulação ou de expansão e liberdade.

⁷⁷ “(...)um movimento artístico, científico, "ideológico", pode ser uma máquina de guerra potencial, precisamente na medida em que traça um plano de consistência, uma linha de fuga criadora, um espaço liso de deslocamento, em relação com um phylum. Não é o nômade que define esse conjunto de características, é esse conjunto que define o nômade, ao mesmo tempo em que define a essência da máquina de guerra. (DELEUZE 1997, p.95).

Para além do ambiente da roda no ofcinar, Deleuze 1997 (p.27), nos ajuda a refletir sobre os modos menores de subjetivações e de produção de mundos outros. A Roda em si não é um círculo - forma ideal/régia/exata. Bem como também não é redonda – forma vaga/inexata/como as coisas sensíveis. A Roda aqui, seria um arredondado anexato, contudo rigoroso – onde é possível flexibilizar os limites e as regras, joga-se com o outro e não contra o outro, ao invés de controle e disciplina busca-se matéria de expressão, movimentos à serem criados nos encontros – agenciados nas visibilidades e nas intensidades⁷⁸ singulares de cada roda.

Assim como a capoeiragem, há um rigor, há um ritual, porém, como o híbrido espaço das Oficinas, há de se estar aberto as experimentações. Por vezes, o verbal não dá conta das intensidades, por vezes (senão na maior parte dos encontros) a clínica exige algo que está no campo do sensível para que seja um bom encontro⁷⁹.

Nesta perspectiva a Roda seria uma espécie de espaço intermediário, heterogêneo e portanto com procedimentos/movimentos criativos na ciência e na existência dos que ali jogam.

Cada roda tem suas peculiaridades, mesmo que num mesmo espaço, com as mesmas pessoas, as imprevisibilidades da capoeira, mostram claramente a dificuldade de abordá-la à luz de categorias preconcebidas – senão por modos nômades e enquanto máquinas de guerra descritos por Deleuze (1998). O conjunto de elementos circunstanciais que não mais se repetirão – macropolíticos/visibilidades-objetivas (atos, técnicas e diálogos corporais) e micropolíticos/intensidades-subjetivos (sensações, emoções e efeitos) (ROLNIK, 2007, p.60). Para Falcão (2003, p.89) é como se a produção e o consumo de uma roda de capoeira acontecessem simultaneamente. Por isso cada roda tem seu axé, suas histórias, seus atravessamentos e efeitos, micro e macropolíticos em maiores e menores graus e natureza.

Há quem desqualifique os espaços das oficinas enquanto instâncias pré-científicas, ou

⁷⁹ Bom encontro: A idéia de encontros em espinosa está ligada a concepção supracitada de afetos, ou seja, um modo existente define-se por certo poder de ser afetado. Quando encontra outro modo, pode ocorrer que esse outro modo seja “bom ou alegre” para ele, isto é, se componha com ele, ou, ao inverso, seja “mau ou triste” para ele e o decomponha”. No primeiro caso, diz-se sua que aumentou sua potência de agir ou força de existir. Já no segundo caso a potência lhe é subtraída, imobilizando-a e fixando-a. “É assim que a potência de agir varia em função das causas exteriores, para um mesmo poder de ser afetado” (DELEUZE, 2002 p. 56 - p.57).

até mesmo não-científicas/não-clínicas. Acontece lamentavelmente repetidas vezes enquanto espaços moralizantes e de meras atividades que ocupam o tempo apoiando-se em concepções retrógradas e modos manicomial, escolares formais ou outros códigos do aparelho de Estado. Trata-se de um campo científico e não técnica ou prática representativa de uma suposta verdade sobre o grupo, os indivíduos, a terapia ocupacional, as oficinas e etc.

Nestas Rodas-oficinas acompanha-se as estratégias das formações do desejo durante o jogo, no fazer lado-a-lado acompanha-se os fenômenos e movimentos existenciais do desejo que se insinuam, assim como para um cartógrafo (Rolnik, 2007, p.65) que acompanham tal produção. Assim como o corpo-capoeira na roda, o cartógrafo, absorve matérias de diversas procedências. Não há o menor racismo de frequência, linguagem ou estilo. Seus procedimentos? Suas teorias?

Nada determinam ou pouco importam! Opera-se com fontes as mais variadas, incluindo fontes não escritas e nem só teóricas. Alias, seus operadores conceituais podem surgir de um filme, uma música, uma conversa ou de um tratado de filosofia.

“O critério de suas escolhas são: descobrir que matérias de expressão, misturadas a quais outras, que composições de linguagem favorecem a passagem das intensidades que percorrem seu corpo no encontro com os corpos que pretendem entender (Ibidem, p.66)”.

O exercício é de afetar e ser afetado. Parte-se do corpo como principal instrumento, com todo o acarbouço existencial e expressivo, há aí um interesse em criar, uma disponibilidade em inventar coisas, dinâmicas, movimentos antes nunca realizados por si, uma reinvenção de si a todo instante. Os Capoeiras durante o jogo, trazem esse exemplo, no “jogo-de-dentro” – uma espécie de jogo onde os capoeiras (mais experientes) num toque específico do berimbau (Santa Maria) diferencia seu modo de jogar realizando composições de movimentos complexos e imbricados com o outro. A “regra” é que o jogo deve fluir, um jogador faz um movimento de modo que o outro sempre saia e faça outro, não há bandas ou movimentos que impeçam o outro de continuar os movimentos. O ethos no oficiar seria assim, uma espécie de “jogo-de-

dentro” onde é exercitado o afetar-se mutuamente dos corpos, um modo de jogo que possibilite e dispare a continuidade num tempo de experimentações mútuas, onde não há coreografias pré-concebidas ou movimentos paralisantes, mas sim, várias aberturas e saídas possíveis e simultaneamente atento às imprevisibilidades nos encontros do fazer.

O CORPO NO JOGO DO OFICINAR

“...Opostos se distraem
Os dispostos se atraem...”
(O teatro Mágico).

Com qual corpo jogamos no ofcinar?

O corpo vibrátil,
Disposto,
Articulado,
Malemolente,
Sem-órgãos,
Brincante,
Aberto,
Prudente,
Atento,
Interessado,
Inclinado,
Extramoral,
Plástico,
Bricoleur,
E mais uma vez:
Brincante!

Ao entrar na roda, aposta-se num pensar-agir a partir de um corpo “vibrátil” – uma espécie de mandinga, um feeling, uma sensibilidade, uma atenção necessária aos “encontros de fazer com” no ofcinar.

Busca-se sempre que possível, acompanhar o “miudinho” do desejo e seus agenciamentos – produtores de realidade. Usa-se um misto feito de seu olho e de seu corpo vibrátil, pois, sua atenção surge da tensão entre esses dois palnos: os fluxos (que são as intensidades/sensações) e as representações (que são as visibilidades concretas e territórios/atividades). Nesses planos macro e micropolíticos, indissociáveis, é que o jogador-cartógrafo vigia e tem seu motor de criação de sentido. A co-existência destes dois planos são complementares e indissociáveis na produção da realidade psicossocial, no jogo, no oficiar, na clínica e etc. (ROLNIK, 2007, p. 68-69).

O corpo aqui é entendido enquanto dispositivo de intervenção, influenciar e ser influenciado nesta roda são questões que não podem mais receber um resposta rápida e clara. (p.115). Ambos são ativos, este é um corpo que “faz-fazer” e é primeiro articulado **articulado**⁸⁰, **multiverso** e atravessado pelos afetos (DESPRET, 2004, p.127).

Ali ambos são afetados, como na capoeiragem, os afetos, movimentos e expressões rodam em todas as direções, movimenta não somente dois jogadores, mas, um coletivo, um cotidiano, uma vida que na maioria das vezes, escapam as representações, qualificações, diagnósticos e linhas duras - transbordam aos “objetivos terapêuticos”, “os fins” dos especialistas - é rizomático.

É uma experiência de “tornar-se disponível” onde tanto o corpo quanto o que o afeta, mutuamente se produzem. Cada um dos acontecimentos-movimentos cria uma ocasião para os outros, devemos dizer então que a roda nos faz alegre ou que nós podemos fazer uma roda alegre, e com muito axé?

Estar disponível aos encontros, aprender a ser afetado, movido, posto em movimento por outras entidades, humanas ou não-humanas tem haver com o que diz Latour (2008, p.45) sobre um corpo “articulado” como um certo “interesse” “...por isso, mais

⁸⁰Corpo/sujeito articulado “...é alguém que aprende a ser afectado pelos outros - não por si próprio. Um sujeito <<por si próprio>> não tem nada de particularmente interessante, profundo ou válido. (...) um sujeito só se torna interessante, profundo ou válido quando ressoa com os outros, quando é efectuado, influenciado, posto em movimento por novas entidades cujas diferenças são registradas de formas novas e inesperadas”. (LATOURE, 2008, p.43). Nessa mesma via o termo multiverso é utilizado pelo autor para falar de produção de conhecimento. Para o autor o termo universo é uma visão que só consegue registrar as qualidades primárias e suas prematuras unificações de determinado contexto. Já o termo multiverso fala de um modo de produzir conhecimento considerando a aprendizagem de ser afectado, ou seja, busca registrar todas as articulações e multiplicidades que percorrem o campo (p.46).

palavras, mais controversias, mais contextos artificiais, mais instrumentos para tornar sensível a cada vez mais diferenças” são sempre desejáveis – quanto mais multiplicidades e conexões melhor.

O jogo na roda do ofcinar, exige uma “ginga” que acompanha o outro em seus movimentos. Experimenta-se “o seguir” do jogar, não buscando atender a todas as expectativas, mas, num exercício onde “articular-se” não é o resultado, mas, sim a condição na qual joga-se. Acompanhar o outro, que recalitra, que nega, que fala, que pergunta, que foge, que brinca, que briga... exige-se respeito e cuidado – como na capoeiragem o olhar é constante, mesmos durante “floreios” e movimentos aparentemente “vadios” e inúteis. “Pensar num dispositivo projetado para produzir disponibilidade mais do que docilidade” (DESPRET, 2004, p.123).

Estar *interessado*⁸¹ no outro pode parecer até óbvio, mas, observando cotidianamente certos modos de produção de cuidado que se repetem no ofcinar, lamentavelmente, em muitos momentos presencia-se revestidos por um discurso “científico”, grosserias, negligências e negativas. Neste caso o que ocorre não é um jogo, uma composição, mas, uma luta onde um dos jogadores “travam” e “paralisam” o outro reduzindo o ofcinar à tarefas à serem cumpridas atualizando uma lógica moral em seu manejo.

Um “*corpo-interessado*”, em estado de fuga, aberto às circunstâncias, familiarizado com o improvisado se assemelharia também a figura do brincante descritos por Antônio Nábrega e Ariano Suassuna – muito presente nas manifestações de cultura popular brasileiras. Os brincantes, mestres da tradição oral e cantadores de rua trazem a vontade de transformar “coisas” no mundo, mas, com um espírito brincante, interessado em manter acesa a vontade de trazer o lúdico para o cotidiano e não se automatizar nas rotinas do contemporâneo (ALMEIDA, 2015).

⁸¹ Somando à noção de *interessado*, poderíamos citar o que Araldi et. al. (2012, p.46) fala sobre o desejo de ofcinar, ou seja, a proposição de uma oficina de algum modo passa pelo desejo daqueles que propõem com o desejo com o desejo dos que fazem junto. As oficinas partem de um desejo vivo de oficineiros e ofcinantes. Porém é necessária a experimentação do oficineiro naquilo que ele busca. Se este não experimenta sua questão, não conhecer com interesse, será mais difícil abrir espaço para que o outro faça, pois, não será capaz de reconhecê-lo quando o conhecer acontece no outro.” Seria uma espécie de interesse em compartilhar com os outros uma experiência com o fazer, que convoca ao encontro e potencializa o espaço de análise. Deste modo a oficina pode servir como dispositivo de intervenção e potencialização enunciativa dos participantes.

Talvez assim, ao som do berimbau viola, musicalidade de fuga – corpo-capoeira, corpo-vibrátil, corpo-interessado, corpo-brincante, corpo-dispositivo enquanto grau de potência de ser afetado. Não sabemos o quanto podemos afetar e ser afetados é sempre uma questão de experimentação. Não sabemos ainda a que pode o corpo, diz Espinosa. Aprender a selecionar o que convém com o nosso, o que não convém, o que ele se compõe, o que tende a decompô-lo, o que aumenta sua força de existir, o que resulta em alegria, ou tristeza. Aprendendo a selecionar nossos os encontros, e a compor, é uma grande arte. (PELBART, 2012).

Seria então um corpo grupal com suas relações múltiplas, moduláveis entre seus elementos heterogêneos, como afetação recíproca entre potências singulares. Desta forma, como seria então pensar a consistência deste dispositivo coletivo a que chamamos roda-oficina?

Para acompanhar tal plano de consistência, “plano de imanência” – busca-se acompanhar as conexões variáveis, os ruídos, as forças e as qualidades tácteis e sonoras, as matérias anônimas e invisíveis. Dissolve-se medidas, formas e sujeitos. É um plano de acontecimentos ou hecceidades, onde o que está em jogo é a consistência com a qual reúne-se elementos heterogêneos. Há um cultivo das essências nômade, as variações intensivas, os devires, os espaços lisos - o que é sempre um corpo sem órgãos, em vez de organismo e de organização (*DELEUZE, 1997, p. 163*).

Assim sendo, observemos outros trajetos de Tião e Malasartes em seus ofícios e artifícios numa Terapia Ocupacional. Ofício este que carrega no nome certo mandato social, científico e a característica da utilização de ferramentas e atividades enquanto dispositivos de intervenções e interferências coletivas.

As narrativas continuam, pergunta-se: além do feeling, quais ferramentas leva o jogador-cartógrafo quando sai a campo?

Pedro:

- Em minhas andanças nas regiões da assistência social, cultural e saúde mental vejo que todo e qualquer artifício pode ser terapêutico. Em meu ofício – o Oficinar que apostado está ligado ao miudinho do desejo que é disparado nas rodas

dos encontros artesanais, musicais e corporais que acontecem nos espaços de atividades. Para mim os espaços de atividades e oficinas rotulados de terapêuticos, psicoterapêuticos ou não, devem alcançar as ruas, ocupar o território, a participação social – ou melhor, partir do território, das andanças cotidianas e históricas que cada sujeito traz em seu embornal existencial.

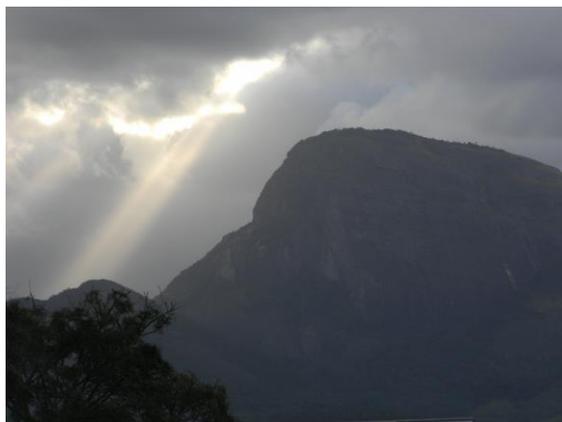


Foto: Monte Moxuara vista do CAPS MOXUARA.

UM OFICINAR, UM EMBORNAL E O MANICÔMIO QUE MORA AO LADO

Por Pedro Malasartes

Além do corpo solto e interessado que é o meu primeiro instrumento, preparo-me para os encontros com um espírito brincante e o meu embornal de artifícios. No meu embornal levo minhas histórias, livro de contos e poesias, levo linhas para o macramé, levo músicas de violão, de pife, de corpo e de alfaias. Levo também o que acho pelo caminho, levo aquilo que me movimenta, o que faz dançar, o que faz argumentar, discordar, rir e pensar.



Foto: Oficina de Artes Livres

Levo a minha pessoa, levo de maneira leve. Tento criar, inventar, levo uma ética. Lembro-me bem da oficina “Ciranda de Histórias” que foi possível durante os 3 anos que fiquei num CAPS⁸². Neste CAPS deram-me à incubência de realizar oficinas terapêuticas sempre as segundas, terças, quartas e sextas-feiras. Como eu estava interessado e disposto aos encontros possíveis – desejava dar gosto de arte naquele CAPS que morava ao lado de um antigo Bicho-de-sete-cabeças-patologizante daquela região. E por ter um vizinho assim e não só por isso, vez ou outra era entorpecido pelos gases das práticas manicomiais.

No patio, fui apresentado por uma Enfermeira que dizia com voz firme e afetuosa: Este é Pedro, já estagiou aqui com a gente há 5 anos e ele é um “Terapeuta Ocupacional que fará várias coisas bacanas com vocês”.

Alguns me reconheceram do tempo do estágio, bem como eu lembrei deles também. E assim começavam os encontros e seus afectos no CAPS Moxuara. Vou contar algumas narrativas de como funcionou, como foi possível, mas, podia ter sido de outro jeito ou não ter funcionado...

Segunda-feira – Jogos e Artes Livres

No primeiro dia, sentados numa sala relembramos as ações da última Terapeuta Ocupacional e as oficinas já ocorridas no CAPS. Pergunto: O que gostariam de fazer? O que vocês gostam de fazer? O que querem fazer hoje?

Sugeriram: desenhar, coral, colagens e outras atividades geralmente ligadas a escola. Neste dia desenhamos.

Ainda não estava satisfeito, queria algo criativo, diferente!

O sol caiu na boca da noite e o tempo passou...

Estes encontros depois de algum tempo viraram o que chamamos de oficina de “Jogos e Artes Livres”.

Podia-se entrar e sair do ambiente livremente, realizar atividades diversas fora do espaço da sala de atividades. Nesta oficina eu buscava interagir com os usuários mais comprometidos em seu quadro psiquiátrico. Estas pessoas geralmente não participavam

⁸² Centro de atenção psicossocial – CAPS Moxuara - para adultos com transtornos mentais graves.

de nada e que para se comunicar ou participar das atividades deveria haver uma espécie de “busca ativa” e um *interesse* do Oficineiro necessário para o contágio.

Muitos escolhiam jogar domino/dama ou desenhar. Outros se interessavam pelas amarrações do macramê e produziam pulseiras, tiaras... Além de no processo do fazer ter sido possível “amarrar” vínculos entre os participantes, a atividade e uma relação de cuidado enquanto elementos fundamentais.



Foto: Produtos de macramê da oficina de “Jogos e Artes de Livres escolha”.

Terça-feira – Ciranda de Histórias

No segundo dia propus uma roda fiz uma brincadeira com apresentação, movimentos combinados à respiração seguido de música com percussão corporal e finalizando com uma ciranda. Ao final, pergunto sobre o que gostariam de fazer naquele tempo dos encontros semanais...

E a resposta foi: cri... cri...

Nada... ninguém respondeu...

Brincando com o silêncio, digo:

- Ok gente, por favor vamos organizar! Um de cada vez, não falem ao mesmo tempo! Senão não consigo entender... Rsrrsrs!

O grupo estava passivo, não tinha propostas, talvez um reflexo da relações historicamente construídas com os profissionais nos hospitais, nas escolas, nos CAPS... “os que sabem” e eles “os que não sabem” que estavam sempre aguardando alguém que traria um “ensinamento”, uma medicação, uma atividade, uma ocupação ou como

ocorre também: a “aplicação de uma atividade-remédio”.

Alguém diz: - Ah “professor” você que manda!

- Gente, oficina como o próprio nome diz é um lugar de construção. A idéia é que possamos contruir juntos um tempo-espaço que vocês possam dizer de vocês, da realidade de cada um, das habilidades que cada um traz, dos desejos, um espaço de troca...

O silêncio continuou e eu percebi uma abertura no grupo ao que eu havia trazido neste dia. Vi que aquele grupo apesar de corpos medicalizados e comprometidos em sua maioria pelas longos períodos de internação no Manicômio, funcionaria melhor com experimentações a cada dia e que deveria iniciar propondo alguns artifícios expressivos para que pudéssemos caoticamente compor certas bricolagens.

Terminei aquela oficina com percussão corporal acompanhando uma música tipicamente cantada ao final das rodas de Capoeira.

*“Adeus, Adeus,
Boa viagem...
Eu vou m’imbora,
Boa Viagem...
Eu vou com Deus,
Boa Viagem...”*

Nesta época carregava em meu embornal um livro que continha 66 “Contos Tradicionais de Brasil” do Câmara Cascudo. Neste dia propus ler um conto da escolha deles e assim fizemos. Em seguida pra quem quisesse, pedi para narrar um conto, lenda ou cantiga de tradição oral. Com isso, depois da leitura e de algumas narrativas, relembramos da oficina de “Criar, contar e dramatizar histórias” que acontecia há 5 anos atrás quando a finada Terapeuta Ocupacional – “que Deus a tenha em bom lugar”, ainda estava em nosso meio...

O que vocês acham? Semana que vem podemos ler alguns contos e criar juntos uma história?

O grupo aceitou.

Na semana seguinte começamos com um “espriguiçamento” – uma espécie de

alongamento combinado à respiração, danças circulares⁸³ e em seguida nos reunimos no quintal, debaixo da goiabeira. Cada um pegava sua cadeira e também me ajudavam a levar o violão e uma caixa com livros. A roda parte de um banco de concreto que fica quintal.

*“Bambu, tirabu,
Aroeira, mantegueira
Tirárá fulano para ser bambu...”*

Depois de lembrar dos nomes dos opinantes com essa cantiga, diversos livros de contos e poesias autorais são expostos no banco de concreto e peço para que livremente mausessem os livros, escolhessem algum que gostou...

- Mais eu não sei ler! Disse um dos participantes.
- Não tem problema, leia as imagens...E gente, quem quiser ler, comentar, contar com suas palavras, fiquem livres... depois podemos ler juntos também se quiserem!

E assim fizemos, alguns leram, outros inventaram histórias apartir das imagens outros somente olharam. Neste dia não deu tempo para criar o conto coletivo.

Aliás nem todos os dias conseguimos criar o conto, ou fazer a dança, ou ler... dentro desta proposta tudo se modificava com os movimentos do desejo do grupo, incluindo a mudança de proposta para o dia ou para o próximo encontro.

⁸³ Danças circulares sagradas ou dança dos povos são danças coletivas onde há a cooperação de todos os integrantes para a realização da mesma. As coreografias podem ser criados apartir do passo das cirandas ou criados apartir das letras de músicas tradicionais de diversos lugares do mundo. Nesta oficina fazíamos apartir das músicas: “Pinga Chuva”, “Indo Eu”, “Cirandeiro Oh!” e “Dança Molinho”. Primeiramente aprendiam as músicas e num segundo brincávamos.



Foto: Acervo de livros do CAPS antes da intervenção na Oficina Ciranda de Histórias.

No auditório deste CAPS haviam vários livros e revistas velhos, bons e ruins para o uso. Os livros e revistas era utilizados para fazer cigarros, pouquíssimos eram utilizaos. Contam que a maioria dos livros e revistas que lá estavam eram livros didáticos e enciclopédia velhas inutilizáveis, livros de direito e admnistração, que foram “jogados fora” naquele espaço.

Era muita poeira, traça e baratas... e aí pessoal? Têm coragem de separar os livros, levar para um sebo e trocar por livros de contos, poesias que possamos utilizar?

O grupo abraçou a causa e em toda semana nos momentos finais fazíamos “o trabalho de formiguinha” para seleção e organização dos livros.

Fui em alguns sebos e após conversar com os possíveis compradores, vimos que a maioria dos livros não eram utilizáveis e que deveriam ser descartados. Nem uma escola aceitou, pela defasagem do conteúdo dos livros.

Trocamos os livros que foram aceitos, descartamos a maioria e guardamos uma minoria. Criamos um acervo generalista nas prateleiras e um outro numa mala. Agora mala de leitura.



Esta oficina de leitura e criação de histórias, passamos a chamar carinhosamente de “Ciranda de histórias”. Histórias várias foram criadas. Histórias de tradição oral, histórias coletivas a partir de uma temática elegida pelo grupo, narrativas cotidianas sobre preconceitos, festas, princesas, ensinamentos vividos... vi também que todas essas narrativas “partem” do arcabouço existencial dos oficinasantes e trazem as “impressões digitais” de quem narra, os desejos, as potências, as frustrações, e outras singularidades de uma vida.

Podemos observar os aprendizados disparados e compartilhados. Um aumento da disponibilidade à escuta do outro em seus processos subjetivos e devires. Os oficinasantes passam a estar mais à vontade para trocar experiências identificando as diferenças e as semelhanças entre suas histórias, a produção de sentidos e mundos diversos, bem como, a partilha de conselhos⁸⁴ e do cuidado de/entre si.

84

Para Benjamin (1994),

“...aconselhar é menos responder a uma pergunta que fazer uma sugestão sobre a continuação de uma história que está sendo narrada. Para obter essa sugestão, é necessário primeiro saber narrar as histórias (sem contar que um homem só é receptivo a um conselho na medida em que verbaliza sua situação). O conselho tecido na substância viva da existência tem um nome: sabedoria” (p.4).

Ao final deste tempo de Cirandas e Histórias, fizemos um apanhado de nossa produção, encadernamos⁸⁵ e divulgamos no manicômio ao lado, noutros espaços e para quem tivesse ouvidos para escutar. E assim, quando os narradores individuais, de algum modo se expoem ao coletivo, circulam e se reconhecem, e a loucura que individualmente é arrasadora, nesta ciranda de histórias, ela dançou, criou novas coreografias, foi acolhida e amparada.

Quarta-feira – Coral e Ritmo

O coral do CAPS estava parado. Neste dia levei o violão e o pandeiro. Os Usuários e a equipe haviam me pedido para retomar este fazer. Embora tivesse certas habilidades musicais com violão e a percussão, nunca havia regido um coral. Estava disposto a compor novamente aquele coral. E juntamente com um médico psiquiatra raro que lá trabalhava, reavivamos o coral e durante esses anos montamos um repertório com músicas populares brasileiras escolhidas pelos usuários e sugeridas no encontro. Os encontros eram azeitados com dinâmicas de percepção musical, percussão corporal e com instrumentos e cirandas.

⁸⁵ Caderno de Contos Ciranda de histórias – em anexo.



Foto: “Pintura de si e a musicalidade” produzido por Malasartes numa das vivências do Oficinar.

Com o coral realizamos diversas apresentações no manicômio ao lado e em eventos externos, o que nos permitiu novos contatos na sociedade e a expansão dos trabalhos com esta aposta.

Em determinado momento, com a troca da gerência do CAPS houve uma tentativa de literalmente de “uniformizar” todo o coral. Nas palavras da nova coordenadora, “ficaria mais bonitinho, todo mundo de uniforme, direitinho, igual eu fazia lá na APAE”. O que foi prontamente descartado, devido ao viés infantilizador, sua desconexão e o modo vertical que estava propondo. Esta gerente tinha medo de se aproximar e de tocar nos usuários do CAPS.

Apesar disto, como era no miudinho que eu cadenciava o jogo, o coral ilustrou bem alguns modos singulares de participação nas oficinas e seus efeitos. Algumas participações interessantes tal como o da Maria e da Teresa.

Ambas passaram décadas internadas no manicômio que morava ao lado daquele CAPS. Hoje moram numa das 15 residências terapêuticas existentes na região metropolitana de Vitória. Elas não entravam no auditório, onde comumente ocorria as oficinas de Coral e Ritmo. Quando entravam, era porque alguém as conduzira, mas, logo saiam.

*“...Terezinha de Jesus,
Numa queda foi ao chão,*

*Acudiram três cavalheiros,
Todos três chapéu na mão...”*

Maria cantava enquanto andava no corredor. Quanto mais caminhava, mais cantava. Tinha dias que não cantava e ficava só, andando pelos longos corredores do antigo setor de praxiterapia do mesmo manicômio que mora ao lado, porém, agora o atual CAPS, lugar de novas conexões.

Quando eu chegava ela olhava pra mim e cantava quase que numa paquera. Quando eu me aproximava ela se afastava. Quando me aproximava, a cumprimentava:

- Ei Maria, Bom dia tudo bem?
- Hum... pra mim não tá nada jóia. Ela respondia com voz aguda.

Maria frequentemente se queixava que uma colega da residência batia nela e que lá não era “nada jóia”. E maria cantava...

*O primeiro foi seu pai,
O Segundo seu irmão,
O terceiro foi aquele que a Teresa deu a mão...”*

Teresa quando dava a mão era muito rapidamente, tinha certa resistência ao toque, uma rigidez no corpo, encurvada e cabisbaixa. Diziam alguns dos profissionais mais antigos do CAPS, com quem tive a honra e o aprendizado enorme de trabalhar, que há alguns anos ela falava pomerano, um idioma específico de uma região da Alemanha.

Teresa não fala! Me disse uma vez uma das cuidadoras. Como se entrelinhas me dissesse assim: “Nem precisa tentar”.

*“...Meu limão meu limoeiro,
Meu pé de jacaranda,
Uma vez tindolelê,
Outra vez tindolalá...”*

Ao chegar, antes das oficinas, pegava um pandeiro e enquanto tocava ia até as pessoas passando pelo patio e corredores, as cumprimentava e as convidava para o oficiar. E cada quarta-feira cumprimentava e convidava Maria e Teresa. Assim fomos

desenvolvendo certas manhas e códigos de comunicação, até que quando menos percebi as duas estavam lá em meio ao grupo.

Com o tempo Maria não cantava no grupo, mas, cantava pra mim enquanto eu aprendia e registrava seus versos para que o grupo todo pudesse cantar. Já Teresa passou a devolver respostas de “Bom dia” e a sussurrar trechos das letras do coral – o que foi observado por um dos cuidadores da R.T.

*“...Se eu soubesse que tu vinhas,
Mandaria te buscar,
Dentro d’um balão de ouro,
Devagar pra não quebrar...”*

Comecei a perceber que haviam muitas pessoas do lado de fora do auditório e talvez aquele espaço estivesse dificultando o acesso.

Um dia percebi que podia variar o local, facilitar o acesso e intervir no ambiente de modo que aumentasse a potência de contágio. Oficinar no quintal me fez perceber que todo o ambiente do CAPS podia ser espaço de intervenção. Assim, officinava intervindo na dinâmica da instituição, interessavam-se mais pelo fazer, além da música visivelmente criar uma atmosfera lúdica e descontraída nos espaços fora da roda.



Foto: Oficina de Coral no quintal do CAPS Moxuara, setembro de 2012.

A oficina de coral a partir de então passou a acontecer no quintal. Quando chovia íamos para o auditório. Com o tempo criamos um repertório com músicas autorais e populares. Além do coral começamos a fazer um segundo momento⁸⁶ de música instrumental com violão, flauta doce e percussão.

Os oficinantes aguardavam. Maria olhava de longe, ia e vinha. Teresa levantava-se prontamente e me acompanhava. Maria sabia músicas de versos, quadras de tradição oral e marchinhas de carnaval que registrei e incorporei seus versos ao refrão:

*“Cirandeiro, Cirandeiro oh!
A pedra do teu anel,
Brilha mais do que o sol”*

⁸⁶ Havia a participação de dois estagiários de psicologia, usuários do CAPS Moxuara e de um outro oficinante que era do “CAPS Cidade” – um outro “CAPS transtorno” em Cariacica também de administração estadual.

Tenho percebido que a música tem o potencial de abrir espaço onde chega, “abre a roda” e facilita o contato inicial em ambientes diversos. E nos encontros com Teresa percebi os efeitos da música no contato visual, nas sussurar das letras durante os cantos e no abraço que outrora ela não acolhia.

Na *Quinta-feira* eram as *reuniões de equipe*, espaço fundamental para divulgar os efeitos do Oficinar e estabelecer novas conexões e articulações estratégicas para potencializar uma vida.

Sexta-feira – Curtas no CAPS... Bingo!

Às sextas-feiras, havia alguns anos que a atividade era sempre a mesma. Após o almoço os usuários aguardavam o bingo começar.

Sentados os participantes marcavam as cartelas utilizando grãos e/ou “pedrinhas” Os que não sabiam ler os números eram auxiliados pelos outros participantes ou pelo oficineiro que até o momento era um professor de Educação Física.

Após alguns encontros, minhas inquietações vitais que questionam o “entre” das coisas, se incomdoavam com a oficina, a rotina, as atividades repetitivas, estereotipadas e sobretudo com o modo como alguns se relacionavam com aquele fazer. Apresentavam continuamente uma demanda de “ter que ganhar coisas”, os prêmios do bingo, roupas e objetos de doações que os funcionários faziam ou recebiam de outras pessoas.

No início eu participava do bingo e ajudava alguns usuários que tinham dificuldade de marcar e no segundo momento fazíamos a mesma dinâmica da segunda-feira – “Jogos e Artes livres”. Porém, com a mudança de horário de trabalho do professor eu tive que assumir o primeiro e o segundo momento das atividades da tarde.

Certa vez propus mudar a dinâmica daqueles encontros. Após o bingo poderíamos assistir filmes ou outra coisa...

Logo uma usuária diz:

- Você não vai parar de fazer o bingo né? Eu quero ganhar meus brindes!
- Não, eu pensei de assistir o filme depois do bingo... O que acham?

Neste dia, depois do bingo começamos a assistir o filme, porém, como era de longa metragem não foi possível assistir o filme todo.



Foto do livro “Terapia Ocupacional guardados de gavetas e outros guardados”.

Durante um tempo continuamos com o Bingo, porém, agora estava ficando diferente. Além de marcar o bingo, os participantes podiam brincar entre si utilizando algumas fantasias e adereços que haviam naquela sala. Alias, aquela sala em si já era uma “caixa de ferramentas” com várias possibilidades de jogos, telas, linhas, mosaicos, costura e outras coisas, artifícios possíveis para a composição de bricolagens.

Noutro dia depois do bingo levei uns videos de curta-metragem. Os oficinantes escolhiam os vídeos para assistir. Em seguida abríamos para falas, comentários e diferenças quanto aos modos outros de olhar, sentir, viver e pensar que eram disparados apartir dos videos ali exibidos. Ali nascia a oficina “Curtas no CAPS”.

Depois de algum tempo assistindo e exercitando o grupo no afetar-se com os videos e os conteúdos temáticos diversos que eram trazidos hora com a linguagem do cinema e hora enquanto perceptos e afectos de uma vida que eram disparados pelos encontros naquele officinar.

Estes encontros entre os videos, eu, os usuários estavam criando no grupo certa familiaridade com a liguagem do cinema e as rodas de conversa eram dispositivos

clínicos de intervenção, de vadiação e de vínculos. Foi possível um contágio e assim, neste plano fértil, começamos a pensar a possibilisade de produzir um video, o que acham?

O grupo topou. Havia uma camera de filmar disponível e providencialmente com a chegada de um estagiário de artes visuais foi possível produzir, editar coletivamente e exibir o video: “Medicação o que ajuda e o que atrapalha”.

Durante um tempo as sextas-feiras não era mais as mesmas, nem sempre havia o bingo, pois, o grupo estava engajado em decidir a temática, o título e contruir um roteiro de perguntas. Foi elegido um tema que por vêzes é motivo de conflitos entre eles e seus familiares, questionamentos diversos quanto aos modos de uso, as medicalizações enquanto contenções químicas por eles vivenciadas hora em manincômios, como aquele que morava ao lado, hora nos CAPS, nas R.T’s e ambulatórios de psiquiatria e saude mental: As Medicaciones. Neste caso um discurso encarnado de quem as utiliza.

Foram 3 sextas-feiras de filmagens. O roteiro de entrevista foi entregue em mãos para Washington que somente “passou o olho” e o abandonou sobre a mesa, interagindo com os outros usuários de modo intuitivo, como um capoeira que entra numa roda aberto aos afectos imprevisíveis que pedem passagem nos encontros. Os imagens, as falas, os silêncios, os gestos foram potentes analisadores captados foram muito além da temática “medicação”. Imanente às falas, percebe-se-se os “cotidianos medicalizados” de uma vida, os tratamentos, a autonomia, o dever, o direito, as sequelas, as instituições, as durezas...

No encontro seguinte assistimos os videos produzidos e coletivamente decidimos que manteríamos a temática da medicalização e escolhemos os trechos que seria aproveitado para o nosso video. Fizemos uma espécie de “edição oral” com os usuários para que um outro estudante de Artes Visuais da Universidade Federal do Espírito Santo pudesse editar e devolver ao grupo para aprovação.

Depois de assitir diversas vezes neste CAPS e no manicômio ao lado o video foi exibido em num congresso científico e eventos da luta antimanicomial.

UM OFICINAR NUM CAPS AD

Por Sebastian Rodrigues

Considerarei recortes narrativos extraídos de um diário de campo de Oficinas realizadas num CAPS ad, para pensar um pouco acerca dos modos como foi utilizado neste estabelecimento. Aproveitei para, em meio aos relatos, tentar imprimir ali também minhas apostas e algumas reflexões que estão se passando em minhas práticas de pesquisa-intervenção clínica como um aprendiz-cartógrafo.

...Numa reunião de equipe no dia 9 de julho de 2013, abordo o fato de haver um dinheiro “disponível” para o CAPS e faço algumas sugestões para uso do mesmo, dentre elas a necessidade de compra de materiais e instrumentos para realização de oficinas. A profissional falaerente, então, fala:

- “Nós precisamos de um Oficineiro (...), aí a gente contrata já com o material tudo bonitinho, dá outra vez foi assim”(sic) referindo-se à uma das experiências anteriores, onde quem era o principal responsável para realização e articulação das oficinas eram pessoas de fora que “sabiam” como “fazer bonito” e como expor para vender.

“Nós podemos contratar alguém, temos que contratar um Arteterapeuta, porque eu não sei fazer nada, agente não sabe fazer (sic.).

*(...) Continuei minha fala dizendo que nós tínhamos que desenvolver o nosso trabalho com “autonomia”, e não alguém vir para **fazer para** equipe, todavia até poderíamos contratar alguém para nos ajudar, para **fazer com** a gente, porém, precisávamos naquele momento mais de material e instrumentos do que de R.H. Finalizei apontando que precisávamos aprender e a criar o hábito e “o nosso modo” de fazer oficinas, a se inserir na rede com outros grupos da economia solidária e que naquele momento precisávamos mais de materiais e talvez alguém para ensinar/facilitar a operar a máquina de costura que já temos”.*

*Neste mesmo dia após terminar a reunião de equipe, ao conversar sobre a oficina de mosaico que irá iniciar brevemente... “mas nós vamos lavar e cortar os potes para eles, porque eu não gosto daqueles “toletes” nas peças. Vamos deixar tudo separadinho por cores nos potes...”. Novamente aí aparece a lógica do: **Vamos fazer para eles... No Oficinar deve predominar a lógica do “fazer com” e não “fazer para” o outro. As rodas abertas e permeáveis devem permitir e estimular um espaço inventivo propício à cidadania e à criatividade.***

No dia 18 de julho de 2013 às 14hs ocorreu a primeira oficina de mosaico com plástico de produtos de limpeza.

Cheguei à área onde ocorre a atenção diária, estávamos eu e os dois profissionais. Ao chegar, pedi ajuda aos Oficinantes para me ajudar a buscar os materiais.

Antes de iniciar a manipulação dos materiais, falei que mais do que um espaço formal onde eu, “o que sabe,” ensino a eles, “os que não sabem”, que aprendem o que estou propondo. **Ali seria um espaço cooperativo, de troca e experiências/habilidades, de experimentação e criatividade.** Neste momento perguntei se alguém que estava ali sabia alguma atividade manual que poderia ensinar ao grupo num outro momento. Um dos que ai estavam disse que sabia confeccionar pulseiras com fio de telefone, outro sabia fazer artesanato com palito de fósforo e outros falaram sobre outras atividades realizadas no próprio CAPS (Origami, kirigami e mosaico com E.V.A) em outros momentos.

Falei da possibilidade desta oficina se transformar futuramente em uma oficina de geração de renda, porém, isso seria uma consequência de um trabalho realizado, ou seja, de **um caminho percorrido com eles.**

Após explicar a proposta da oficina, mostrei fotos de alguns dos produtos feitos numa oficina de mosaico realizada em outro CAPS, expliquei as etapas da atividade e demos início.

Primeiramente, após selecionar a superfície disponível para trabalhar, eles tinham que desenhar na madeira, decidir as cores à serem utilizadas, para assim, selecionar, lavar e cortar os plásticos, colar as peças para depois de secas, rejuntar e fazer o acabamento. Sugeri que neste primeiro momento realizassem a confecção em pequenos grupos, devido à escassez de materiais e instrumentos e estimular a interação/cooperação entre eles durante o fazer, assim ocorreu.

Algo me chamou a atenção, após a chegada de uma profissional durante a escolha dos desenhos: Duas adolescentes que estavam sendo assistidas por um dos profissionais escolheu uma figura, porém, embora estimuladas a fazer, não queriam desenhar. Após negociação com o professor, o mesmo concordou em ajudá-las e assim fizeram juntos. Nesse momento uma terceira profissional que observava a negociação interrompeu: “Quer que eu desenhe? deixa que eu desenho para vocês! (...) uma coisa que podemos fazer é deixar os desenhos prontos nas madeiras para eles só realizar o trabalho...” (sic.).

Nesse momento interrompi dizendo que elas com o professor decidiram fazer aquele desenho, me dirigi às adolescentes e perguntei sobre o que achavam sobre a ajuda do professor e mais uma vez estimulei: querem tentar desenhar? Responderam que não. Falei às mesmas: A atividade é de vocês!

Em seguida me referindo à sugestão da profissional, disse que poderíamos deixar desenhos prontos ou até mesmo desenhar para eles, porém, minha aposta é que eles criem os desenhos das peças, bem como ter o máximo de participação independente nos processos do fazer.

*A lógica ali tem sido na maioria das vezes, uma “lógica da passividade”, dá execução, tenho que executar o trabalho, “deixa que eu crio pra você”, não se constrói **com**, mas, **para** o outro... e tem que ficar bonito! Pois, **eu** não suporto aquelas peças mal feitas... precisamos educá-los! Por isso necessitamos de um artista para ensinar a fazer bonito, assim, o fim é a performance, o produto esteticamente bonito e não o processo, os afectos, as subjetivações, perceptos da composição e da troca.*

O Oficinar não é um território exclusivo de aprendizagem do uso dos materiais, artifícios e instrumentos, mas, principalmente como um meio de interação e comunicação entre os Oficinantes, antes, e destes com o fora da instituição.

Penso que há uma dimensão pedagógica no oficinar, porém, devemos nos perguntar: qual pedagogia? Uma “pedagogia da infantilização”. Nesse processo, o conhecimento é tratado como algo dado, que deve ser separado e “mastigado” para que sua absorção pelos alunos seja facilitada (ALVAREZ, 2007, p.196).

“Como é na roda da vida que se aprende e se ensina, podemos dizer que o aprendizado não passa por técnicas formais. (...) O foco não é o aprendizado ou a transmissão”. (Ibidem, p.29).

No uso dos artifícios artísticos e tecnológicos deve-se estimular, na medida do possível, a experimentação constante na utilização dos equipamentos, não propondo/impondo de antemão modelos prontos de desenhos, de como operar os equipamentos, da realização das etapas.

Ao iniciar a oficina de mosaico no dia 08/08/13 ao perceber que algumas pessoas haviam faltado, me vi diante de algumas questões que poderiam influenciar nos modos de fazer e de utilizar/distribuir a renda posteriormente. Estavam 4 profissionais e 8 participantes. As questões que se colocavam:

- Cada um faz a sua atividade e ninguém poderá continuá-la?

- Podemos produzir coletivamente uma peça?

Trago para o grupo exemplos de como alguns grupos/oficinas operam (...). Uma profissional fala que o dinheiro tem que ser realizado no CAPS AD para incrementar o tratamento dos mesmos com passeios, lanches, festas... pois, seria segundo ela será utilizado para usar droga.

*Reforço que a relação com o dinheiro de fato é uma questão, inclusive podendo ser discutido com os familiares envolvidos sobre a utilização do mesmo, porém, que não determina que os mesmos iriam promover o uso de droga. Uma aposta eu enfatizo: precisa ser acordado **com** o grupo e os familiares, tanto a produção, venda e utilização do dinheiro, “se vier”.*

Um Oficinante fez uma fala: “quanto a isso tem que haver alguém que irá dizer e definir o que pode e o que não pode...”(sic.). Reforço que a ideia é a de que aquele coletivo defina, sem necessariamente ter alguém para ditar as regras com bases em experiências anteriores, inclusive eu.

Neste dia, foi um desafio abordar este assunto, quando o profissional insistia em querer de antemão definir o modo como seria feito a produção e o destino do dinheiro (que ainda nem existe!!!) sem ouvir os Oficinantes.

As Oficinas em saúde mental são, portanto um dos dispositivos da clínica que funcionam na lógica do encontro, onde se transversalizam histórias de vida e outros processos imanentes tomados uns nos outros entrecruzando-se em diferentes dimensões sociais, a política, a arte, a estética, a performance, as subjetivações, o poder, as instituições

Para Despret (2009, apud Moares, 2010) pesquisar com o outro implica tomá-lo não como “alvo”, um sujeito qualquer respondente às intervenções do Pesquisador/Terapeuta, mas, anunciar novas versões do que o outro pode fazer, abrir outras vias de realização e considerando o interrogado/Oficinante com um *expert*, seria assim uma redistribuição da *expertise*. Nesse sentido, o Pesquisar/Oficinar pode ser

considerada também um exercício de alteridade, uma busca pelo deslocamento de um suposto lugar de saber que em certos modos de produção (que nos atravessam) são reivindicados/afirmados para uma intencionalidade na composição dos afetos, percepções e agenciamentos com o objeto durante o processo/caminho de produção coletiva do conhecimento.

INVENTANDO MODOS: O OFICINAR NUMA ÉTICA DA VADIAÇÃO

“...É dia de brincadeira, de atenção aos tempos dos eventos, dos jogos, das conversas, dos encontros, das disputas. Sem pressa para realizar o que pretende, melhor ainda sem muitas pretensões. Na espreita, portanto, em espera dos acontecimentos, rindo quando conseguem o tempo de uma rasteira e rindo quando lhe passam as pernas. Afinal o riso na vadiação não surge apenas quando o tempo lhe é oportuno, mas também quando não lhe é. De qualquer modo é um evento e como tal devemos lhe render as homenagens devidas. A vadiação (...)permite ao aprendiz cultivar uma disponibilidade, uma disposição ao tempo dos eventos, atentos as dobras dos acontecimentos e a sua espreita sem ansiedade e pré-julgamentos” (ALVAREZ, 2007, p.145).

As experiências no oficiar comunicam que as oficinas são possíveis somente nos encontros e suas experimentações, nunca a priori, por mais que hajam apostas, planejamentos, encomendas e demandas. A ética da vadiação dá-se no “entre” das coisas, “nem meu, nem seu, mas, áquilo que surge no/do encontro num jogo lúdico, propício às diversas construções concretas, acompanhadas e movidas pelos movimentos do desejo, atento aos sons das linhas de fuga do berimbau viola.

O oficiar deve ser sempre permeável a reformulações, seu aspecto central gira em torno de um tempo-espaco comum e o compartilhamento no fazer. Primeiramente cabe ao oficineiro criar um clima afetivo acolhedor, necessário para quem chega e para num segundo momento deixar os oficianantes à vontade para criarem (ARALDI et.al 2012, p.48).

Ao oficiar é desejável estar aberto e um olhar (perceptos e afectos) aguçados, atento ás

minúcias, os processos⁸⁷, de forma que as atividades ou vivências propostas não se limitem ao planejado de antemão ou aos “objetivos terapêuticos”. Não se trata de não levar materiais ou “propostas de fazer”. Aliás, cada material/artifício utilizado terá sua peculiaridade técnica o que exigirá uma artesanaria, ou que abrirá possibilidades outras de exploração e interação.

Tomemos como exemplo o oficiar com um determinado jogo. Ao se encontrar com os oficianes seus desejos e recalcitrâncias, a proposta de jogar tal jogo transformou-se noutra quando o oficineiro e oficianes utiliza do jogo foi somente o dado e algumas peças, inventando um novo jogo. Num passeio, por exemplo, por diversas vezes, o mais importante será o caminho, o trajeto realizado e suas ilimitadas possibilidades de disparar novos encontros.

Neste CAPS, conheci Ilma, uma oficineira de atuação e ética. Ela trabalhou no manicômio ao lado enquanto auxiliar de serviços gerais durante 20 anos aproximadamente. Nos últimos anos, desde a fundação do CAPS, ela tem atuado enquanto Técnica de Referência no CAPS. Com artifícios artísticos de pintura, de costura, de bordado ela traz no corpo uma preocupação com o cuidado em saúde, com um manejo sensível, afetuoso e ao mesmo tempo técnico, ao meu ver demonstrou-me que para Oficiar não é necessário ser Psicólogo, Assistente Social e nem mesmo Terapeuta Ocupacional. Além de conduzir pinturas coletivas, acompanhamentos terapêuticos no território e oficina de marcenaria - com simplicidade, seu fazer comunica sem palavras um interesse, uma inclinação para o acolhimento do outro e a artesanaria no fazer.

Conheci também Assistentes Sociais, Psiquiatras, Educador Físico, Psicólogo e Enfermeiros que realizam oficinas diversas. Cada um a seu modo operavam a clínica por meio do oficiar, ora mais duros, ora mais flexíveis e ora em momentos de fuga e inventividade.

⁸⁷ “A oficina como dispositivo permite abrir um campo de criação que opera de acordo com os pressupostos da pesquisa-intervenção, ou seja, de que pesquisar é acompanhar processos e as modificações dos objetos e sujeitos envolvidos, o que exige que se faça uma análise de nossa implicação na pesquisa e com o campo onde nos inserimos. O que nos encaminha ao desejo de propor oficina como estratégia de pesquisa e intervenção institucional”(ARALDI et al, 2012, p.46).

Um dos focos norteadores dos meus trabalhos, tem sido a tentativa constante de "impregnar" minha prática com a linguagem da arte e da cultura. A arte nos permite um exercício de reinvenção no cotidiano e de produção de “rachaduras” nos modos vigentes do oficiar e de estar na vida. Trata-se de um cultivo concentrado e relaxado que busca sempre variações nos movimentos entre os corpos e os artifícios utilizados.

A ética da vadiagem traz um exercício de olhar/operar o oficiar enquanto uma clínica errante, nômade e híbrida. Ao **oficiar com** os participantes produz-se muito mais do que um produto, um conto coletivo, um macramê, um mosaico... Durante o fazer expressa-se movimentos existenciais do desejo e as relações cotidianas de uma vida.

Numa peça imprimimos relações singulares, aprendizados, narrativas, memórias, trocas de experiências... Por diversas vezes, ficam marcadas as impressões digitais de quem faz.

Cada pulseira, conto, modelagem ou outros artifícios utilizados devem primeiramente estar agenciados ao desejo, à criação e a expansão da vida. Neste contexto busca-se a constante experimentação e a livre expressão.



Foto: “A Bailarina” autor desconhecido, tela do acervo da oficina de pintura do CAPS coordenada pela grande amiga, Oficineira Ilma.

As rodas do oficiar precisam ser espaços potentes, motivadores, transformadores e criadores de novas idéias, movimentos e composições. Assim, se conseguirmos harmonizar a produção desejante e produção de vida material⁸⁸. Um modo outro de pensar a vida, modos outros de estar na vida que não aquele habitual naturalizado.

Aposta-se em encontros que se desdobrem e ressoem no cotidiano. Encontros capazes de novas diferenciações enquanto uma afirmação ético-política. É uma tentativa de forçar, torcer e problematizar modos de realizar oficinas estereotipados, escolarizados, moralizantes, hierárquicos, enfim - despotencializantes... que comumente se vê atualizando-se no cotidiano dos serviços de saúde, de assistência social e etc.

Por vezes nestas oficinas, rodas e ajuntamentos lado-a-lado, mas, não serializado, não unido, porém, em rede - busca-se no coletivo acompanhar os movimentos menores, jogar **com** os oficianantes num campo propício à liberdade do corpo em fluir nas diversas linguagens. Trata-se de estar mais os menos próximo, não no mesmo ponto, posição que desafia a cada momento inventar congruências operacionais que possibilite espaços de compartilhamento e experimentações (ALVAREZ & PASSOS, 2012, p.143).

Vi também que as oficinas funcionam como meio de relaxamento, motivação e existencialização não só para os oficianantes, mas, também para os Oficineiros que neste espaço é também atravessado pela loucura dos usuários e o próprio estresse do cotidiano de trabalho.

Nesse sentido, Rauter (2000, p.268) consonante à Guattari afirma que o trabalho e a arte podem ser grandes vetores de existencialização. Não é só para pacientes psiquiátricos que o trabalho e a arte têm uma função de inserção no mundo da coletividade; de rompimento do isolamento que caracteriza a vivência subjetiva contemporânea. As oficinas conforme manejadas pode nos tornar (oficineiros e oficianantes) agentes ativos no mundo em que vivemos e não apenas espectadores passivos ou espectadores passivos, submissos ao que ocorre fora de nós. Ou seja, precisamos analisar de modo

⁸⁸ (RAUTER, p.270, 2000).

local e situado em quais condições e relações o trabalho no mundo capitalista pode funcionar enquanto vetores de existencialização⁸⁹.

Não há “o modo” correto de se fazer Oficinas, “o dispositivo”, uma razão universal que permita julgar estes dispositivos. Se houver, que seja algo que considere “os modos de existência - segundo critérios imanentes, segundo aquilo que detêm em possibilidades, em liberdade, em criatividade. Foucault alude a critérios <<estéticos>>, entendidos como critérios de vida que, de cada vez, substituem pretensões dum juízo transcendente por uma avaliação imanente. Para Foucault, o dispositivo se define pelo que apresenta em novidade e criatividade, configurando sua capacidade de se transformar, ou bifurcar-se num dispositivo futuro, a menos que se dê um enfraquecimento da força nas linhas mais duras, mais rígidas, ou sólidas. (DELEUZE, p.3,1996).

Par Baremlitt (2002) o importante em um dispositivo é o seu funcionamento, sempre a serviço da produção, do desejo, da vida, do novo. Um dispositivo gera acontecimentos revolucionários e transformadores. Não respeita os territórios estabelecidos e consagrados para sua montagem e funcionamento, pelo contrário os faz explodirem e os atravessa conectando singularidades. Gera o que se denomina Linhas de Fuga do desejo, da produção e da liberdade, acontecimentos inéditos.

É importante na constituição da oficina no modo como estamos propondo que os efeitos do oficiar se desdobrem para além do tempo-espço com os oficinantes em seus territórios existenciais. Enquanto efeito do processo existencial, chega a hora de ocupar e intervir também no território geográfico e comunitário.

No caso das oficinas de “Ciranda de Histórias”, “Coral e Ritmo” (no CAPS e no Abrigo para população em situação de rua), o macramê... Em todos esses processos renderam produtos finais que, nestes casos, foi possível pensar o que se pretendia com esses produtos, a quem, o como e onde expô-los.

⁸⁹ “...o desejo é por si mesmo revolucionário por ser produtor não apenas de fantasias, mas de ‘mundos’, e é por isso que a questão das oficinas se reveste de um caráter imediatamente político. As oficinas serão terapêuticas ou funcionarão como vetores de existencialização caso consigam estabelecer outras e melhores conexões que as habitualmente existentes entre produção desejante e produção de vida material. Caso consigam conectar-se com o plano de imanência da vida, o mesmo plano com base no qual são engendradas a arte, a política e o amor.” (RAUTER, p.270, 2000).

Todas essas etapas devem ser discutidas entre os opinantes e opinários durante o processo, cadenciando os vetores existenciais, os objetivos desenvolvidos durante o processo e as potências como dispositivos neste momento em que os efeitos irradiam para espaços sociais outros que não somente os espaços que ocorrem as oficinas.

Ao escutar as narrativas de Malasartes e minhas vivências num Oficinário, percebi que o Oficinário não têm ligação direta/exclusiva com nenhum campo profissional em sua essência, diria talvez que dentre os especialismos do contemporâneo, poderia estar mais ligada ao campo da “Terapia Ocupacional” enquanto “profissão” e a “terapia ocupacional” do “senso comum”, por perceber que as demandas sociais e do campo assistencial são recorrentes a encomenda para este profissional a realização das oficinas, como se fosse uma espécie de “especialista no oficiar”.

POR UMA TERAPIA OCUPACIONAL

Por Sebastian Rodrigues

“Sabemos da importância daqueles que querem organizar a Terapia Ocupacional em pensamentos seguros e precisos, como se pudessem fazer da atividade um arco de movimento universal, medido por um goniômetro do deus absoluto. Valorizo e dedico minha lealdade a eles. Mas, graças a muitas cantorias, algumas nordestinas, a terapia ocupacional se faz também por goniômetros tortos. Tortos não porque não são precisos, mas, por que se entortam precisamente nas distorções dos sonhos.”(ALMEIDA in LEAL, 2005 p.12).

Nos trabalhos acerca da história da Terapia Ocupacional (T.O.) observamos que os autores fazem menção quase que exclusivamente a somente duas grandes escolas que influenciaram e institucionalizaram a T.O. enquanto profissão: a de Reabilitação Norte americana e a do Tratamento moral da França. Muitos ainda buscam “origens” na Grécia antiga e tentam fazer uma história linear, por vezes, fazem até um contraponto entre Saúde física versus saúde mental versus o senso comum de terapia ocupacional. Com que Terapia Ocupacional nos agenciamos? Quais são as apostas etico-estético-políticas nesta Terapia Ocupacional? Como se opera numa T.O.?

Pensando bem, há algum tempo venho pesquisando e refletindo sobre os aspectos históricos que envolvem o ofício da T.O. Cotidianamente percebo em minhas experiências algumas diferenças quanto aos modos hegemônicos que a T.O. tem se delineado enquanto profissão. Não pretendo aqui buscar uma origem, mas, olhar para a história entendendo os movimentos precursores, as quase-causas, os devires minoritários que de algum modo contribuíram e contribuem para a composição de um determinado campo de saber.

A T.O. como profissão é resultado histórico da divisão das classes sociais, e suas consequentes especializações do trabalho humano nas sociedades capitalistas e da tendência de compartimentalização fragmentária do conhecimento (MEDEIROS, p.39, 2003).

Um ponto comum da praxis neste campo é o uso das atividades e artifícios diversos enquanto meio (expressivo, cinesiológico, adaptativo...) de intervenção nos diferentes campos de atuação. Esses dispositivos de intervenção são compreendidos e utilizados diferentemente de acordo com as implicações e concepções ético-estético-políticas que os profissionais fazem ou assumem no contexto de atuação.

A Terapia Ocupacional enquanto profissão e campo de saber carrega em si o hibridismo das práticas cotidianas e seus atravessamentos entre senso comum, saúde física e saúde mental e área social. Além disso, trás em seus encontros um viés “underground” e anticapitalista, dependendo de como estas práticas se conjugam, suas implicações e a que demandas atendem.

O fazer da Terapia Ocupacional se configura no socius, funciona e produz efeitos rizomáticos. Este fazer é visto não mais como elemento redutor de sintomas, mas, enquanto produtor/criador de realidade humana (LEAL, p.13, 2005).

Um comum na Terapia Ocupacional é o seu olhar voltado para o sujeito em ação num cotidiano, suas articulações diversas, sua capacidade de criar novos possíveis diante das idas e vindas, tropeços e gaguejos, bem como a liberdade, a autonomia, a independência no fazer cotidiano. Suas intervenções buscam a ativação do plano dos

afectos, suas transversalidades e irradiações no coletivo, tendo o desejo como energia de movimento.

Podemos marcar quanto ao objeto da Terapia Ocupacional enquanto profissão técnica, e não somente enquanto aplicação de técnicas. Em T.O. as atividades humanas devem ser entendidas como dispositivos potentes para criar, recriar, produzir mundos. E que estas sejam repletas de simbolismos, isto é, que a ação não seja meramente um ato biológico, ou disciplinar, mas um ato cheio de intenções, vontades, desejos e necessidades. Não basta fazer, fazer e fazer, acreditando que o simples curso das coisas com isso se modifique (FRANCISCO, 2001, p.17).

O fazer deve acontecer num processo de identificação das necessidades, problematização e superação do conflito, bem como, é possível intervir não necessariamente somente a partir de um conflito, queixa ou doença, mas, também pela emergência de uma profissão compromissada com o social e não a serviço de interesses hegemônicos. Em Terapia Ocupacional aposta-se em intervenções que vão ao encontro da expansão e da afirmação da vida onde ela é prisioneira ou está limitada, enfraquecida.

Há a necessidade de se preparar profissional e tecnicamente quanto ao processo terapêutico, processos de subjetivações, interlocuções e manejo com os artifícios (recursos) terapêuticos, seus desdobramentos no real social, o interesse na disponibilidade aos encontros e seguir⁹⁰ seus afectos.

Afirma-se portanto a potencia da T.O. singularizar-se, diferir-se escapando assim dos modelos consagrados e modelizações, o que para Costa e Almeida (p.12, 2004) é o primeiro passo para construirmos uma T.O. a partir dos referênciais teóricos da

⁹⁰ “Seguir”, “que é coisa diferente do ideal de reprodução. Não melhor, porém outra coisa. Somos de fato forçados a seguir quando estamos à procura das "singularidades" de uma matéria ou, de preferência, de um material, e não tentando descobrir uma forma; quando escapamos à força gravitacional para entrar num campo de celeridade; quando paramos de contemplar o escoamento de um fluxo laminar com direção determinada, e somos arrastados por um fluxo turbilhonar; quando nos engajamos na variação contínua das variáveis, em vez de extrair dela constantes, etc. (DELEUZE, 1997, p.33)”

esquizonálise, o que ele denomina de conceito-exercício esquizo-ocupação.

Nessa Terapia Ocupacional trabalha-se com a noção de plano, pela potência da multiplicidade e por esta noção apresentar-se como uma zona de interferências que não exclui seus elementos mutuamente, mas, os intensifica nos encontros e seus atravessamentos o que na clínica chamaríamos de transdisciplinar. (COSTA e ALMEIDA, p.12, 2004).

A Terapia Ocupacional é múltipla, multiversa, diversa... Ou seja, não há uma identidade estática para a T.O. pelo contrário, seria uma relação de bricolagem, que combina diversos fragmentos teóricos, metodológicos, artifícios artísticos o que de certo modo problematiza e perturba a ordem da instituição Terapia Ocupacional, nos moldes hegemônicos a que por diversas vezes nos vemos capturados por interesses majoritários.

Nestes termos o Oficiar numa ética da Vadição estaria dentro desta Terapia Ocupacional. E esta Terapia Ocupacional se caracteriza pela escolha de atividades enquanto possibilidade de encontro com o outro e que se efetivam tanto nos diversos modo do oficiar, como também nas atividades humanas num cotidiano. As intervenções e artifícios escolhidas buscam novos possíveis, a ampliação/fortalecimento do ser humano engendrado no cotidiano de uma vida, suas singularidades e (des) potencializações.

*Atropofageando Heliana Conde (RODRIGUES, 1998, p.74) afirmamos que o sentido de nossa prática clínica opera-se no **entre**, no **com** e não no **sobre**, na intervenção do especialista. Intervir seria vir **entre**, em ação. Da mesma forma, buscamos abolir as classificações hierarquizantes que transformam as experiências em atuantes vitimizações e nos separam em norma e desvio, neurose e psicose (...).*

*“(...) Tomar **pelo meio** é prática **interventora**, **intercessora**, minimamente aberta às virtualidades ilimitadas das forças em suas composições e decomposições, desaprisionada de modos pré-determinados, pré-incritos e previsíveis (ou redundantes) de subjetivação” (p.74).*

O corpo do Terapeuta Ocupacional é o primeiro dispositivo de intervenção, move-se enquanto corpo-dispositivo e na maioria das vezes pode-se utilizar de uma infinita caixa de ferremanentas-dispositivos. Com coletivos, grupos, sujeitos... Seja em comunidades, espaços convencionais de proteção social, cuidado em saúde, educação e outros. O uso de métodos, teorias e técnicas diversas são manejadas de modo que sirva não para orientar, mas, para funcionar e fazer funcionar as forças e formas componentes no socius. Para Rodrigues (p.75, 1998) o conhecimento das ferramentas que há nesta caixa de artifícios não pode, de antemão, preexistir ao seu trabalho enquanto dispositivo de narrativa/figuração/subjetivação.

A autora enfatiza que é necessário que os profissionais desenvolvam a própria caixa de dispositivos-ferramentas cada vez mais ampliados, não se restringindo apenas àquelas que se costuma delimitar como as únicas pertencentes ao seu campo de trabalho (RODRIGUES, p.76, 1998).

Nesse sentido as ações em Terapia Ocupacional devem, mais do que apostar no manejo do cuidado através de atividades diversas, é necessário uma atitude constante de colocar-se em análise. Seria então um exercício de problematização constante que tem como bússola ética a expansão da vida.

TRILHAS E NARRATIVAS REGISTRADAS POR OUTROS

ALMEIDA, M.V.M. **Uma Terapia Ocupacional Leal**. In: LEAL, L.G.P. **Terapia Ocupacional Guardados de gavetas e outros guardados**. Recife: Ed. Do autor, 2005. 132p.

ALMEIDA, R. **Qual o lugar a cultura merece ocupar na cidade?** - Vídeo disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Z-vSkU5Mbos> Acesso em: 11/02/2015.

ALTOÉ, S. René Lourau: **Analista Institucional em tempo integral**. São Paulo, Hucitec, 2004 (p.47 – 86).

ALVAREZ, J. & PASSOS, E. Cartografar é habitar um território existencial, Em: Eduardo Passos, Virgínia Kastrup, Liliana da Escóssia (Orgs.). **Pistas do método da cartografia: Pesquisa-intervenção e produção de subjetividade**. Porto Alegre: Sulina, p.131-149, 2012.

ALVAREZ, J. M. **O aprendizado na capoeira Angola como cultivo na e da tradição**. Rio de Janeiro, UFRJ/Instituto de Psicologia, 2007. Tese (doutorado em Psicologia) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Instituto de Psicologia, 2007. Orientador: Virgínia Kastrup

ANGELI, A. A. C; COSTA, L. A.; FONSECA, T. M. G. CARTOGRAFAR. Em: Tânia Maria Galli Fonseca, Maria Lívia do Nascimento, Cleci Maraschin (Orgs.) **Pesquisar na diferença: um abecedário** – Porto Alegre: Sulina, p45-48, 2012.

ARALDI, E.; PICCOLI, L.F.; DIEHL, R.; TSCHIEDEL, R. G. **Oficinas, TIC e saúde mental: um roteiro comentado**. Em: PALOMBINI, A.L.; MARASCHIN, C.; MOSCHEN, S. (Orgs.). **Tecnologia em rede: Oficinas em rede: Oficinas de Fazer Saúde Mental**. Porto Alegre: Sulina, 2012 (p.43-58).

BAREMBLITT, G. F. **Compêndio de análise institucional e outras correntes: teoria e prática**, 5ed; Ed. Record, Belo Horizonte - MG, 2002.

BARROS, L. P. KASTRUP, V. **Cartografar é acompanhar processos**. Em: Eduardo Passos, Virgínia Kastrup, Liliana da Escóssia (Orgs.). **Pistas do método da cartografia: Pesquisa-intervenção e produção de subjetividade**. Porto Alegre: Sulina, p.131-149, 2012.

BENJAMIN, Walter. O Narrador: considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. **In: Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura.** 3. ed. São Paulo: Brasiliense, 1994. cap. 13, p. 197-221.

BRASIL, 2003. **A política do Ministério da Saúde para a atenção integral a usuários de Álcool e outras drogas. Brasília, 2003;**

BRASIL, 2003. **Portaria GM nº 336, de 19 de fevereiro de 2002.** Define e estabelece diretrizes para o funcionamento dos centros de atenção psicossocial. Brasília: Diário oficial da União. Brasil. (2003). Ministério da Saúde.

BRASIL, 2004. **Saúde Mental no SUS: Os Centros de Atenção Psicossocial.** Disponível em: http://www.ccs.saude.gov.br/saude_mental/pdf/SM_Sus.pdf. Acesso em: 18/10/2012.

BRASIL, 2011. **PORTARIA Nº 3.088, DE 23 DE DEZEMBRO DE 2011.** Institui a Rede de Atenção Psicossocial para pessoas com sofrimento ou transtorno mental e com necessidades decorrentes do uso de crack, álcool e outras drogas, no âmbito do Sistema Único de Saúde (SUS). Brasília: Diário oficial da União. Brasil. (2011). Ministério da Saúde.

BRASIL. 2007. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Núcleo Técnico da Política Nacional de Humanização. **Clínica ampliada, equipe de referência e projeto terapêutico singular** / Ministério da Saúde, Secretaria de Atenção à Saúde, Núcleo Técnico da Política Nacional de Humanização – 2. ed. – Brasília: Ministério da Saúde, 2007.

CARVALHO, S. R. & SOUZA, T. de P. **Reduzindo danos e ampliando a clínica: desafios para a garantia do acesso universal e confrontos com a internação compulsória.** Polis e Psique, V.2, 2012, P.27-58.

CEDRAZ, A.; DIMENSTEIN, M. **Oficinas Terapêuticas no cenário da Reforma Psiquiátrica: modalidades desinstitucionalizantes ou não?**, COIMBRA, C. **Análise de implicações: desafiando nossas práticas de saber/poder.** In: GEISLER, A. R. R.; ABRAHÃO, A. L. e COIMBRA, C. (Orgs.). Subjetividade, Violência e Direitos Humanos: Produzindo novos na formação em saúde. Niterói: EDUFF, 2008. Disponível em: <http://www.infancia-juventude.uerj.br/pdf/livia/analise.pdf>. Acesso em 20 de junho de 2014.

COSTA, M. C.; ALMEIDA, M V. M. **Esquizo-ocupação: uma ferramenta de análise da instituição Terapia Ocupacional.** Ver. Ter. Ocup. Univ. São Paulo, v.15, n.1, p.11-6, jan./abr.,2004.

DELEUZE, G. **Espinosa: filosofia prática** - São Paulo: Escuta, 2002.

DELEUZE, G. & GUATARRI, F. **Kafka por uma literatura menor**, Rio de Janeiro: Imago, 1977.

DELEUZE, G. & GUATARRI, F. **Mil platôs - capitalismo e esquizofrenia, vol. 5** / tradução de Peter Pál Pelbart e Janice Caiafa. — São Paulo: Ed. 34, 1997

DELEUZE, G. & GUATARRI, F. **O Anti-Édipo: Capitalismo e esquizofrenia**. Rio de Janeiro: Imago, 1976.

DELEUZE, G. & GUATARRI, F. **O que é a Filosofia?** Tradução de Bento Prado Jr. E Alberto Alonso Muniz. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1992.

DELEUZE, G. **Conversações**. São Paulo: Editora 34, 2000.

DELEUZE, G. **Políticas**; São Paulo, Ed, Escuta, 1998.

DELEUZE, Gilles. **¿Que és un dispositivo?** In: Michel Foucault, filósofo. Barcelona: Gedisa, 1990, pp. 155-161. Tradução de Wanderson flor do nascimento. Disponível em: <http://www.unb.br/fe/tef/filoesco/foucault/>. Acesso em: 15/10/2011.

DESPRET, V. **O corpo com o qual nos importamos: figuras da antro-po-zoo-gênese**. Despret, V. (2004b). The body we care for: Figures of anthropozoo-genesis. *Body and Society*, 10(2-3), 111-134. Tradução de Maria Carolina Barbalho, revisão de Ronald João Jacques Arendt. Texto disponível em: <http://www.xa.yimg.com/kq/.../Despret++Hans.doc>. Acesso em: 15/10/2014.

FALCÃO, J. L. C. **Unidade Didática 2 Capoeira** In: KUNZ, E.; Et al. *Didática da Educação Física 1*. 3ª edição. Ijuí, RS. Editora: Unijuí. p.55-91, 2003.

Fortaleza, Revista Mal-Estar e Subjetividade, v. 5, n. 2, p.300 - 327, 2005, Disponível em: <http://redalyc.uaemex.mx/redalyc/pdf/271/27117013006.pdf> - Acesso em: 5/10/11.

FOUCAULT, M. **A ética do cuidado de si como prática de liberdade**. In: *Ditos e Escritos V – Ética, Sexualidade, Política*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2004.

FRANCISCO, B. R. *Terapia Ocupacional*, 2ª ed. Ver. E atual. – Campinas, SP: Papyrus, 2001.

GUATARRI, F. (2004). **Psicanálise e transversalidade: ensaios de análise institucional**. Aparecida, SP: Idéias & Letras. (Original publicado em 1972).

KASTRUP, V. **O funcionamento da atenção no trabalho do cartógrafo.** Rio de Janeiro: Revista Psicologia & Sociedade; 19(1): 15-22, jan/abr., 2007.

LATOUR, B. *Como falar do corpo? A dimensão normativa dos estudos sobre ciência* Em: NUNES, J. A.; ROQUE R. **Objectos Impuros: Experiências em Estudos Sociais Sobre a Ciência.** Porto/Portugal: Ed. Afrontamento, p. 39-31, 2008.

LEAL, L.G.P. **Terapia Ocupacional Guardados de gavetas e outros guardados.** Recife: Ed. Do autor, 2005. 132p.

LEMBÁ, D. *Meu Berimbau Instrumento Genial.* Salvador: Ed. Jessé Figueiredo, 2002, 78p.

LIMA, E.M.F.A.; GUIRARDI, M.I. **Transdisciplinaridade e práticas híbridas em saúde mental.** Ver.Ter.Ocup.Univ.São Paulo, v.19, n.3, p.153-158,Set./dez.2008.

LOURAU, R. **Análise Institucional.** Petrópolis: Vozes, 1996.

MACHADO, L. D. **O que chamamos clínica?** Vitória: Palestra realizada no auditório da UFES em: 10 de outubro de 2007.

MACHADO, L.D.; LAVRADOR, M.C.C. **Por uma clínica da expansão da vida.** Interface - Comunic., Saude, Educ., v.13, supl.1, p.515-521, 2009.

MARASCHIN, C. RANIERE, E. **Bricolar.** Em: Tânia Maria Galli Fonseca, Maria Lívia do Nascimento, Cleci Maraschin (Orgs.) **Pesquisar na diferença: um abecedário** – Porto Alegre: Sulina, p45-48, 2012.

MARASCHIN, C.; FRANCISCO, D. J.; DIEHL, R. (orgs), **Oficinando em rede: oficinas, tecnologias e saúde mental.** Porto Alegre: Ed UFRGS, 2011. V.1. 232 p.

MEDEIROS, M. da R. **Terapia Ocupacional: um enfoque epistemológico e social,** EDUFSCAR, p. 176, 2003.

MERHY E.E. **Os CAPS e seus trabalhadores: no olho do furacão antimanicomial: alegria e alívio como analisadores.** In: Trabalho, Produção do cuidado e subjetividade em saúde: textos reunidos / Organização Tulio Batista Franco, Emerson Elias Merhy. 1.ed. – São Paulo: Hucitec; 2013. p. 213-225.

MORAES, M. **Pesquisar COM: política ontológica e deficiência visual.** In: MORAES, M.; KASTRUP, V.; **Exercícios de ver e não ver: Arte de Pesquisar com Deficiência Visual.** Rio de Janeiro, Editora Nau, 2010.

Município”.Vila Velha. 2008. Disponível em <http://www.legislacaoonline.com.br/vilavelha/images/leis/html/L47072008.html>: acesso em 13/01/2015.

PASSOS, E. & BARROS, R. B. A cartografia como método de pesquisa- intervenção, Em: Eduardo Passos, Virgínia Kastrup, Liliana da Escóssia (org). **Pistas do método da cartografia: Pesquisa-intervenção e produção de subjetividade.** Porto Alegre: Sulina, p.17-31, 2012.

PASSOS, E. H. & SOUZA, T. P. **Redução de danos e saúde pública: construções alternativas à política global de “guerra às drogas”.** Psicologia & Sociedade, 23(1), 2011, P.154-162.

PASTE, L. **Sobre Contar uma Vida: Imagens e Fragmentos de Histórias de “subjetivações em Estado de Pause” na Contemporaneidade,** 2011. Dissertação (Mestrado em psicologia institucional - Universidade Federal do Espírito Santo, Orientadora: Prof. Dra. Maria Cristina Campello Lavrador. Disponível em: http://portais4.ufes.br/posgrad/teses/tese_5265_Dissertacao%20Laura.pdf. Acesso em 04/04/2013.

PEDRO MALASARTES. In Britannica Escola Online. Enciclopédia Escolar Britannica, 2013. Web, <<http://escola.britannica.com.br/article/483447/Pedro-Malasartes>>. Acesso em:09 de dezembro de 2013.

PELBART, P. P. **A nau do tempo-rei: sete ensaios sobre o tempo da Loucura.** Rio de Janeiro: Imago, 1956.

PELBART, P. P. **Elementos para uma cartografia da grupalidade.** Disponível em:<http://www.itaucultural.org.br/proximoato/pdf/textos/textopeterpelbart.pdf> . Acesso em 26.06.2012.

PITTA, A. **Tecendo uma teia de cuidados em saúde mental.** Venâncio ATA, Cavalcanti MT, organizadores. Saúde Mental: campos, saberes e discursos. Rio de Janeiro: IPUB-CUCA (2001): 277-82.

PRECIOSA, R. **“Rumores discretos da subjetividade: sujeito e escritura em processo”.** Porto Alegre: Sulinas: Editora da UFRGS, 2010.

RAUTER, C. (2000). **Oficinas para quê? Uma proposta ético-estético-política para oficinas terapêuticas.** In P. Amarante (Org.), *Ensaio: Subjetividade, saúde mental,*

sociedade (pp. 267-277). Rio de Janeiro: Fiocruz.

RAUTER, C. **Subjetividade, arte e clínica**. In “Saúde e Loucura” Vol. 6 / Silva, A. E., Neves, C. A. B., Rauter, C. Passos, E. Barros, R. B. Josephson, S. C. (Orgs) – São Paulo, Hucitec, 1997.

RODRIGUES, H. B. C. **Direitos Humanos Intervenção Clínica**. In: **Psicologia, Ética e Direitos Humanos**/Comissão Nacional de Direitos Humanos do Conselho Federal de Psicologia - Brasília. 1998. p.65-89.

ROLNIK, S. **Cartografia sentimental: transformações contemporâneas do desejo**. Porto Alegre: Sulina; Editora da UFRGS, 2007.

ROLNIK, S. **Os mapas moveidos de Öyvind Fahlström**. 2000. p.1-23. Disponível em: < <http://www.pucsp.br/nucleodesubjetividade/Textos/SUELY/Fahlstrom.pdf>>. Acesso em: 13 jan. 2015.

UNAED: Deficientes mentais estão apenas à espera da morte. Reportagem divulgada na Web Disponível em: http://www.eshoje.jor.br/_conteudo/2014/01/noticias/geral/13960-unaed-deficientes-mentais-estao-apenas-a-espera-da-morte.html. Acesso em: 05 de janeiro de 2014.

VILA VELHA. **Lei nº 4.707, de 10 de setembro de 2008**. “Dispõe sobre a institucionalização dos bairros nas Regiões Administrativas, os limites e a denominação dos mesmos e os critérios para organização e criação de bairros, no perímetro urbano do Município”. Vila Velha. 2008. Disponível em <http://www.legislacaoonline.com.br/vilavelha/images/leis/html/L47072008.html>: acesso em 13/01/2015.